

RAFAEL VILAÇA EPIFANI COSTA



NOSSA SENHORA DE WALSINGHAM

Da Inglaterra ao Brasil

Laud

Costa, Rafael Vilaça Epifani

Nossa Senhora de Walsingham – Da Inglaterra ao Brasil -- Recife, PE: Laud;
Kindle Direct Publishing, 2025.

ISBN-13: 9798269620053

ASIN: B0FKC56WZ7

1. Virgem Maria 2. Mariologia.

3. Devoções Marianas I. Título.

CDU

“Nossa Senhora conduziu Richeldis em espírito a Nazaré e mostrou-lhe a casa onde o anjo a saudou. 'Olha, filha' disse Nossa Senhora. 'Tire as medidas desta casa e construa outra igual em Walsingham, dedicada a me homenagear. Todos os que chegarem lá encontrarão ajuda em suas necessidades.

'Será um memorial perpétuo da grande alegria da Anunciação, fundamento e origem de todas as minhas alegrias e raiz da graciosa Redenção da humanidade. Isto aconteceu através da mensagem de Gabriel de que eu seria mãe através da minha humildade e conceberia o Filho de Deus na virgindade.’
(Balada de Pynson, 1485)

Para a minha Senhora e Mãe do Céu,
à qual, um dia eu pedi, em sua Santa Casa,
que eu me tornasse um sacerdote de seu Filho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
PARTE I - ORIGENS DA DEVOÇÃO NA INGLATERRA	15
A aparição da Virgem Maria para Lady Richeldis	16
O selo e a imagem de Nossa Senhora de Walsingham	20
Devoções marianas pela Inglaterra	28
A Reforma Inglesa e a supressão dos santuários	31
PARTE II - A DEVOÇÃO ANGLICANA	45
O Movimento de Oxford e o Anglo-Catolicismo	46
O Padre Alfred Hope Patten	51
O santuário anglicano de Nossa Senhora de Walsingham	55
A influência da devoção anglicana sobre os ortodoxos	61
Imagens em paróquias anglicanas e episcopais	63
Ordens religiosas marianas no Anglicanismo	66
PARTE III - A DEVOÇÃO CATÓLICA ROMANA	71
O restabelecimento do Catolicismo na Inglaterra	72
O Cardeal Manning e as devoções do povo inglês	73
O santuário católico de Nossa Senhora de Walsingham	75
Imagens em paróquias católicas	80
O testemunho ecumênico	83
PARTE IV - A DEVOÇÃO NO BRASIL	87
A relação do Brasil com Nossa Senhora de Walsingham	88
Imagens em Paróquias Anglicanas no Brasil	94
As imagens de Nossa Senhora de Walsingham no Recife	99
PARTE V - A REFLEXÃO TEOLÓGICA	105
A Teologia da Encarnação e a imagem de Walsingham	106
A Mariologia Anglicana existe e ela deve ser estudada	111
Os documentos da ARCIC	131
CONCLUSÃO	141
REFERÊNCIAS	143
ANEXO – A imagem perdida foi encontrada?	145

APRESENTAÇÃO

Nessa obra inédita em língua portuguesa, apresento ao público brasileiro um panorama histórico e teológico sobre uma das mais belas devoções marianas na Tradição cristã. Desejo aproximar os fiéis de uma devoção que, embora esteja enraizada na Inglaterra, transcende fronteiras confessionais e culturais. Ao longo de minha caminhada como clérigo anglicano, e durante minhas pesquisas acadêmicas, procurei compreender não apenas o contexto histórico da aparição da Virgem Maria na pequena vila de Walsingham, em pleno século XI, mas também o significado teológico e espiritual dessa devoção que continua viva no coração de católicos, anglicanos e até mesmo de ortodoxos.

Para mim, ler, orar e meditar sobre a Virgem de Walsingham é revisitar a alma do Cristianismo inglês, marcada por uma profunda reverência à Encarnação e ao mistério da presença de Deus no mundo. A “Santa Casa” de Walsingham, inspirada na de Nazaré, é um símbolo da Encarnação vivida de forma concreta, é um espaço onde Maria é lembrada não apenas como Mãe de Deus, mas como aquela que acolhe o Verbo na simplicidade da vida humana. Essa dimensão encarnacional da fé cristã faz de Walsingham um santuário que fala a todos os cristãos, independentemente de suas tradições eclesiais e, inclusive, fala a nós, brasileiros, tão marcados pelas devoções marianas.

Ao trazer essa devoção para o contexto brasileiro, busquei mostrar como a espiritualidade de Walsingham pode dialogar com a nossa religiosidade popular e com a rica tradição mariana que molda o imaginário do povo brasileiro. E, por eu ser um clérigo anglicano, nesta obra darei uma ênfase à devoção mariana a partir de um ponto de vista da Teologia anglicana, para elucidar e desmistificar algumas questões.

Ao ler *Nossa Senhora de Walsingham: Da Inglaterra ao Brasil*, você leitor, não apenas encontrará um estudo histórico, mas uma ponte espiritual, um convite à unidade e à redescoberta do papel de Maria na vida da Igreja. É minha esperança que esta obra inspire a todos nós, anglicanos, católicos, ortodoxos – cristãos –, a contemplar, na Virgem de Walsingham, o sinal da maternidade divina que continua a acolher, interceder e reunir os filhos de Deus em torno de Cristo.

15 de outubro de 2025, Festa de Nossa Senhora de Walsingham
Rev. Dr. Rafael Vilaça Epifani Costa

INTRODUÇÃO

A devoção mariana na Inglaterra possui raízes profundas e complexas, atravessando séculos de história religiosa, conflitos políticos e transformações culturais. Desde os primórdios do Cristianismo britânico, a veneração a Maria se manifestou tanto em contextos populares quanto nos espaços litúrgicos das grandes catedrais e igrejas paroquiais. A Inglaterra medieval foi marcada por uma fé vivida intensamente, em que a figura da Virgem Maria desempenhava um papel central na espiritualidade do povo, sendo vista não apenas como mãe de Cristo, mas como intercessora, protetora e modelo de virtude cristã. Essa devoção, embora profundamente pessoal, refletia também o *ethos* comunitário de cada paróquia, moldando práticas de oração, festividades litúrgicas e expressões artísticas, que iam desde vitrais e esculturas até poesias e hinos dedicados à Santíssima Virgem.

Ao longo dos séculos XII e XIII, o culto mariano floresceu de maneira particularmente intensa, impulsionado pelo crescimento dos mosteiros e das peregrinações. A construção de santuários dedicados à Virgem se tornou uma prática comum, permitindo que fiéis de diversas regiões da Inglaterra pudessem buscar proteção espiritual, consolo em tempos de aflição e orientação moral. As crônicas da época registram milagres atribuídos à intercessão de Maria, fortalecendo sua imagem como figura central na vida religiosa. Ao mesmo tempo, a espiritualidade mariana não era apenas uma devoção popular; ela também constituía um elo entre o clero e os leigos, sendo ensinada nas liturgias, nos sermões e nas instruções catequéticas, reafirmando a importância da mediação da Virgem entre o humano e o divino.

Com a Reforma Inglesa iniciada no século XVI, a veneração à Virgem Maria sofreu intensas transformações nas Ilhas Britânicas. O rompimento radical com Roma e a implementação do Anglicanismo pelo rei Henrique VIII, o arcebispo Thomas Cranmer e seus sucessores, provocaram mudanças significativas nas práticas devocionais inglesas. Imagens, altares e santuários marianos foram destruídos, e a devoção à Virgem passou a ser fortemente desestimulada por algumas correntes protestantes, a exemplo dos puritanos e seus reformadores. Contudo, mesmo em meio aos desafios dos tempos da Reforma, a espiritualidade mariana não desapareceu completamente. Muitos fiéis continuaram, de forma privada, a cultivar sua devoção a Maria, preservando tradições

orais, orações domésticas e lembranças de festas marianas, demonstrando a resiliência de uma fé enraizada profundamente na consciência religiosa inglesa.

O período pós-Reforma viu o surgimento de diferentes expressões do Anglicanismo, algumas das quais começaram a revalorizar certas práticas tradicionais, incluindo aspectos da devoção mariana. Movimentos como o Anglo-Catolicismo no século XIX trouxeram à tona uma renovada valorização de Maria, suas virtudes e seu papel na história da salvação. Escritos teológicos, hinos restaurados e a redescoberta de antigas tradições litúrgicas fomentaram um retorno gradual da espiritualidade mariana, desta vez articulada dentro do contexto da teologia anglicana. Esse renascimento não se limitou à dimensão formal, mas também refletiu uma busca pessoal e comunitária por experiências espirituais mais profundas, que integrassem a meditação, a liturgia e a prática devocional cotidiana. Dentro desse contexto histórico e religioso, surgiram novas expressões da espiritualidade católica – em sentido *lato* –, com a refundação de mosteiros, ordens religiosas e até locais de peregrinação que se tornaram pontos centrais para a devoção cristã anglicana e católica na Inglaterra.

Entre esses, o Santuário de Walsingham se destaca por sua história singular e pela profundidade da experiência espiritual que oferece aos peregrinos. Localizado em Norfolk, Walsingham é tradicionalmente identificado como o lugar de uma aparição mariana no século XI, quando Lady Richeldis de Faverches – uma senhora nobre local – teria recebido a visão da Virgem Maria instruindo-a a construir uma réplica da casa de Nazaré. Esse evento marcou o início de uma devoção que se expandiria ao longo dos séculos, tornando Walsingham um dos mais importantes centros de peregrinação da Inglaterra medieval, atraindo fiéis de todas as partes do país.

O papel das mulheres na devoção mariana, especialmente no contexto de Walsingham, torna Lady Richeldis uma personagem fundamental (entre uma devota e uma vidente), para a propagação e preservação da fé mariana na Inglaterra. A difusão da devoção aos santos passa, antes por pessoas devotas, incluindo mulheres em posições de destaque, capazes de influenciar a espiritualidade local. Essa análise contribui para uma compreensão mais completa da dinâmica social e religiosa da Inglaterra medieval.

A espiritualidade em torno de Walsingham não se restringe apenas à história do local, mas envolve uma prática devocional viva, que sobreviveu aos séculos, sendo marcada até hoje por peregrinações, orações, cantos e celebrações litúrgicas regulares onde antes esteve o histórico santuário medieval. O culto mariano ali estabelecido no século XI e restaurado no século XX, reflete uma profunda intimidade entre o povo inglês e a Virgem Maria. Ao longo da história, Walsingham manteve seu significado como local de encontro entre o sagrado e o cotidiano, permitindo que gerações de cristãos, católicos e anglicanos, experimentassem uma espiritualidade centrada na contemplação e na presença materna de Maria na vida da comunidade.

Ao abordar a devoção mariana, é impossível ignorar a influência da Virgem de Walsingham na formação da identidade religiosa inglesa. O santuário tornou-se símbolo de resistência espiritual, de continuidade da fé e de integração entre tradição e renovação. Mesmo diante das turbulências da Reforma e das mudanças políticas, a memória de Walsingham permaneceu viva, consolidando-se como referência para a espiritualidade mariana e para a construção de uma identidade cristã inglesa que valoriza tanto a tradição quanto a experiência pessoal de fé.

Na parte histórica, a obra destaca a continuidade da tradição católica de Walsingham, que mesmo após períodos de crise, como o fechamento do santuário durante a Reforma, fiéis e clérigos e mantiveram viva a memória e a prática devocional de forma discreta, em casa ou em suas comunidades, preservando a narrativa, as orações e os relatos de milagres. Essa persistência evidencia a força da fé mariana e a resiliência da espiritualidade católica inglesa frente a desafios políticos e religiosos, sublinhando a importância de Walsingham como núcleo central da devoção da Inglaterra, sendo esta chamada popularmente de “O Dote de Maria”.

Do mesmo modo, a partir da história, será possível compreender as razões e o aprofundamento da devoção da Virgem de Walsingham, a partir do contexto anglicano. A relação entre o Santuário Anglicano de Walsingham e a espiritualidade mariana no Anglicanismo revelou-se um poderoso instrumento no processo de renovação espiritual desta tradição cristã, após o surgimento do Movimento de Oxford. Se a mensagem de Walsingham enfatiza a Encarnação de Cristo, o reavivamento espiritual que a Inglaterra passou a partir da segunda geração dos teólogos de Oxford – e sua aplicação na vida e na

liturgia da Igreja –, atestaram que tais práticas, embora antigas, melhor respondiam às demandas do mundo moderno e seus paradoxos.

A obra também destaca a relevância da Virgem de Walsingham no diálogo ecumênico. A devoção, embora enraizada no contexto anglicano, é reconhecida e valorizada por católicos e ortodoxos, criando um espaço de convergência espiritual entre diferentes tradições cristãs. Esse aspecto é especialmente importante para o Brasil contemporâneo, onde comunidades diversas podem compartilhar a experiência devocional, promovendo a unidade na diversidade e fortalecendo a compreensão do papel de Maria como intercessora universal.

Foi no período das Guerras Mundiais, que Walsingham deu um testemunho como local de encontro entre as mais diferentes tradições: Católica, Anglicana e Ortodoxa. O patrimônio inglês foi partilhado entre diferentes Igrejas, através dos cantos marianos, as orações e até procissões litúrgicas conjuntas, que criaram uma nova atmosfera de transcendência entre o povo inglês, permitindo que a comunidade participasse ativamente dessa nova experiência de fé, após quatro séculos de incertezas no período pós-Reforma.

Ao longo da obra, será possível perceber que a devoção à Virgem de Walsingham transcende fronteiras britânicas, encontrando eco em outras partes do mundo, incluindo o Brasil. Comunidades anglicanas brasileiras têm sido pioneiras em apresentar e consolidar a devoção à Virgem de Walsingham no país, através de suas práticas devocionais e em celebrações litúrgicas. Além do enfoque histórico e litúrgico, a obra também aborda a dimensão artística da devoção mariana.

Esculturas, imagens, vitrais e ornamentos litúrgicos de Walsingham são analisados como expressões concretas da fé, revelando como a espiritualidade se materializa no espaço sagrado, traduzindo o “ícone” como mediador entre o sagrado e o fiel – conceituado por Yves Leloup como “um . Essa perspectiva amplia a compreensão da devoção, mostrando que a experiência espiritual não se limita ao aspecto intelectual ou emocional, mas se manifesta também na estética e na sensibilidade humana.

Nesta obra, buscaremos resgatar, analisar e aprofundar essa tradição inglesa milenar, trazendo à luz tanto a dimensão histórica quanto a espiritualidade que envolve a Virgem de Walsingham. Trata-se de um estudo inédito no contexto brasileiro, pois reúne fontes históricas, textos litúrgicos e análises teológicas, oferecendo uma visão

abrangente e detalhada do fenômeno devocional que conecta a Inglaterra ao Brasil. Esta pesquisa procura não apenas narrar fatos, mas compreender a experiência espiritual, a prática de fé e a relevância da devoção para diferentes tradições cristãs, incluindo católicos, anglicanos e até ortodoxos que reconhecem, em Maria, um modelo de vida cristã.

Ao tratar das dimensões históricas, culturais, litúrgicas e espirituais da devoção de Walsingham, esta obra propõe uma melhor compreensão da espiritualidade mariana, mostrando como a experiência devocional moldou e continua a moldar a vida cristã. Lady Richeldis, ao receber a aparição da Virgem, inaugurou um percurso que atravessa séculos, transformando o espaço de Walsingham em um lugar de encontro com o divino Filho de Maria, refletindo ao mesmo tempo a riqueza e a simplicidade da espiritualidade popular inglesa, que há algum tempo também chegou em terras brasileiras.

PARTE I

ORIGENS DA DEVOÇÃO NA INGLATERRA

A aparição da Virgem Maria para Lady Richeldis

O percurso histórico da devoção à Virgem Maria, sob o título de Nossa Senhora de Walsingham, revela a complexidade da espiritualidade cristã, a partir da figura de Maria na Inglaterra. Desde a construção inicial promovida por Lady Richeldis até o auge das peregrinações medievais, o santuário desempenhou um papel central na vida religiosa do país. Durante séculos, fiéis percorriam longas distâncias para visitar a “Nazaré da Inglaterra”, como ficou conhecido o pequeno vilarejo, adentrando no santuário, buscando curas físicas e espirituais, orientação divina e consolo em tempos de dificuldade. Relatos históricos registram os vários milagres e experiências místicas, consolidando a fama do local como um centro espiritual de grande importância.

Toda a narrativa – e seus detalhes, históricos, simbólicos e lendários –, é emblemática para compreender o desenvolvimento da espiritualidade mariana de Walsingham e em toda a Inglaterra. A experiência de Lady Richeldis não se limita a um episódio isolado; ela inaugura uma trajetória espiritual que permeia a vida religiosa inglesa por séculos, influenciando tanto a prática devocional, litúrgicas, quanto a poesia, literatura e a arquitetura sacra, até os dias atuais.

A devoção a Nossa Senhora de Walsingham remonta ao século XI, durante o reinado de Eduardo, o Confessor, quando, segundo a tradição, a nobre viúva Richeldis de Faverches recebeu uma série de três visões da Virgem Maria, que a conduziu em êxtase ao local da Anunciação, em Nazaré. Durante essas visões, Maria teria revelado a Richeldis as dimensões exatas da casa da Sagrada Família, orientando-a a erigir uma réplica no vilarejo de Little Walsingham, transformando o local em uma espécie de “pequena Nazaré” na Inglaterra. Com isso, o vilarejo se tornaria uma extensão da Terra Santa, em uma época em que tantas pessoas que procuravam curas e auxílio divino, não tinham condições de sequer de sair das Ilhas Britânicas, ou de ir à Roma, muito menos à Jerusalém.

Richeldis de Faverches, também conhecida como Rychold, foi uma devota nobre cristã inglesa a quem se atribui o estabelecimento do santuário original de Nossa Senhora de Walsingham. A aparição da Virgem Maria a Richeldis é uma das primeiras aparições marianas registradas na Inglaterra. A história da visão foi contada no século XV

em *A Fundação da Capela de Walsingham*, também conhecida como a *Balada de Pynson*, publicada por Richard Pynson.

O único testemunho escrito sobre ela aparece numa balada escrita em 1460, aproximadamente 400 anos depois de sua vida. Também é instrutiva a existência do lugar de Walsingham e referências ao mesmo na literatura da idade média” (DICKENS, 2009, p. 11-12).

De acordo com a tradição preservada na *Balada*, Richeldis teve uma série de três visões nas quais a Virgem Maria lhe apareceu. Nas visões, a nobre senhora viu a casa da Anunciação em Nazaré e foi instruída a construir uma réplica em Walsingham como um local de peregrinação onde as pessoas pudessem honrar a Virgem Maria.

*Uma nobre viúva, certa feita dama desta cidade,
Chamada Rychold, em plena e viva virtude,
Fez a Nossa Senhora um pedido,
Para honrá-La com uma obra generosa,
Essa Virgem abençoada, a mais graciosa Senhora,
Garantiu sua petição, como depois contarei,
Para sua adoração edificar uma capela.*

Diz-se que Maria prometeu: “Quem procurar minha ajuda não irá embora de mãos vazias”. Porém, a construção inicial encontrou seus primeiros obstáculos: os pedreiros não conseguiam levantar a estrutura no local indicado, até que, após uma noite de oração de Richeldis, a pequena capela apareceu miraculosamente pronta em um terreno seco escolhido pela Virgem – confirmando a direção divina.

Diz a tradição que, quando Richeldis tratou de começar a construção da “Santa Casa”, viu certa manhã, com espanto, olhando para um prado, dois pedaços planos do terreno misteriosamente não-atingidos pelo orvalho, e esses dois planos correspondiam exatamente às dimensões dos alicerces da casa de Nazaré, que Richeldis havia medido em sua visão; porém, quando ela fazia começar a construção num daqueles lugares assinalados, que ficavam na proximidade de duas fontes, sobrevinham singulares acontecimentos, que estorvavam ou retardavam os trabalhos iniciados. Tudo falhava, e ninguém mais acreditava que a capela fosse algum dia acabada. Mas Richeldis voltou-se aflita para a Mãe de

Deus, pedindo-lhe auxílio e proteção para sua obra, e eis que, na madrugada de uma noite de oração fervorosa e confiante, seu pedido é satisfeito de modo maravilhoso: Richeldis encontra o santuário (a “Santa Casa”) muito bem construído a 200 pés de distância do lugar em que tinham começado a construí-lo. A esse grande milagre uniram-se muitas curas maravilhosas e o livramento dos mais variados perigos e necessidades. A fama de Walsingham como lugar de graças extraordinárias espalhou-se rapidamente, e começaram a afluir peregrinos de toda parte. Ao longo das estradas por onde passavam as peregrinações, foram erigidas de espaço a espaço capelas e outros lugares de oração. Duas capelas ainda existem: uma fica em King’s Lynn e é denominada Capela de Nossa Senhora da Colina Vermelha; a outra, situada em Houghton-in-the-Dale, é dedicada a Santa Catarina de Alexandria e conhecida por “Capela dos Chinelos”, porque aí os peregrinos tiravam os sapatos, continuando o trajeto descalços (ADUCCI, 2003, p. 93).

Esse evento marcou o nascimento concretizado da devoção local, com a capela atraindo os primeiros peregrinos. Relatos de curas, bênçãos e auxílio espiritual tornaram Walsingham um local reconhecido por sua atmosfera sagrada. Ainda de acordo com a tradição, estes problemas iniciais que envolveram a construção não apenas diziam respeito à ereção de um pequeno edifício para ser dedicado como um santuário análogo a outros da época, mas previa uma forma específica para ser construído, segundo as medidas exatas da casa original da sagrada família de Nazaré. Certa noite, Richeldis ouviu cantos e foi até seu jardim, onde descobriu que a casinha havia sido concluída a cerca de duzentos metros do local da construção original. Então, Richeldis viu o que ela considerou anjos saindo do edifício então concluído.

A Santa Casa original era uma estrutura simples de madeira medindo cerca de 24 por 13 pés (ou aproximadamente 8 por 4 metros), com quatro pequenas torres e uma torre central. A Santa Casa foi posteriormente revestida de pedra para protegê-la das intempéries. Nesta narrativa que consta nas baladas e nas lendas em torno de Walsingham, temos a presença de figuras angélicas que transportam a casa para um terreno específico. Aqui há uma notável semelhança entre as histórias da Santa Casa de Walsingham, na Inglaterra, e a Santa Casa de Loreto, na Itália.

Segundo a tradição, a Santa Casa de Loreto seria a própria casa em que a Virgem Maria viveu em Nazaré, enquanto a casa de Walsingham teria sido uma réplica dessa morada sagrada. Conta-se que a casa de Loreto foi milagrosamente transportada pelos anjos de Nazaré até o território italiano, passando por vários lugares até fixar-se definitivamente em seu local atual. Já a casa de Walsingham, teria se movido sobrenaturalmente cerca de sessenta metros até o ponto onde permanece até hoje. Das duas tradições, a de Walsingham é considerada mais antiga. A fundação de Loreto é datada de 1291, ao passo que a de Walsingham remonta a 1061. O primeiro registro escrito sobre Loreto surgiu em 1472, enquanto o de Walsingham é de pelo menos 1460.

É evidente que Walsingham não derivou de Loreto, mas o contrário. Por pelo menos dois séculos antes de se ouvir falar da casa italiana, multidões de peregrinos já acorriam à chamada “Nazaré da Inglaterra”. Verdadeiras ou não, as narrativas confundem-se com a fama de santidade adquirida pelos santuários, que durante séculos, registraram inúmeros milagres e graças que, segundo a tradição, foram ali concedidos. Em ambos os casos, algo chama a atenção: As duas Santas Casas possuem as mesmas medidas, que correspondem com a casa original, presente em Nazaré. E em momento algum, sejam videntes ou peregrinos, estiveram na Terra Santa.

Após a morte de Richeldis, seu filho – antes de partir para uma das Cruzadas – confiou o cuidado da Santa Casa aos cônegos de Santo Agostinho, uma ordem religiosa que viria a desaparecer séculos depois. Esses religiosos cercaram a pequena casa com uma grande igreja e construíram outros edifícios anexos, incluindo um hospício destinado a acolher peregrinos enfermos. As estradas que levavam ao santuário foram marcadas por cruzeiros e pequenas capelas, onde os viajantes paravam para rezar ao longo do caminho.

Sobre a datação histórica do edifício original do santuário, com base na revisão de documentos relevantes, o historiador J.C. Dickinson, defende uma data posterior para a fundação do santuário, em algum momento entre 1130 e 1153, que coincide com a fundação do priorado. Os Richeldis, identificados por Dickinson, morreram em 1145, deixando sua propriedade para seu filho. Antes de partir para se juntar à Segunda Cruzada, Lord Geoffrey de Faverches deixou a Santa Casa e seus terrenos para o seu capelão Edwin, o qual estabeleceu uma ordem religiosa para cuidar da capela de Nossa Senhora de Walsingham. À medida que viajar para o exterior se tornou mais difícil durante a época

das Cruzadas, Walsingham tornou-se um local de peregrinação, ficando ao lado de Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela.

A Inglaterra é conhecida como o “Dote de Maria” desde que o Rei Ricardo II ofereceu formalmente o seu reino a Virgem Maria como seu dote, em 1381 – tão bem representado no Díptico de Wilton. A devoção do país a Maria era vasta e a espiritualidade e a piedade inglesas refletiam isso:

Ó Inglaterra, vós tende todos os motivos para estar feliz por ser comparada à terra prometida de Sião. A graça e o favor desta gloriosa Senhora atestam que em toda parte podeis ser chamada de terra santa, Dote de Nossa Senhora, nome que vos foi dada desde a antiguidade. Este título se deve ao fato de aqui ser construída a casa da nova Nazaré em homenagem à nossa Rainha celeste e à sua gloriosa Saudação. Assim como Gabriel a saudou com um *Ave* na velha Nazaré, aqui, isto é diariamente lembrado com alegria.

A partir de então, todos os peregrinos que visitavam com devoção este lugar da Nazaré inglesa, desenvolveram uma confiança maternal em receber da Senhora a graça que pediam. Hoje, usamos a palavra “dote” para significar o dinheiro que uma noiva traz para o seu casamento, mas o significado medieval na Inglaterra era diferente. Era a parte do dinheiro que um homem reservava no dia do casamento para sua esposa, para sustentá-la sempre, mesmo na viuvez. Assim a mãe, como coração do lar, poderia continuar a cuidar e orientar a família.

Por isso, a palavra “dote” ao referir-se essencialmente a algo “reservado”, fazia da Inglaterra um reino “reservado” do resto do mundo, como um presente para a Virgem Maria. Como disse o Rei Ricardo II, ao oferecer a Inglaterra a Nossa Senhora: “Este é o teu dote, doce Virgem; governe-o, ó Marial!”.

O selo e a imagem de Nossa Senhora de Walsingham

A iconografia de Nossa Senhora de Walsingham tem suas origens mais autênticas no selo medieval do Priorado de Walsingham, que representa a Virgem Maria entronizada, segurando o Menino Jesus, cercada pela imagem do santuário. Este selo, cunhado entre os séculos XII e XIII, tornou-se a única recordação visual direta da antiga estátua

destruída durante a Reforma Inglesa. No lado reverso do selo, é retratada a *Holy House*, a Santa Casa que ter teria sido construída por Richeldis de Faverches, sob a orientação da Virgem.

O selo não era apenas decorativo, mas exerceu papel legal, autenticando documentos e proclamando a autoridade espiritual e temporal do Priorado. O uso do selo implicava reconhecimento do santuário como instituição sagrada e juridicamente estabelecida. A imagem que hoje conhecemos da Virgem de Walsingham, venerada nos santuários anglicano e católico, foi recriada no século XX pelo Padre Alfred Hope Patten. Ele baseou-se diretamente no selo antigo para esculpir uma estátua na Igreja de *St. Mary and All Saints*, em 1922.

A reprodução desse selo em tábuas, medalhas e materiais litúrgicos prosseguiu no século XX, especialmente a partir das décadas de 1920 e 1930, e teve como meta evocar a tradição espiritual perdida durante a Reforma. O estudo heráldico realizado em meados do século XX revelou que o selo trazia em seu escudo elementos simbólicos: lírios representando pureza, uma cruz negra simbolizando o sofrimento, e o emblema da Santa Casa, todos inscritos com o lema *Domus Dei, Porta Caeli* (Casa de Deus, Porta do Céu). A Santa Casa representada no selo reforça a convicção de que a visão de Richeldis tinha por objetivo trazer para a Inglaterra um *locus* sacramental análogo ao de Nazaré. Essa ideia foi cuidadosamente mantida na iconografia depois da destruição do primitivo santuário.



Representação do selo do Priorado de Walsingham. Este selo, que sobreviveu à destruição do Santuário original, está guardado no Museu Britânico, em Londres.

Imagem: English School (19th Century); Look and Learn.

Os símbolos presentes na imagem de NOSSA SENHORA DE WALSINGHAM



Descrição dos símbolos presentes na imagem de Nossa Senhora de Walsingham.
Edição: Rev. Pe. Rafael Vilaça.

A imagem de Nossa Senhora de Walsingham possui algumas características próprias, que a diferenciam de outras representações medievais da Virgem Maria. A mais marcante e a primeira notada é que ela está sentada num trono de madeira. Diferente de outras representações europeias – como a estátua de Nossa Senhora de Paris, na Catedral de Notre-Dame, que se encontra em pé, em uma pilastra –, Maria é representada sentada em um trono, que possui dois pilares, representando a Casa de Deus, a Igreja. Esses pilares são unidos por um arco-íris no encosto atrás da imagem, representando a Aliança de Deus com o seu povo (Gênesis 9:12). Os sete anéis cravados nos pilares do trono representam os sete sacramentos da Igreja.

Outra característica marcante é que ela representada como uma rainha inglesa do período medieval. Na cabeça, ela usa uma coroa saxônica com três pontas indicando as três pessoas da Trindade. Maria está igualmente vestida com as vestes de uma rainha anglo-saxã: o azul do seu manto representa a sua fidelidade a Deus e à sua Palavra, o vestido vermelho denota o seu estatuto real e o toucado branco denota a sua pureza. Na mão ela segura um cetro como Lírio-Triplo na sua ponta, símbolo da sua pureza, no momento da Anunciação de que iria conceber ao Filho de Deus, mas também de sua soberania como a nova Eva, de quem nasceu o novo Adão.

O tema da Encarnação é o principal motivo da imagem. O Menino Jesus – o Verbo encarnado – está sentado em seu colo, segurando o Livro dos Evangelhos. A sua mão direita abençoa, ao mesmo tempo que aponta para sua mãe, protegendo-a, com a sua própria bênção (“doravante todas as gerações me chamarão de Bem-Aventurada”, Lucas 1:48), e também nos recordando de suas palavras na cruz “Eis a tua Mãe” (João 19:26-27). Maria, através do seu sim, nos apresenta a Jesus Cristo, como Senhor e Salvador da humanidade. E o mesmo, a partir de sua cruz, nos deu por nossa mãe e Mãe da Igreja.

Na base da estátua, temos um detalhe: a Virgem pisa sobre uma pedra verde. Em algumas imagens, este pequeno detalhe chama a atenção: Aos pés da Virgem é possível ver a mesma pisando em um sapo. Esta pedra verde é também chamada de “pedra do sapo” (do inglês, *Toadstone*). Na Idade Média, acreditava-se que essas pedras ou gemas foram formadas nos corpos de sapos. Estes, por sua vez, eram vistos como uma das formas de se representar o mal. Em versões primitivas da Bíblia para o inglês, o Livro do Gênesis tinha uma tradução da palavra *serpente* para *sapo*. Assim, na iconografia, nas lendas e no imaginário da cultura anglo-saxã, a figura do sapo também passou a ser associada à presença do Mal. Por isso, na imagem de Walsingham, a mesma está sentada em seu trono e pisa sobre a “pedra do sapo”, esmagando o Mal, assim como em outras representações ela é mostrada esmagando a cabeça da serpente (Gênesis 3:15).

Quando olhamos para a imagem de Nossa Senhora de Walsingham nós vemos a representação de uma rainha anglo-saxã, coroada, assentada no trono, com o seu filho no colo. Mas qual a origem dessa imagética na concepção do povo inglês? É preciso lembrar que, historicamente, o Cristianismo nas Ilhas Britânicas sempre esteve próximo do Cristianismo Oriental, desde o processo de

cristianização das Ilhas Britânicas por comerciantes do Império Romano e por bispos, como Aristóbolo – presente antes mesmo do Concílio de Nicéia –, e da formação de comunidades, a partir de um modelo monástico-celta, com famílias inteiras vivendo ao redor dos mosteiros, onde os cristãos possuíam costumes distintos, por parte da cultura local, que era permeada por várias lendas e histórias antigas.

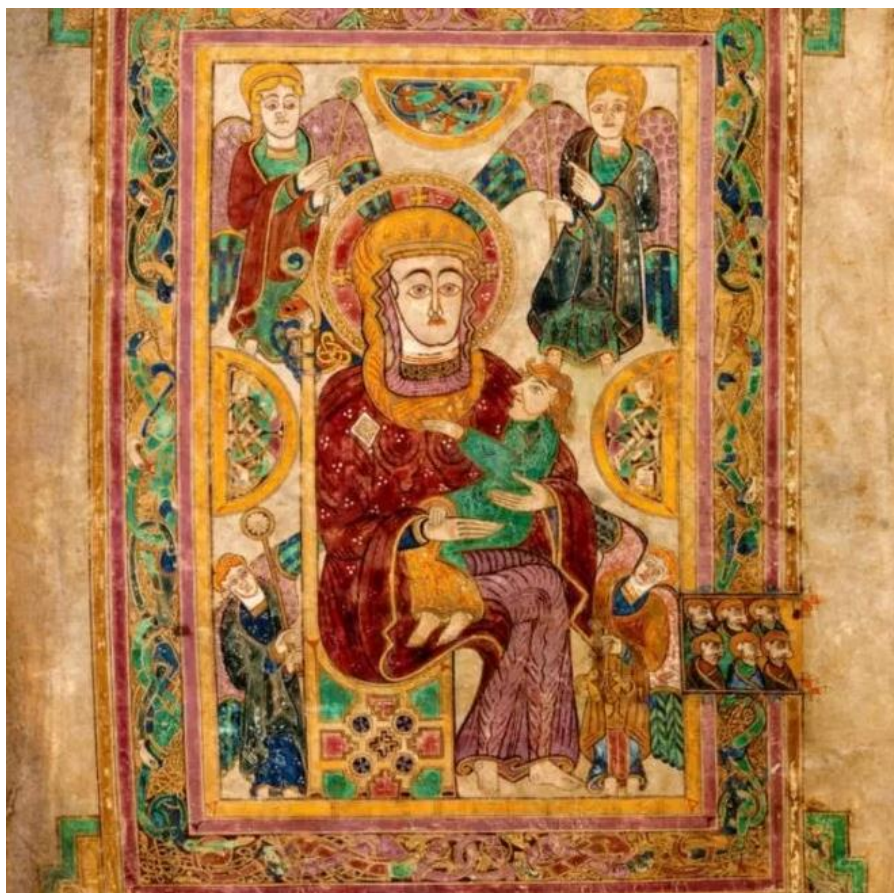
Dentre elas, temos uma lenda posterior que fala como José de Arimatéia teria levado Jesus, quando menino, até a Inglaterra (como no poema/música *Jerusalém*¹). Entre mitos fundantes e lendas medievais, há uma real importância das narrativas bíblicas e de seus personagens na concepção do Cristianismo insular, onde a Encarnação de Cristo tem um papel central nas crenças e práticas devocionais dos ingleses, seja no período celta ou no período de conquista pelos povos anglo-saxões.

O tema da Encarnação de Cristo e o papel de Maria estão presentes de forma visível no imaginário e na iconografia desde os primeiros séculos. Um exemplo é um fólio do Livro de Kells (*Book of Kells*), um evangeliário celta que mostra a Virgem Maria sentada em um trono, coroada, com o Menino Jesus no colo, numa posição muito semelhante à imagem de Walsingham.

O Livro de Kells é um manuscrito produzido por monges celtas, provavelmente na Irlanda, por volta do ano 800 – embora algumas tradições sugiram ligação com o mosteiro de Iona, na Escócia. É considerado uma obra-prima da arte insular, combinando uma ornamentação complexa, composta de entrelaçados celtas, figuras humanas e animais, com textos do Evangelho em latim. O livro contém os quatro evangelhos do Novo Testamento, organizados de forma ritual e litúrgica, e é notável tanto pelo rigor artístico quanto pela riqueza simbólica de suas ilustrações, refletindo a fusão da espiritualidade cristã romana com a tradição artística celta. Hoje, encontra-se preservado na Biblioteca do Trinity College, em Dublin, sendo admirado não apenas como documento religioso, mas também como patrimônio cultural e artístico de importância internacional.

¹ O poema *And did those feet in ancient time* (1804), do poeta inglês William Blake, narra uma história baseada em um texto apócrifo, na qual, durante a juventude, Jesus foi levado por José de Arimatéia até a Inglaterra, onde visitou a região de Glastonbury.

<i>And did those feet in ancient time,</i>	<i>E aqueles pés antigamente</i>
<i>Walk upon England's mountains green:</i>	<i>Caminharam pelas montanhas verdes da Inglaterra:</i>
<i>And was the holy Lamb of God,</i>	<i>E era o santo Cordeiro de Deus,</i>
<i>On England's pleasant pastures seen!</i>	<i>Visto nas agradáveis pastagens da Inglaterra!</i>



Fólio 7 do Livro de Kells (*Book of Kells*). Trata-se da mais antiga representação existente da Virgem Maria em um manuscrito ocidental.

Foto: Trinity College, Dublin.

O Fólio da Virgem (Fólio 7) é uma das páginas mais célebres do Livro de Kells, destacando-se por sua riqueza iconográfica e simbólica. Nessa página, Maria é representada de forma majestosa e central, geralmente rodeada de ornamentos intrincados, entrelaçados celtas e motivos geométricos que caracterizam a arte insular. A composição do fólio mostra uma fusão da estética celta com a Teologia cristã: Maria é tratada com grande reverência, e os elementos decorativos, como animais simbólicos e padrões complexos, carregam significados espirituais, refletindo a presença divina e a ordem cósmica. A atenção aos detalhes, a simetria e a intensidade das cores fazem do fólio uma obra de meditação visual, projetada para reforçar a devoção mariana.

Ao longo dos séculos – e em todas as culturas – arte foi fundamental para o Cristianismo porque serviu como meio de expressão da fé, de ensino e de contemplação do mistério divino. Através da beleza, a arte cristã tornou-se uma forma de teologia visível, revelando o sagrado e conduzindo os fiéis à adoração a Deus. Ao longo da história inglesa, assim como em outros países, as igrejas maiores – geralmente catedrais –, tinham anexas ao do altar-mor, geralmente ou na abside, em uma nave lateral ou atrás do altar a Capela da Senhora (*Lady Chapel*), ricamente adornada, com uma representação muito específica de Maria: A Virgem segurando o Menino no colo.

Antes de abordar a devoção mariana aplicada aos títulos e seus diversos santuários construídos em pequenas capelas até as grandes catedrais, é preciso compreender a evolução semântica da palavra *Mulher* utilizada na Bíblia e a sua relação com o título mariano de *Rainha*, que irá coroar as capelas dedicadas à Senhora com a sua representação da forma que ficou consagrada nas Ilhas Britânicas.

No Evangelho de João, redigido em grego, o termo utilizado para se referir a Maria aparece em dois momentos decisivos: nas Bodas de Caná e na Cruz do Calvário. No primeiro episódio, Maria *intercede* junto a Jesus diante da falta de vinho na festa, e Ele lhe responde: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” (João 2:4). No segundo, já no alto da cruz, Jesus confia Maria ao cuidado do discípulo amado e, ao mesmo tempo, entrega o discípulo aos cuidados de sua Mãe, dizendo: “Mulher, eis aí o teu filho; e ao discípulo: Eis aí a tua mãe” (João 19:26-27).

Aqui a palavra em comum, e em muitas traduções grafadas em maiúsculo, é *Mulher*². As palavras *gineko* (ou *gynē*) e rainha compartilham uma antiga raiz indo-europeia comuns, *g^wēn*, que significa *mulher*. O termo grego *gynē* deu origem a palavras como ginecologia (*gynelogia*), mantendo um significado mais amplo e relacionado à condição feminina em geral. Com o passar do tempo, o termo indo-europeu *g^wēn* evoluiu para o proto-germânico e para o inglês antigo *cwen*, assumindo o sentido e a grafia atual de rainha (*queen*), sendo esta a “esposa de um rei” ou “governante feminina”.

² Aqui também podemos fazer uma interpretação quanto ao sentido pessoal dado por Jesus ao chamar sua mãe de *Mulher*. Dado o costume judaico de honrar especialmente a figura materna, e o uso amplo de sentidos para uma mesma palavra no idioma hebraico, é possível aplicar o sentido da palavra *Mulher* para o pronome de tratamento *Senhora*. Assim, ao se dirigir a Maria, Jesus poderia estar dizendo: “Minha senhora”.

Em geral, nas coroações reais, é a esposa do rei, a sua consorte, que é coroada como rainha. Todavia, na cultura do Reino de Israel bíblico, o rei coroa a sua mãe como rainha, a exemplo do rei Salomão que coroou a sua mãe como rainha: “Saí, ó filhas de Sião, e contemplai o rei Salomão com a coroa com que o coroou sua mãe no dia do seu desposório e no dia do júbilo do seu coração” (Cantares 3:11).

No antigo Israel, a mãe do rei exercia um papel de grande influência e prestígio, frequentemente associada ao posto de rainha-mãe (*Gebirah*). Considerando a genealogia de Jesus é descrita de forma detalhada no início do Evangelho segundo Mateus (1:1-17), para apontar que Jesus é descendente de Davi, isto faz de Maria, mãe literal de um rei. Já na tradição cristã, a figura de Cristo como Rei do Universo (do grego, *Pantocrator*) é um dos temas mais elevados da Teologia a partir do século IV. Várias referências bíblicas poderiam ser apontadas para o título cristológico de Rei, como na narrativa da Natividade (Mateus 2:7 e Mateus 2:8) e nas narrativas da Paixão (Mateus 27:11, Marcos 15:2, Lucas 23:3 e João 18:33) e, na tradição apostólica posterior, a declaração de fé de que Jesus é o Senhor (*Kýrios Iesouís*).

Em relação à Maria, a base bíblica para uma declaração desta natureza, apontando-a como detentora do título de *rainha* é encontrada no Livro dos Cânticos (4:8), Salmos (44:11-12) e Apocalipse (12:1-7). Este título também está ligado diretamente a outro título mariano, cuja imagem é representada como a *Sede da Sabedoria* (em latim, *Sedes Sapientiae*), originada no século XI. Muitos dos primeiros cristãos viam Cristo como a Sabedoria encarnada; portanto, ao segurá-lo em seu colo, Maria se tornava a “sede/trono da sabedoria”.

Esse tema também se baseava na ideia da Virgem como sendo simbolicamente o *Trono de Salomão*, ou seja, o trono no qual o Menino Jesus se assentava, de modo muito semelhante às representações dos primeiros séculos, em iluminuras ou em ícones pintados, a exemplo da *Madonna* do Fólio 7 do Livro de Kells, ou o ícone *Salus Populi Romani*, que remonta ao século V ou VI. Já em escultura, as primeiras representações da Virgem com o Menino vêm do Egito, no século VII, com a *Eleousa*, ou “Virgem da Ternura”. Na Europa, temos como exemplo a *Madonna Dourada* de Essen, de 980, e a própria imagem de Nossa Senhora de Walsingham em terras britânicas. Cada vez mais, as igrejas passaram a contar com representações em escultura e capelas dedicadas a uma Senhora que era Rainha, a Mãe do Rei do Universo.

Devoções Marianas pela Inglaterra

A devoção mariana na Inglaterra vai muito além de Walsingham, manifestando-se em diferentes regiões por meio de santuários e imagens que, ao longo dos séculos, tornaram-se centros de peregrinação e espiritualidade, cada um com sua história singular e marcada pela resiliência diante das transformações religiosas, sejam guerras, ou de modo especial, a Reforma Inglesa.

Das menores das capelas às maiores das catedrais, as igrejas possuíam pelo menos um nicho com essa representação que permeou o imaginário do povo inglês e inspirou diferentes devoções e diferentes títulos marianos ligados aos santuários. Entre essas devoções, a de Nossa Senhora de Lincoln se destaca. Localizada na Catedral de Lincoln, dedicada à Virgem Maria, ela foi, na Idade Média, um importante centro de peregrinação do país, ficando atrás apenas de Walsingham. As peregrinações se concentravam principalmente em torno de uma estátua da Virgem com o Menino, que infelizmente foi destruída durante os períodos de iconoclastia promovidos por Henrique VIII e pelos reformadores na década de 1640, sob o governo de Oliver Cromwell. Com o tempo, para resgatar essa tradição devocional, foi encomendada ao artista ortodoxo Aidan Hart a criação de um novo ícone em três dimensões, abençoado em 2014 pelo Bispo de Lincoln, renovando a veneração da Mãe de Deus naquele templo.

Outro marco da devoção mariana inglesa é Nossa Senhora de Cantuária, localizada na Catedral de Cristo em Cantuária, a Igreja-Mãe da Comunhão Anglicana. Antigamente, uma capela chamada *Our Lady of Undercroft* (Nossa Senhora da Cripta), existia sob o altar-mor da catedral, simbolizando a presença contínua de Maria na vida espiritual da Igreja. A imagem mariana, tradicionalmente representada em estilo inglês, mostra Maria sentada sobre um trono com o Menino Jesus nos braços, coroada como uma rainha anglo-saxã, refletindo a estética e a teologia mariana do período medieval. A estátua original do século XIV desapareceu durante a Reforma, e a que a substituiu no século XVII, em marfim e esculpida por um artista português, foi posteriormente roubada. A atual imagem é obra da artista beneditina escocesa, Concórdia Scott, cuja obra restaurou a devoção mariana à Catedral de Cantuária, mantendo viva a tradição espiritual de veneração à Virgem.

Em Londres, a devoção a Nossa Senhora de Pew, na Abadia de Westminster, também revela a importância de Maria para a vida

religiosa inglesa. Localizada inicialmente numa capela retangular do século XIV destinada aos monarcas, a estátua original desapareceu durante a Reforma Inglesa, mas a devoção não se extinguiu. Em 1971, uma nova imagem da Virgem com o Menino foi instalada na capela, esculpida em alabastro por Concordia Scott, da Minster Abbey, em Kent. O design desta peça do século XX foi inspirado numa Madonna de alabastro do século XV preservada na Catedral da Arquidiocese Católica de Westminster, criando um elo entre a tradição medieval e a espiritualidade contemporânea, permitindo aos fiéis experimentar uma continuidade histórica e devocional profunda.

A devoção a Nossa Senhora de Willesden remonta a tempos ainda mais antigos. Sua origem exata é incerta, mas há registros no século XV de peregrinações à igreja local de Willesden, onde uma nascente próxima ao santuário era considerada milagrosa, capaz de produzir curas. A primeira igreja foi construída em 938, quando Willesden ainda era um vilarejo nos arredores de Londres. Entre seus devotos famosos, destaca-se Thomas More, que visitou o santuário apenas duas semanas antes de sua prisão. A Madonna Negra original foi destruída em 1538 durante a Reforma, junto com outras imagens veneradas em Walsingham, Worcester e Ipswich. Somente no início do século XX, o Reverendo James Dixon iniciou a revitalização das peregrinações, e hoje existem dois santuários dedicados à Madonna Negra de Willesden: um anglicano e outro católico romano, simbolizando a continuidade e a resiliência da devoção mariana em diferentes tradições cristãs.

Por fim, a devoção a Nossa Senhora de Ipswich, também conhecida como Nossa Senhora da Graça, ilustra o esforço de preservação e revitalização das práticas marianas na Inglaterra moderna. Este santuário, muito popular antes da Reforma, foi suprimido, mas a tradição não se perdeu completamente. Em 1987, a Irmandade de Nossa Senhora de Ipswich foi fundada por membros da Igreja Católica de St. Pancras e da Igreja Anglicana de St. Mary de Elms, com o objetivo de rezar pela unidade cristã e reconstituir o santuário próximo ao antigo local medieval. Em 2002, uma réplica em madeira da antiga estátua foi esculpida por Robert Mellamphy e abençoada pelo bispo anglicano de Richborough, sendo instalada na Igreja de Santa Maria em Elms. A cerimônia contou com a presença de representantes de várias tradições cristãs, incluindo o Bispo Anglicano de St. Edmundsbury e Ipswich, o Deão Católico de Ipswich e membros das igrejas Ortodoxa e

Metodista, reafirmando o caráter ecumênico e a relevância da devoção mariana nos tempos contemporâneos.

As devoções marianas que floresceram em Lincoln, Cantuária, Westminster, Willesden e Ipswich revelam não apenas a riqueza espiritual da Inglaterra medieval, mas também a centralidade de Maria na vida religiosa de fiéis e comunidades. Cada santuário, com sua história própria, refletia uma prática devocional profunda, que unia oração, peregrinação, arte sacra e experiências místicas, constituindo uma expressão viva da fé cristã. Contudo, essa abundância de cultos marianos, longe de permanecer intocada, tornou-se um alvo direto das transformações religiosas e políticas que atravessaram o país a partir do século XVI. A devoção a Maria, tão presente na vida cotidiana, nos altares e nos caminhos de peregrinação, estava prestes a enfrentar um período de severa repressão e remodelação.

O cenário religioso da Inglaterra passou a ser profundamente marcado pela Reforma Inglesa, iniciada por Henrique VIII e intensificada nos reinados de seus sucessores, que buscaram consolidar uma Igreja nacional dissociada da autoridade papal. Entre as medidas que mais impactaram a vivência espiritual do povo esteve a supressão dos santuários marianos e a destruição de imagens, altares e relicários, ações que visavam eliminar o que os reformadores consideravam práticas supersticiosas ou desviantes da fé “pura” e protestante. Assim, as Madonnas de Lincoln, Cantuária, Westminster, Willesden e Ipswich, símbolos vivos de intercessão e devoção, foram removidas, queimadas ou perdidas, interrompendo abruptamente séculos de tradição devocional.

Essas devoções, embora muitas vezes menos conhecidas internacionalmente do que Walsingham, demonstram a profundidade e a diversidade da espiritualidade mariana na Inglaterra. Cada santuário revela não apenas a persistência da fé em períodos de crise e reforma, mas também a capacidade de adaptação e renovação da devoção ao longo dos séculos. Eles constituem testemunhos vivos da influência de Maria na vida religiosa inglesa, oferecendo aos fiéis oportunidades contínuas de peregrinação, oração e contemplação.

A interrupção dessas práticas devocionais não significou apenas a perda de objetos ou locais sagrados, mas também a ruptura de uma experiência espiritual profundamente enraizada na vida inglesa. Os fiéis, acostumados a peregrinar, rezar diante das imagens e celebrar festas marianas, viram-se privados de formas concretas de expressar sua fé. As

narrativas da destruição e das supressões, muitas vezes cruéis e definitivas, refletem não apenas uma mudança institucional, mas também um trauma espiritual coletivo, cuja memória permaneceu viva nas gerações seguintes, alimentando esforços de preservação e restauração.

A Reforma Inglesa e a supressão dos santuários

O Santuário de Nossa Senhora de Walsingham tornou-se, desde seus primórdios, um dos mais célebres destinos de peregrinação de toda a Inglaterra, atraindo devotos de todas as partes das Ilhas Britânicas e até do continente europeu. A antiga rota percorrida pelos fiéis, conhecida ainda hoje como *Palmers' Way* (Caminho dos Peregrinos), atravessava localidades como Newmarket, Brandon e Fakenham, conduzindo os viajantes à pequena vila de Walsingham, onde a piedade popular se unia à majestade da fé. A devoção mariana profundamente enraizada no coração do povo inglês se manifestava também nas inúmeras dádivas de terras, prebendas e igrejas oferecidas aos cônegos agostinianos do priorado, em reconhecimento pelos muitos milagres atribuídos à intercessão da Virgem de Walsingham.

Entre os peregrinos mais ilustres figuravam reis e nobres que, movidos pela fé ou pela gratidão, visitaram o santuário. Henrique III fez sua peregrinação em 1241; Eduardo I, em 1280 e novamente em 1296; Eduardo II, em 1315; e Henrique VI, em 1455. Dentre todos, Eduardo I se destacava por sua intensa devoção a Nossa Senhora de Walsingham. Certa vez, durante um momento de lazer jogando xadrez, o rei sentiu um súbito impulso de se levantar, sem compreender o motivo. Pouco depois, uma grande pedra desprendeu-se da abóbada do salão e caiu exatamente sobre o lugar que ele acabara de deixar. Convencido de que fora salvo pela intercessão da Virgem, Eduardo I mandou oferecer ricos presentes em sinal de gratidão e reforçou ainda mais o seu amor e confiança em Nossa Senhora de Walsingham.

Mesmo o Rei Henrique VIII, antes de romper com Roma, demonstrou grande reverência pelo santuário. Em 1513, empreendeu a peregrinação a Walsingham caminhando descalço, gesto de humildade e penitência diante da Virgem. Dois anos antes, em 1511, o prestígio de Walsingham era tal que até mesmo Erasmo de Rotterdam, o grande humanista de Cambridge, viajou até lá para cumprir um voto pessoal.

Esses testemunhos revelam a importância singular que o santuário possuía no imaginário e na vida espiritual da Inglaterra medieval, símbolo de uma fé que unia eruditos e camponeses, reis e monges.

Porém, desde o final do século XV, a Inglaterra vivenciava tensões internas e externas: a população enfrentava crises econômicas, a monarquia buscava consolidar sua autoridade e havia uma crescente consciência sobre a necessidade de reformas na vida eclesiástica, incluindo críticas à corrupção, ao luxo clerical e ao poder temporal do Papa. Nesse contexto, a Reforma Protestante chegou à Inglaterra, marcando um dos períodos mais complexos e decisivos da história religiosa do país. Diferente do movimento continental liderado por Lutero ou Calvino, a Reforma inglesa teve características próprias, resultantes da convergência entre fatores políticos, dinásticos e religiosos, que culminaram na redefinição da Igreja e da vida espiritual do povo.

Nos primeiros anos do século XVI, o clero inglês ainda preservava muitas tradições medievais, incluindo a devoção mariana, a realização de peregrinações e a presença de numerosos santuários e mosteiros ativos. A Virgem Maria desempenhava um papel central na vida espiritual dos fiéis, e locais como Walsingham, Lincoln e Willesden atraíam milhares de peregrinos anualmente. Ao mesmo tempo, o humanismo renascentista começava a influenciar intelectuais e membros do clero, promovendo a valorização do estudo das Escrituras, a crítica à superstição e a busca por uma prática religiosa mais pessoal e ética. Essa atmosfera de questionamento preparou o terreno para mudanças mais radicais que se consolidariam nas décadas seguintes.

A Inglaterra de Henrique VIII, ao início de seu reinado, ainda era formalmente uma parte integrante da Igreja Católica Romana, com o Papa como autoridade suprema em matéria religiosa. No entanto, questões políticas e dinásticas colocaram a monarquia em conflito direto com a Santa Sé. Henrique VIII desejava assegurar a sucessão ao trono, uma preocupação central para a estabilidade do reino. Quando sua primeira esposa, Catarina de Aragão, não conseguiu gerar um herdeiro masculino, o rei buscou anular o casamento, enfrentando a recusa do Papa Clemente VII. Esse impasse marcou o início de uma série de ações que transformariam a Inglaterra em um reino religioso autônomo, com consequências duradouras para a estrutura e prática da fé. A Reforma inglesa não começou como um movimento teológico popular, mas sim como uma decisão estratégica da monarquia e de

teólogos como o novo arcebispo de Cantuária, Thomas Cranmer, utilizando-se de instrumentos legais e políticos para romper com Roma.

O Parlamento aprovou leis que estabeleceram o governo do rei sobre a Igreja Católica inglesa, culminando no Ato de Supremacia de 1534, que declarou Henrique VIII “Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra”. Com isso, a autoridade papal foi formalmente abolida no reino, e o monarca passou a exercer controle direto sobre doutrina, nomeações e administração eclesiástica, estabelecendo um precedente único no contexto europeu. Nascia, assim, uma Igreja Nacional.

Este processo da Reforma Inglesa teve efeitos imediatos sobre a vida religiosa cotidiana. Os santuários, capelas e imagens veneradas foram considerados símbolos de lealdade ao Papado por parte dos políticos, e como um símbolo máximo de práticas supersticiosas, por parte dos reformadores. A devoção mariana, central em diversos pontos do território, passou a ser alvo de restrições e repressão gradual, enquanto se buscava consolidar uma forma de fé que, em princípio, se aproximava de uma leitura mais “pura” e normativa das Escrituras, sem a intermediação do culto às imagens. Essa transformação não foi uniforme, gerando tensões entre clero e leigos, fiéis populares e autoridades locais, que resistiam à perda de tradições espirituais profundamente enraizadas.

A Reforma também incentivou a produção e disseminação de textos religiosos em inglês, visando substituir o latim como língua da liturgia e da instrução moral. O objetivo era aproximar a população da Palavra de Deus e reduzir a dependência da interpretação clerical. Obras como a *Bíblia de Thomas Matthew* – a primeira tradução autorizada para o inglês –, começaram a circular, transformando a relação entre o povo inglês e as Escrituras, logo após a publicação proibida da Bíblia em inglês de William Tyndale.

O conflito geracional e regional foi outro fator marcante. Em muitas regiões rurais, especialmente no norte e leste da Inglaterra, os fiéis continuavam a cultivar devoções marianas, celebrando festas e preservando tradições locais. No entanto, a política estatal impôs restrições cada vez mais severas, criando um clima de tensão entre a obediência ao rei e a fidelidade às práticas tradicionais. Essa dualidade marcou a experiência da fé durante décadas, resultando em resistências que buscavam preservar a memória e os ritos antigos.

No campo litúrgico, a Reforma Inglesa teve seu papel mais marcante. O principal dos reformadores, Thomas Cranmer, arcebispo

de Cantuária, publicou em 1549, a primeira edição do Livro de Oração Comum, que tornou-se o manual litúrgico do clero e do povo inglês, para orientar a prática devocional e dos ritos da Igreja, estabelecendo padrões que buscavam uniformizar cultos e minimizar práticas consideradas supersticiosas. Nesse contexto, a veneração mariana foi limitada a datas e festas bíblicas, incorporadas de forma moderada na liturgia, sem permitir peregrinações ou a veneração de imagens.

A dissolução de mosteiros e a retirada de santuários de suas funções tradicionais alterou profundamente a paisagem urbana e rural, retirando centros de educação, assistência social e produção artística. Muitos manuscritos, livros e obras de arte dedicadas à Virgem foram destruídos ou dispersos, apagando parte da memória histórica e espiritual do país. Ao mesmo tempo, algumas dessas peças foram preservadas clandestinamente por fiéis, garantindo a sobrevivência de fragmentos da tradição mariana que seriam redescobertos séculos depois. No campo teológico, a influência do Protestantismo, sobretudo do Luteranismo e do Calvinismo, serviu de referência teológica para reformadores ingleses, o que traria problemas mais tarde, para a própria manutenção da estrutura e da nova liturgia da Igreja da Inglaterra, por parte dos puritanos. Ideias como a negação do culto a imagens, a centralidade da Escritura e a crítica ao purgatório reforçaram a política de supressão de santuários.

Ao mesmo tempo, a Inglaterra manteve um caminho singular, criando uma igreja nacional autônoma que equilibrava elementos da tradição medieval com princípios reformistas, evidenciando a complexidade do movimento e sua singularidade europeia. Bispos de grandes dioceses, deões de importantes catedrais que funcionavam como santuários e o clero católico local, foram obrigados a jurar lealdade ao rei e a implementar os novos padrões litúrgicos, junto com medidas de conformidade religiosa, incluindo a destruição de imagens, livros de oração não autorizados e práticas consideradas supersticiosas. A centralização do poder religioso tornou-se instrumento político, garantindo que a autoridade real se sobrepusesse a tradições locais e a qualquer vínculo residual com Roma.

À época do governo de Henrique VIII, a devoção à Virgem de Walsingham era tão valorizada pelo povo, que membros da própria corte viajavam longas distâncias para visitar o santuário, tendo inclusive o próprio Henrique VIII visitado o Priorado. O fluxo constante de peregrinos não apenas fortalecia a importância espiritual do local, mas

também gerava um impacto econômico e social significativo nas vilas e cidades próximas, como Newmarket, Brandon e Fakenham, através das quais passava a principal rota de peregrinação, conhecida até hoje como o Caminho dos Palmers. Este percurso histórico, seguido por peregrinos durante séculos, evidencia a durabilidade da devoção mariana e a centralidade do culto à Virgem na religiosidade inglesa medieval.

Entretanto, tudo foi abruptamente transformado pelas novas políticas religiosas implementadas por Henrique VIII, no que ficou conhecido como a Dissolução dos Mosteiros. O impacto deste Ato Real foi imediato e brutal. Inúmeras igrejas, capelas, refeitórios e dormitórios monásticos ao redor da Inglaterra foram demolidos, enquanto tesouros acumulados ao longo de gerações – ouro, prata, livros litúrgicos e imagens sagradas – foram confiscados ou destruídos.

Em 1537, enquanto Richard Vowell, o último Prior de Walsingham, demonstrava uma obediência rigorosa a Thomas Cromwell, o Subprior Nicholas Mileham foi acusado de conspirar contra a implementação da supressão dos mosteiros menores. Com base em acusações frágeis e sem provas substanciais, Mileham foi condenado por alta traição e executado publicamente fora dos muros do priorado. Ao todo, onze pessoas perderam a vida nesse contexto, incluindo dois coristas leigos que haviam desempenhado papel decisivo na organização de uma resistência local. As execuções, realizadas de forma exemplar e cruel, evidenciam a intensidade das medidas adotadas pela coroa para assegurar o cumprimento das políticas de Henrique VIII e eliminar qualquer oposição à Reforma.

Pouco tempo depois, em julho, o Prior Vowell concordou com a completa destruição do priorado de Walsingham e cooperou com os comissários reais na remoção da venerada imagem de Nossa Senhora, assim como de inúmeros ornamentos em ouro e prata, participando também da pilhagem geral do santuário. Em reconhecimento à sua pronta submissão às ordens do rei, Vowell recebeu uma pensão anual de cem libras, uma soma considerável para os padrões da época, enquanto quinze dos cônegos remanescentes receberam pensões entre quatro e seis libras. O desmantelamento do santuário culminou na venda da propriedade, que Henrique VIII concedeu a Thomas Sidney. Entre o final do século XVII e o início do XIX, o antigo alojamento do Prior passou por sucessivas reformas, transformando-se eventualmente numa residência particular conhecida como “A Abadia”.

Os tesouros do santuário foram saqueados, incluindo todas as peças de ouro e prata, sendo levadas para Londres. No caso da estátua da Virgem de Walsingham, foi removida e, segundo registros, queimada, em 1538, de acordo com o registro de cronistas. Todavia, algumas questões sobre a queima da “bruxa de Walsingham” (como foi chamada por alguns reformadores ingleses), deixam a questão em aberto, como a falta de precisão dos relatos ou a própria resistência da população às reformas religiosas, quando não, aos atos de iconoclastia promovidos por ela.

Alguns relatos afirmam que a imagem de Walsingham foi queimada no pátio da casa de Thomas Cromwell, em Chelsea, e outros situam a queima em Smithfield. Outros relatos de destruição de famosas relíquias da época da Dissolução dos Mosteiros são igualmente imprecisos (a exemplo dos relatos da queima dos restos mortais de São Tomás Becket, quando seu santuário em Cantuária foi profanado).

O Bispo Hugh Latimer escreveu uma carta a Thomas Cromwell em junho de 1538, sugerindo a queima da imagem da Virgem de Walsingham e outros: “Eles fariam uma alegre reunião em Smythfeld”. John Husee, escrevendo a Lord Lisle, em 18 de junho, também tentou ser espirituoso sobre o mesmo assunto: “Neste dia, nossa falecida senhora de Walsingham foi levada a Lambithe [Lambeth], onde estavam meu Lorde Chanceler e meu Lorde do Selo Privado, com muitos prelados virtuosos, mas não foi oferecida nenhuma oblação nem vela. O que acontecerá com ela não está determinado”.

Aqui a falta de registros abre duas possibilidades para o destino da estátua: Primeiro, o destino na fogueira, e sua destruição definitiva. A segunda possibilidade é a substituição da imagem por outra. Conta-se que a imagem original pode ter sido substituída por outra, talvez por comissários de Thomas Cromwell e dos iconoclastas não terem conseguido localizar a estátua que se encontrava na Santa Casa.

Outras estátuas marianas famosas, como a de Nossa Senhora da Graça, em Ipswich, aparentemente foi levada para Nettuno, na Itália, sendo escondida pelo recusante Edward Rookwood, em Euston, em 1578. É possível que estas imagens tenham escapado da destruição – pelo menos por um tempo. Ao mesmo tempo, é difícil imaginar que nenhum esforço tenha sido feito para preservar a imagem de Nossa Senhora de Walsingham, especialmente porque a dissolução do Priorado e a destruição da Santa Casa foram vigorosamente contestadas pela população local.

Com a destruição do Prioriado, sobrou apenas arco principal da sua igreja e algumas ruínas ao redor, como testemunhas silenciosas da grande perda não só material, mas espiritual, da comunidade local, deixando marcas duradouras na memória coletiva do povo de Norfolk. Entre as expressões literárias surgidas após o episódio, destaca-se a balada elisabetana anônima *The Walsingham Lament*, que narra o sofrimento e a indignação do povo diante da destruição de seu sagrado espaço devocional. O poema captura a sensação de inversão do sagrado, o desespero coletivo e a percepção de que o mundo espiritual havia sido violentamente abalado. Em versos comoventes, a balada diz:

*Weep, weep, O Walsingham
Whose days are nights,
Blessings turned to blasphemies,
Holy deeds to despites.
Sin is where our Lady sat,
Heaven turned is to hell;
Satan sits where Our Lord did sway
Walsingham, O farewell!*

*Chora, chora, ó Walsingham,
Cujos dias são noites,
Bênçãos transformadas em blasfêmias,
Ações sagradas para despeito.
O pecado é onde nossa Senhora se sentou,
O céu se transformou em inferno;
Satanás está sentado onde Nosso Senhor reinou,
Walsingham, adeus!*



Ruínas do priorado medieval da Abadia de Walsingham, Norfolk, Inglaterra.

Foto: David P Orman.

Esta balada tornou-se um registro poético e simbólico da devastação causada pela Reforma, evidenciando que a perda de Walsingham não foi apenas física, mas representou uma ruptura profunda na vida espiritual do povo inglês. Milhares de monges, freiras e membros do clero regular perderam suas posições, propriedades e fontes de sustento. A redistribuição das terras monásticas, sobretudo após a Dissolução dos Mosteiros, permitiu que a nobreza adquirisse novas posses, reforçando a lealdade ao trono. Ao mesmo tempo, a população leiga enfrentou a perda de lugares sagrados de devoção, acesso a relíquias e a interrupção de práticas devocionais centenárias, como as peregrinações a Lincoln, Walsingham e Willesden. A devoção mariana, antes central, sofreu um severo golpe, sendo deslocada para formas privadas e, muitas vezes, clandestinas de expressão da fé

Aos poucos, todos os elementos da fé católica na Inglaterra foram sendo apagados ou jogados no ostracismo, inclusive a partir de uma substituição das devoções e do culto público da Igreja à Virgem, por um culto público e civil, agora prestado à Rainha Elizabeth I. O Dia da Ascensão ao Trono (*Accession Day*) tornou-se não apenas um feriado nacional, mas uma festa oficial da Igreja da Inglaterra.

O intento de estabelecer uma correspondência simbólica entre a rainha da Inglaterra e a Mãe de Jesus também se evidenciou nos pronunciamentos públicos de Elizabeth I. Em suas declarações, a monarca apresentava-se ao povo inglês como uma figura maternal, zelosa pela segurança e pelo bem-estar de seus súditos. Essa identificação com o ideal mariano não se restringiu à criação da festa da “Ascensão da Rainha ao Trono”, mas estendeu-se à adoção de títulos enraizados na tradição católica, como *Rainha Virgem* e *Gloriana*, pelos quais Elizabeth I reforçava uma imagem de pureza, majestade e autoridade sagrada, evocando simbolicamente a figura de Maria.

O culto à Gloriana foi habilmente criado para proteger a ordem pública e, principalmente, para substituir as exterioridades da religião pré-reformistas, a exemplo do culto da Virgem Maria e dos santos com suas imagens, procissões, cerimônias e comemorações profanas (PELIKAN, 2000, p. 217).

Na história da Inglaterra, o povo padeceu sob dois Cromwells, o primeiro Thomas Cromwell, Chanceler do Rei Henrique VIII, que levou a cabo a dissolução dos mosteiros e a destruição do Santuário e

do Priorado de Walsingham, com as suas reformas religiosas. O segundo foi Oliver Cromwell, que fez o país mergulhar em uma sangrenta Guerra Civil entre 1642 e 1651. O motivo do conflito era a contestação dos poderes absolutos do Rei Carlos I – da dinastia Stuart – e o Parlamento – representado em sua maioria por puritanos. Estes, desejavam uma Igreja da Inglaterra mais simples, por considerá-la “católica demais”, com sua hierarquia, bispos, ritos e a ligação direta com a Coroa, como Igreja Estabelecida. Já os partidários do Rei defendiam a monarquia, o episcopado e uma liturgia mais tradicional. Com a vitória do Parlamento, o Rei Carlos I e o Arcebispo de Cantuária William Laud foram decapitados pelos puritanos e, instaurou-se uma breve República sob o governo de ferro Oliver Cromwell, marcado pela perseguição ao Anglicanismo e pela tentativa de impor um regime puritano. Após a morte de Cromwell, a monarquia foi restaurada em 1660 com Carlos II, e a Igreja da Inglaterra foi oficialmente restabelecida. Apesar das pressões puritanas e de crises posteriores, como a Revolução Gloriosa de 1688, a Igreja Anglicana sobreviveu e consolidou-se como símbolo de estabilidade e identidade nacional entre os séculos XVII e XVIII.

Se, nas principais cidades, as grandes igrejas e catedrais ainda mantinham uma alta liturgia e cerimonial, com o fortalecimento do episcopado anglicano e dos seus ritos e a hierarquia católica – a chamada Igreja Alta (*High Church*), ainda preservada do ponto de vista político no Anglicanismo, por outro lado, o avanço da ala evangélica – ou da chamada Igreja Baixa (*Low Church*), especialmente a partir do século XVIII, representou uma transformação significativa na vida religiosa da Inglaterra. Movimentos reformadores internos à Igreja da Inglaterra começaram a enfatizar uma experiência pessoal de conversão, a leitura das Escrituras e a pregação fervorosa como instrumentos centrais da fé, em contraste com a prática ritual e a devoção mais institucionalizada pelo Estado, que caracterizava o Anglicanismo.

Essa postura evangélica buscava revitalizar a espiritualidade da população, promovendo não apenas um fervor moral, mas também engajamento social, com atenção às condições de vida das classes mais pobres e à propagação da fé por meio de sermões itinerantes e sociedades devocionais. Dentro desse contexto, surgiu o Metodismo, movimento iniciado por John Wesley e seu irmão Charles Wesley, que enfatizava a necessidade de uma experiência pessoal de conversão, o discipulado ativo e a prática do amor cristão em ações concretas.

Wesley, um sacerdote anglicano, até o final de sua vida manteve-se fiel à Igreja da Inglaterra. Mas buscando intensificar sua vida espiritual, organizou grupos de estudo bíblico e reuniões de oração, a partir dos quais, seus membros foram chamados de “metodistas”. O Metodismo como movimento espiritual, expandiu-se rapidamente, influenciando a prática religiosa no país, especialmente entre as classes trabalhadoras nas grandes cidades e também no campo, estabelecendo uma tradição evangélica dentro do Anglicanismo, que buscava unir fervor pessoal, compromisso ético e serviço comunitário, criando um legado duradouro no Protestantismo britânico e mundial.

Durante os séculos XVII e XIX, para muitas pessoas comuns do campo, a Igreja Metodista – surgida a partir de um rompimento de membros desses grupos com a Igreja da Inglaterra – era o lugar que chamavam de lar espiritual, um verdadeiro santuário, onde partilharam a sua fé e ao mesmo tempo questões do trabalho, e tornou-se o centro da sua vida social e comunitária. Durante a sua vida, o fundador do Metodismo teve a oportunidade de visitar o vilarejo de Walsingham.

Na terça-feira, 30 de outubro de 1781, John Wesley escreveu em seu diário: “Às duas da tarde preguei em Walsingham, um lugar famoso há gerações. Depois caminhei sobre o que resta da famosa Abadia, cuja extremidade leste ainda está de pé. Depois fomos ao Convento; os claustros e a capela são quase inteiros. Se houvesse um grão de virtude ou espírito público em Henrique VIII, esses nobres edifícios não precisariam ter ido à ruína”. Quando Wesley chegou a Walsingham, a Sociedade Metodista já se reunia há dois anos, embora não tivessem edifício próprio. Infelizmente, os primeiros livros de atas da Sociedade desapareceram há muito tempo. O Livro de Contas dos Curadores de 1793 nos diz que “a construção da Capela Wesleyana de Walsingham foi iniciada no dia 10 de Junho de 1793”.

Algo que chama a atenção na Teologia pessoal de John Wesley – um clérigo anglicano evangélico –, é a sua posição de defesa da virgindade perpétua de Maria. Na compilação de seus textos, intitulado *A doutrina do pecado original e tratados sobre vários assuntos da polêmica divindade* (1827, p. 532), Wesley escreveu: “Acredito que Ele se fez homem, unindo a natureza humana com a divina em uma pessoa; sendo concebido pela operação singular do Espírito Santo, e nascido da bem-aventurada Virgem Maria, que, tanto depois como antes de dar à luz, continuou sendo uma virgem pura e imaculada”. Aqui a pureza de Maria, como pré-requisito para o nascimento do Filho de Deus, é

destaque na teologia evangélica, contrastando com uma posição comumente percebida entre demais evangélicos e protestantes, que rejeitam a purificação plena de Maria – como parte da obra redentora de Deus – para que pudesse dar ao mundo o Redentor da Humanidade.

Nos séculos XVII e XVIII, a visão anglicana sobre a Virgem Maria buscava manter um equilíbrio entre a veneração segundo os moldes bíblicos e as tendências reformistas emergentes, que buscavam restringir o seu culto, enfatizando sua condição de mãe de Jesus e exemplo de fé, humildade e obediência, mas rejeitando doutrinas como a mediação junto aos fiéis através de sua intercessão. John Wesley incorporou essa perspectiva em seu ministério, mantendo o respeito por Maria como modelo de vida cristã e piedade exemplar, mas evitando cultos ou práticas devocionais que pudessem ser consideradas supersticiosas ou excessivamente ritualísticas.

Para Wesley, assim como a maior parte dos ingleses na época, Maria era uma figura inspiradora que ilustrava a obediência e a entrega a Deus, mas toda devoção deveria ser centrada em Cristo, alinhada à leitura das Escrituras e à experiência pessoal de conversão, refletindo a ênfase evangélica de seu movimento dentro da Igreja da Inglaterra.

Ao mesmo tempo em que a religião mudava na Inglaterra, ganhando contornos fortemente evangélicos, outro fenômeno religioso se desenvolveu entre famílias de diferentes classes: o cripto-catolicismo. Estes católicos ingleses eram membros de famílias nobres ou de camadas abastadas da sociedade que, embora legalmente obrigados a se conformar à Igreja da Inglaterra, continuavam a professar sua fé católica, mas em segredo. Suas práticas incluíam a celebração clandestina de missas, a manutenção de oratórios domésticos, a veneração de imagens de santos e da Virgem Maria, e a transmissão de tradições litúrgicas e devocionais de geração em geração. O objetivo não era apenas preservar a fé, mas manter uma continuidade cultural e espiritual com o passado católico da Inglaterra, antes da Reforma.

A sobrevivência do Catolicismo nesses contextos exigia uma discrição rigorosa. A presença de comissários reais e a aplicação de leis antipopulares criavam um clima de vigilância constante. Qualquer demonstração pública de devoção católica podia ser interpretada como desobediência ou traição religiosa, acarretando multas, confisco de bens ou até prisão. A devoção mariana, embora limitada, desempenhava um papel central entre os cripto-católicos. Festas marianas e lembranças de peregrinações antigas, como a rota de Walsingham, eram lembradas

oralmente, e histórias de milagres ou intervenções da Virgem continuavam a ser transmitidas dentro das famílias. Essa memória viva ajudava a sustentar a identidade católica, mesmo na ausência de santuários e celebrações públicas.

Esse fenômeno também teve um efeito sobre a relação entre católicos e protestantes. Embora formalmente integrados à Igreja da Inglaterra, muitos mantinham contatos com missionários ou clérigos católicos clandestinos, recebendo instrução espiritual, os sacramentos e aconselhamento moral em segredo. Essa rede discreta permitiu a sobrevivência da fé católica, mantendo vínculos com a tradição europeia e evitando a assimilação completa pela ortodoxia anglicana.

No plano social, os cripto-católicos frequentemente formavam comunidades restritas, unidas pelo segredo e pela solidariedade. As práticas religiosas compartilhadas em casas particulares reforçavam a coesão familiar e comunitária e transmitiam não apenas valores espirituais, mas também uma consciência histórica da perseguição sofrida. A identidade católica, portanto, era preservada como algo sagrado e simbólico, mesmo diante do risco contínuo de sanções legais ou perseguição. Além disso, muitos apoiaram a fundação de colégios católicos no exterior, como na França, na Bélgica e na Itália, permitindo que jovens ingleses recebessem educação religiosa completa sem risco de penalidade. Essa diáspora ajudava a manter a continuidade do clero e da vida devocional, criando uma rede que garantia a sobrevivência do Catolicismo inglês em meio à repressão doméstica e também pública.

Dentre os mais famosos cripto-católicos, discute-se o nome do dramaturgo inglês William Shakespeare. Embora não se tenha como precisar, porque há poucas coisas escritas dele sobre sua religiosidade. Também há o caso do reinado de Jaime II da Inglaterra (1685–1688), marcado por questões envolvendo anglicanos e cripto-católicos na Inglaterra. Jaime II, irmão mais novo de Carlos II, era abertamente católico em um país onde o Anglicanismo havia se tornado a religião oficial e o Catolicismo sofria desconfiança e repressão política. Nesse contexto ainda conturbado pelo período pós-guerra Civil Inglesa (provocada por parte dos puritanos), a sua ascensão ao trono gerou expectativas entre os católicos, muitos dos quais haviam permanecido discretamente fiéis à Roma ao longo de décadas de perseguição, na esperança de um alívio legal e de maior liberdade religiosa.

Durante seu reinado, Jaime II promoveu medidas que favoreciam os católicos, incluindo a nomeação de católicos para cargos

públicos e militares e a tentativa de expandir a tolerância religiosa por decreto real, contornando o Parlamento, que permanecia majoritariamente anglicano. Essas ações provocaram grande resistência entre a elite anglicana e o Parlamento, que viam a política do rei como uma ameaça direta à Igreja da Inglaterra e à ordem religiosa estabelecida desde a Reforma. O descontentamento culminou na Revolução Gloriosa de 1688, quando Jaime II foi deposto e substituído por Guilherme III e Maria II, estabelecendo novamente um regime anglicano dominante e reforçando a marginalização do Catolicismo.

Diante desse contexto religioso de resistência silenciosa e da prática devocional privada, surgiram as condições para que, ao longo dos séculos XVIII e XIX, houvesse uma lenta recuperação do Catolicismo na Inglaterra. A memória das peregrinações antigas, a devoção mariana transmitida de geração em geração e a persistência de famílias católicas tradicionais serviram como alicerces para o renascimento gradual da fé, à medida que leis restritivas começaram a ser relaxadas e novas formas de expressão religiosa surgiram. Assim, o legado dos cripto-católicos e um ensaio de retorno do Catolicismo no reinado de Jaime II se tornaram elementos fundamentais para compreender a sua ascensão, que não ocorreu de forma imediata ou triunfal, mas por meio de um processo de reconstrução, preservação da identidade e reaproximação de práticas devocionais antes reprimidas.

A ponte entre esse período de clandestinidade e o retorno mais aberto do Catolicismo evidenciou uma continuidade da espiritualidade mariana na Inglaterra. Embora o culto público e os grandes santuários ainda permanecessem ausentes ou reprimidos, a devoção à Virgem de Walsingham continuava mais do que viva nas casas e nas histórias transmitidas pelas famílias, preparando o terreno para um renascimento religioso que traria consigo, não apenas o retorno da antiga religião das Ilhas Britânicas, mas a restauração do santuário em uma época marcada por uma Inglaterra cada vez mais plural e, principalmente, tolerante.

PARTE II

A DEVOÇÃO ANGLICANA

O Movimento de Oxford e o Anglo-Catolicismo

O Movimento de Oxford, também conhecido como Tractarianismo, foi um dos momentos mais decisivos da história da Igreja Anglicana, marcando profundamente sua teologia, espiritualidade e prática litúrgica. Surgido no início do século XIX, mais precisamente entre 1833 e 1845, o movimento teve origem na Universidade de Oxford, entre professores e clérigos que buscavam responder a uma crise de identidade que ameaçava a Igreja da Inglaterra. Em um contexto de crescente secularização e de interferência política sobre a religião, os membros do movimento reagiram com vigor intelectual e espiritual, defendendo a natureza divina da Igreja, sua continuidade apostólica e a necessidade de recuperar a profundidade da vida sacramental.

A Inglaterra do início do século XIX vivia um momento de profundas transformações políticas, sociais e religiosas. O avanço do liberalismo e das ideias iluministas havia abalado as bases da fé tradicional, e a própria Igreja da Inglaterra sofria com um certo racionalismo teológico e um formalismo litúrgico. O Ato de Emancipação Católica de 1829, embora representasse um avanço na liberdade religiosa, foi visto por muitos anglicanos como uma ameaça à identidade nacional e eclesial da Inglaterra. Foi nesse ambiente que jovens clérigos e acadêmicos de Oxford começaram a refletir sobre a verdadeira natureza da Igreja e seu papel na sociedade moderna.

Entre os principais nomes do Movimento de Oxford destacam-se John Henry Newman, Edward Bouverie Pusey, John Keble e Richard Hurrell Froude. Todos eles compartilhavam a convicção de que a Igreja Anglicana não era meramente uma criação do Estado inglês, mas uma continuação viva da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Essa afirmação, que pode parecer simples, tinha implicações profundas: significava reivindicar para o Anglicanismo a autoridade dos Padres da Igreja, a validade da sucessão apostólica e a centralidade dos sacramentos.

A faísca inicial do movimento foi o célebre “Sermão da Apostasia Nacional”, pregado por John Keble em 14 de julho de 1833 na Universidade de Oxford. Nesse sermão, Keble denunciou a submissão da Igreja ao poder político e chamou o clero a uma renovação espiritual e doutrinal. A pregação foi recebida como um

manifesto, e dali em diante um grupo de intelectuais e clérigos iniciou a publicação dos chamados *Tracts for the Times* (Tratados para os Tempos), pequenos ensaios teológicos que buscavam instruir o clero e os fiéis sobre a verdadeira natureza e missão da Igreja.

Os *Tracts* tornaram-se o veículo mais importante para a difusão do Movimento de Oxford (também chamado de Tractarianismo). Escrito em linguagem acessível, cada tratado abordava temas doutrinários e espirituais fundamentais: a autoridade da Tradição, o valor dos sacramentos, o papel do episcopado e a necessidade de uma vida de santidade. O impacto foi imediato e profundo: em poucos anos, o movimento havia se espalhado por todo o país, despertando entusiasmo em uns e resistência em outros.

O cerne do Tractarianismo era a redescoberta do caráter sacramental da Igreja. Para os membros do movimento, a Igreja não era apenas uma comunidade moral ou uma instituição nacional, mas o Corpo místico de Cristo no mundo, mediadora da graça divina. Essa visão reintroduziu no Anglicanismo a noção de que a vida cristã se estrutura em torno dos sacramentos, especialmente a Eucaristia e o Batismo, e da santidade da vida cotidiana. Outro aspecto fundamental do movimento foi o retorno aos Padres da Igreja e à Teologia patrística. Newman e Pusey insistiam que a verdadeira interpretação das Escrituras só poderia ser feita à luz da Tradição viva da Igreja. Essa ênfase patrística reacendeu o estudo dos escritos de santos como Agostinho, João Crisóstomo, Basílio e outros, influenciando a Teologia anglicana subsequente.

O Movimento de Oxford também produziu uma revolução na liturgia anglicana. Antes do movimento, muitas paróquias celebravam o culto com simplicidade extrema, reduzindo a Santa Comunhão a uma cerimônia esporádica. Os Tractarianos, porém, defenderam a restauração da liturgia solene, com o uso de vestes, incenso, cânticos e rituais que expressassem a sacralidade do culto. Essa renovação litúrgica deu origem ao que mais tarde seria conhecido como Anglo-Catolicismo. No campo espiritual, o movimento promoveu um intenso retorno à oração, à confissão e à adoração eucarística. A ênfase no sacramento da Eucaristia levou a uma redescoberta da presença real de Cristo nas espécies consagradas, aproximando o Anglicanismo de sua herança católica. Igrejas começaram a instalar altares mais elaborados, retábulos e tabernáculos, e surgiram confrarias dedicadas à adoração eucarística e à intercessão.

John Keble foi um dos responsáveis por iniciar o Movimento de Oxford. Seu sermão *A Apostasia Nacional* – proferido em 1833, na Igreja de Santa Maria, da Universidade de Oxford –, foi o marco que impulsionou a publicação dos tratados. Sua vida simples, dedicada ao serviço pastoral e à oração, refletia o ideal do sacerdote santo e erudito. Keble enfatizava a santidade do dever cotidiano e a presença de Deus nas pequenas ações da vida, uma espiritualidade que ressoou profundamente entre o clero paroquial. Edward Bouverie Pusey, professor de hebraico em Oxford, tornou-se o principal continuador do movimento após a saída de Newman. Pusey defendeu com firmeza a necessidade da penitência, da direção espiritual e da vida devocional disciplinada. Ele também fundou comunidades religiosas femininas e masculinas, restaurando a vida monástica dentro do Anglicanismo.

John Henry Newman foi o coração intelectual e espiritual do movimento. Sua trajetória, porém, levou-o mais tarde à conversão ao Catolicismo Romano, em 1845, após profundas reflexões sobre a autoridade e a unidade da Igreja. Sua saída foi dolorosa e dividiu os Tractarianos, mas também deu ao movimento um caráter ainda mais introspectivo e teológico, sob a liderança de Pusey e Keble. A influência de Newman, entretanto, permaneceu duradoura. Sua teologia da Igreja e sua visão da fé como um ato da razão iluminada pela graça moldaram gerações de pensadores anglicanos e católicos. Mesmo após sua conversão, o ideal de uma Igreja inglesa profundamente enraizada na Tradição Católica continuou a inspirar os anglo-católicos.

O Movimento de Oxford também teve impacto político e social. Ao afirmar a independência espiritual da Igreja diante do Estado, os Tractarianos reforçaram a ideia de que a Igreja não era uma instituição subordinada ao Parlamento, mas um corpo espiritual com autoridade própria. Essa perspectiva contribuiu para a formação de uma consciência eclesial mais forte dentro do Anglicanismo.

O Anglo-Catolicismo, que emergiu como fruto do Movimento de Oxford, tornou-se uma corrente espiritual e teológica vigorosa dentro da Igreja Anglicana. Sua influência se estendeu às colônias britânicas e, posteriormente, às províncias anglicanas em todo o mundo, inclusive, chegando ao Brasil. A redescoberta do valor da liturgia e dos sacramentos também teve efeitos culturais e sociais no século XX. A música sacra floresceu, a arquitetura eclesiástica conheceu um renascimento neogótico, e o simbolismo religioso voltou a ocupar o imaginário dos fiéis.

No campo teológico, o Anglo-Catolicismo contribuiu para uma síntese entre fé e razão, tradição e modernidade. Seus pensadores insistiam que a fidelidade à Tradição não era um retrocesso, mas um modo de manter viva a fé em meio às mudanças do mundo moderno. Essa tensão entre continuidade e reforma tornou-se uma marca distintiva do pensamento anglicano. Além disso, o movimento promoveu o ressurgimento da devoção mariana dentro do Anglicanismo. Muitos dos Tractarianos viam na Virgem Maria o modelo de obediência e pureza da Igreja. Ainda que dentro de limites teológicos distintos dos católicos romanos, a redescoberta da figura de Maria como *Theotókos* reacendeu práticas devocionais e inspirou obras artísticas e litúrgicas.

Desde o início do Cristianismo, os cristãos tomaram a figura de Maria como um modelo perfeito de santidade, desenvolvendo uma veneração especial, pelo fato de ter sido a própria mãe de Jesus. Após o Concílio de Éfeso, tornou-se comum a dedicação de templos a Maria. Seguindo o exemplo da Igreja Católica Romana, essa prática também foi adotada por diversas Igrejas Anglicanas. Como resultado, é possível encontrar ao redor do mundo inúmeras catedrais e dezenas de capelas anglicanas consagradas à memória da Virgem Maria. Todas essas igrejas e catedrais, apesar de suas diferenças culturais, arquitetônicas e geográficas, compartilham uma mesma dedicação: honrar a memória da Virgem Maria, mãe de Jesus, dentro da tradição anglicana. Seja em grandes catedrais urbanas ou em pequenas igrejas rurais, a figura de Maria continua sendo fonte de inspiração, reverência e fé para cristãos ao redor do mundo.

Um dos mais famosos templos dedicados à Virgem Maria é a *Church of Saint Mary the Virgin*, localizada em Nova York, nos Estados Unidos, é uma das mais conhecidas igrejas anglicanas da cidade. Fundada no século XIX, ela se destaca por sua arquitetura neogótica impressionante e por sua tradição litúrgica de estilo anglo-católico, ou seja, com forte ênfase em ritos, música sacra e simbolismos semelhantes aos da Igreja Católica. Popularmente apelidada de *Smoky Mary* (do inglês, “Maria Fumaça”) devido ao uso abundante de incenso nas celebrações, essa igreja é um verdadeiro refúgio de espiritualidade e beleza no coração de Manhattan.

Na Escócia, encontramos a imponente *St Mary's Cathedral*, situada em Edimburgo. Esta catedral é a principal igreja da Igreja Episcopal Escocesa, que faz parte da Comunhão Anglicana. Sua

construção foi concluída no século XIX, em estilo gótico vitoriano, e uma de suas marcas mais reconhecíveis são as três torres que dominam o horizonte da cidade. Além de sua importância religiosa, a catedral é um centro ativo de cultura e música, com corais e concertos regulares que atraem visitantes e fiéis.

Já na Inglaterra, a Igreja Catedral da Bem-Aventurada Virgem Maria, localizada em Lincoln, é uma das maiores e mais antigas catedrais do país. Conhecida simplesmente como Catedral de Lincoln, ela foi fundada no século XI e é considerada uma obra-prima da arquitetura gótica inglesa. Durante um período na Idade Média, chegou a ser o edifício mais alto do mundo. Além de seu valor arquitetônico, a catedral é um importante centro de peregrinação e espiritualidade, dedicando-se há séculos à memória da Virgem Maria, mãe de Jesus.

Um exemplo de igreja de menor porte, mas igualmente significativa, é a Igreja de *St. Mary em Nackington*, também na Inglaterra. Trata-se de uma igreja paroquial que remonta ao período medieval e reflete o charme e a simplicidade das igrejas rurais inglesas. Situada em um ambiente bucólico, ela representa a continuidade da fé cristã ao longo dos séculos em pequenas comunidades, mantendo viva a tradição anglicana com devoção e intimidade.

A devoção a Maria também se estende à Ásia, como é o caso da Igreja de *St. Mary em Hong Kong*. Esta igreja demonstra a presença internacional da Comunhão Anglicana, que se adapta aos contextos culturais locais sem perder sua essência litúrgica e teológica. Em Hong Kong, a Igreja Anglicana – conhecida como a *Hong Kong Sheng Kung Hui* – mantém uma forte atuação na educação, no serviço social e na vida espiritual da comunidade, sendo a Igreja de St. Mary um exemplo vivo dessa missão.

Com o passar do tempo, o Anglo-Catolicismo se consolidou como uma das grandes correntes do Anglicanismo, ao lado da ala evangélica e da ala liberal. Essa diversidade tornou-se uma característica essencial da Comunhão Anglicana, refletindo sua capacidade de acolher múltiplas expressões teológicas sob a mesma fé. Na segunda metade do século XIX, o movimento anglo-católico passou a enfatizar a missão urbana e o compromisso com os pobres, especialmente nas periferias industriais da Inglaterra. Padres anglo-católicos se tornaram figuras centrais em bairros operários, levando não apenas a liturgia solene e a devoção aos santos, mas também importantes obras sociais, revitalizando bairros inteiros que eram os mais degradados das cidades.

Essa espiritualidade encarnada, que unia beleza litúrgica e compaixão social, tornou-se uma das marcas mais belas do Anglo-Catolicismo. A fé não era apenas contemplativa, mas transformadora; não apenas voltada ao altar, mas também às ruas, aos pobres e aos marginalizados. A herança do Movimento de Oxford continua viva. Suas ideias sobre a sacramentalidade da vida, a autoridade da Tradição e a beleza da liturgia permanecem como pilares da identidade anglicana. Mesmo diante dos desafios contemporâneos, muitos vêem no Anglo-Catolicismo uma fonte de renovação espiritual para o mundo moderno.

O Padre Alfred Hope Patten

Alfred Hope Patten foi um padre anglo-católico da Igreja da Inglaterra, conhecido pela criação³ do Santuário Anglicano de Walsingham. Patten nasceu em Londres em 1885 e foi educado na Universidade de Oxford. Ordenado sacerdote na Igreja da Inglaterra, desde cedo teve uma inclinação anglo-católica, desenvolvendo um forte apego à teologia, liturgia e à espiritualidade católica dentro do Anglicanismo.

Em 1921, Alfred Patten foi nomeado vigário da Igreja de Santa Maria e Todos os Santos (*St. Mary and All Saints*) em Little Walsingham. Inspirado por registros históricos e impulsionado pelo legado da espiritualidade mariana local, o Padre Patten desenvolveu um projeto pessoal, que viria a se concretizar a partir do ano seguinte: Reavivar a devoção mariana na Inglaterra. A construção do santuário representou um marco na recuperação da tradição mariana inglesa, não somente na Comunhão Anglicana, mas também em toda a região de Norfolk.

Em 1922, ele mandou esculpir uma nova estátua de Nossa Senhora de Walsingham, baseada nas descrições encontradas em registros históricos e, especialmente, no antigo selo do Priorado de Walsingham, que representava Maria sentada em trono com o Menino Jesus no colo. A imagem foi instalada primeiro dentro da igreja paroquial, mas a crescente popularidade das peregrinações – que atraíam centenas de fiéis – fez com que aumentasse a oposição por parte das autoridades eclesiásticas locais, incluindo seu bispo à época, que temiam um retorno ao “romanismo”.

³ Às vezes chamado por alguns de restauração do santuário, uma vez que o santuário anglicano foi oficialmente erigido antes do novo santuário católico.



Rev. Pe. Alfred Hope Patten, vestido com sua batina e barrete.
Autor desconhecido.

Diante disso, Patten e seus apoiadores organizaram a campanha *Holy House Appeal* para arrecadar fundos e construir um novo santuário dedicado exclusivamente à Virgem Maria, sendo um empreendimento ousado e ao mesmo tempo inédito na história da Igreja da Inglaterra. Ele então, começou a trabalhar com financiadores para adquirir alguns terrenos na aldeia e dar início ao sonho de reconstruir a Santa Casa.

Apoiado por bispos anglo-católicos, em 15 de outubro de 1931 ocorreu a transladação da imagem de Nossa Senhora de Walsingham, em meio a uma grande celebração, simbolizando o retorno da Virgem ao seu “trono” em Walsingham, após quase quatro séculos de ausência. A Igreja do Santuário e a Santa Casa nela encerrada foram consagradas pelo Bispo Stephen Mowbray O’rorke, no que foi uma celebração de proporções grandiosas para a época, iniciando com uma procissão, em que diáconos levaram a estatua, desde a Igreja paroquial de Santa Maria até o novo santuário.



Transladação da imagem até o novo santuário, em 15 de outubro de 1931.

Autor desconhecido.

O evento atraiu uma multidão de fiéis, clérigos, religiosos e simpatizantes do movimento anglo-católico. Com cerimonial solene, sendo levada em procissão, com cantos marianos e a recitação do Rosário, a imagem foi conduzida até a nova Santa Casa, sob intensa comoção popular. Os sacerdotes vestiram paramentos tradicionais, guiados por um cortejo cheio de incenso, cruzes processionais e estandartes marianos, em meio a um ambiente bastante reverente.

Caminhei pelo ambulatório sul e, olhando através do pequena janela (a única janela da casa tradicional), vi que estava em pé diretamente em frente ao altar. O interior da casa era realmente muito pequeno. As paredes estavam nuas e aproximadamente terminado. Velas estavam acesas em um castiçal. Ao lado deste e do altar, com seu crucifixo e suas cortinas vermelhas e douradas, a pequena casa estava bastante vazia. Acima do altar havia um nicho, no qual se encontrava a figura de Nossa Senhora, cópia exata da original, retirado de um selo do Priorado, deveria ser colocado. Então voltei para a igreja de Walsingham, que encontrei tão cheia de pessoas quanto antes. A oração foi feita pelo Rev. Alban Baverstock, e isso foi seguido pelo serviço da Bênção. Então a grande procissão foi formada. Enquanto

caminhava com os outros peregrinos pelas ruas da vila de Walsingham, eu estava fiquei impressionado com o pensamento de que ali estava acontecendo um encontro memorável entre passado e presente. Há quase mil anos, o primeiro santuário foi erguido em Walsingham. Agora, no século XX Inglaterra, ingleses de todo o país vieram para a renovação do santuário. A procissão – e quão semelhante deve ter sido às procissões de antigamente, e ainda assim quão diferente! – cresceu em tamanho à medida que os moradores, que haviam deixado seus trabalhos, e os que chegaram mais tarde se juntaram a ela do lado de fora da igreja. A cruz liderou o caminho, depois seguiram as crianças de Walsingham, vestidas de branco, e membros das guildas de Nossa Senhora, com seus véus azuis e brancos. A imagem da Virgem e o Menino foram carregados por quatro diáconos de honra e cercados por cinco guardiões, Rev. AH Baverstock, Rev. HJ Fynes-Clinton, Rev. EH Lury, Rev. H Whitby e Sir William Milner. Atrás do santuário, dois a dois, em ordem aberta, vinha a longa fila de oitenta sacerdotes, cada um com uma vela acesa. Seguindo-os estava o Abade de Nashdom e Bispo O'Rorke. Agora a procissão ultrapassou toda a extensão da rua da aldeia; e ainda atrás do Bispo havia um grande número de leigos, alguns dos quais mal tinham saído da igreja. Todos carregavam uma vela acesa (CHURCH TIMES, 23 out. 1931).

O acontecimento não foi apenas religioso, mas também uma declaração de fé dos anglo-católicos: proclamava-se ali, em plena Inglaterra anglicana, a permanência da fé na intercessão da Virgem Maria e na continuidade da tradição católica inglesa. Walsingham entrava em uma nova era em sua história e passou a influenciar o Anglicanismo inglês e mundial de uma nova forma.

A construção do santuário e da nova igreja foi acompanhada de um reavivamento espiritual que não era visto até então. Muitos devotos relataram curas, conversões e graças atribuídas à intercessão de Nossa Senhora de Walsingham. O próprio Padre Patten passou a ser visto como uma espécie de “confessor da fé”, mantendo fidelidade à tradição mariana mesmo diante de críticas e perseguições eclesásticas. Sua liderança carismática, porém, não esteve isenta de críticas, especialmente de setores evangélicos da Igreja da Inglaterra, que viam com desconfiança sua devoção mariana, o uso de imagens, vestimentas e práticas litúrgicas associadas ao Catolicismo romano.

Alfred Hope Patten faleceu em 11 de agosto de 1958, em Little Walsingham, numa noite bastante significativa em termos litúrgicos. Nesse dia, estava ocorrendo a primeira peregrinação episcopal ao Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham. Após a bênção final, feita com ostensório contendo o Santíssimo Sacramento, Patten passou mal na sacristia, vindo a falecer na mesma noite. Após sua morte, seguiu-se o funeral, em 14 de agosto de 1958. Ele foi sepultado no cemitério da Igreja de Santa Maria e Todos os Santos, a paróquia que cuidou por tantos anos. No funeral, houve uma forte participação da comunidade local, de peregrinos e de clérigos importantes da Comunhão Anglicana. A Missa de Réquiem contou com toda a solenidade devida ao restaurador da devoção à Virgem de Walsingham.

Até sua morte, Alfred Hope Patten viveu ao lado do santuário, promovendo celebrações solenes, acolhendo peregrinos e formando um clero anglo-católico profundamente devoto. A casa onde ele viveu, chamada *College of Saint Augustine*, abrigava também sacerdotes auxiliares e tornou-se um centro de formação espiritual mariana. Embora dentro do santuário exista um cenotáfio, com uma efígie de Patten, vestido com os seus paramentos de guardião, é no jardim externo da paróquia local, que se encontra o seu túmulo, em uma lápide simples. Após a morte repentina do seu fundador, o padre John Colin Stephenson o sucedeu como sacerdote-administrador do Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham.

O santuário anglicano de Nossa Senhora de Walsingham

O santuário tornou-se um dos maiores centros de peregrinação da Igreja Anglicana no mundo, sendo visitado por dezenas de milhares de fiéis a cada ano. O templo principal foi projetado como um grande espaço devocional, composto por duas igrejas: a réplica da Santa Casa, localizada no início, dentro da nave do santuário. Esta está encerrada por encerrada por uma igreja maior. A entrada da Santa Casa se volta para o altar-mor *ad orientem*. Acima do altar existe a capela do Santíssimo Sacramento que é acessada por trás, e acima do altar, uma semi-cúpula apresenta uma pintura da Virgem Maria sendo coroada por Cristo nos céus. Durante a reforma do santuário, em 1938, foram adicionadas quinze capelas auxiliares, simbolizando os mistérios da Vida de Cristo, meditados no rosário.



A Santa Casa (esquerda) e o altar-mor da igreja do santuário (direita).
Foto: The Shrine of Our Lady of Walsingham.



A imagem do Santuário Anglicano, encomendada pelo Padre Alfred Patten, em 1922.
Foto: The Shrine of Our Lady of Walsingham.

A igreja do Santuário foi construída em alvenaria e revestida de tijolo aparente, dando uma sensação de ser uma casa. Ao redor da nave principal, encontram-se algumas efígies dos fundadores do santuário, e imagens de diversos santos. Durante as escavações da fundação para a construção, o Padre Patten encontrou um poço, creditando a este a localização do antigo poço do histórico santuário. Desde então, criou-se o costume dos peregrinos receberem a Bênção da Água, para a cura do corpo, da mente e da alma. Junto ao poço, existe uma parede contendo ex-votos representados em placas, em que os fiéis agradecem curas alcançadas após terem visitado o santuário anglicano.

O Santuário contou ao longo de sua história com diversos sacerdotes administradores que marcaram profundamente sua vida espiritual e pastoral. O primeiro deles foi o Padre Alfred Hope Patten (1938-1958), restaurador da devoção e responsável pela reconstrução moderna do Santuário. Sucedeu-lhe o Padre John Colin Stephenson, (1958-1968), que consolidou a estrutura e ampliou a peregrinação anual. Em seguida, o Padre Charles David Smith (1968-1972) continuou a fortalecer a vida litúrgica e a acolhida aos peregrinos. O cargo foi então ocupado pelo Padre Alan Vincent (1973-1981), e posteriormente pelo Cônego Christopher Colben (1981-1986). Nos anos seguintes, o Padre Roy Fellows (1987-1993) deu continuidade à tradição de hospitalidade e devoção mariana, sendo sucedido pelo Padre Martin Warner, SSC (1993-2002), cuja liderança trouxe uma nova vitalidade pastoral e teológica ao local. O Padre Philip North (2002-2008), futuro bispo, prosseguiu esse trabalho, destacando o caráter missionário entre os anglo-católicos. O Bispo Lindsay Urwin (2009-2015), destacou-se pela proximidade com os peregrinos e pelo fortalecimento das vocações sacerdotais. Após ele, o Padre Kevin Smith (2016-2024) guiou o Santuário, com destaque para o Ecumenismo. Desde 2024, o Padre Ben Eadon assumiu o cargo, continuando a tradição de Walsingham, como um dos centros espirituais mais importantes do Anglicanismo.

Patten também fundou a Sociedade de Nossa Senhora de Walsingham (*Society of Our Lady of Walsingham*) para apoiar o apostolado mariano, promoveu rituais solenes, novenas e celebrações litúrgicas em honra da Virgem, e reintroduziu uma teologia mariana sólida e devocional no anglicanismo inglês. A liturgia adotada no novo santuário refletia as práticas anglo-católicas em ascensão naquele período: uso de incenso, vestes solenes, procissões marianas e missas votivas em honra da Mãe de Deus. Com o tempo, o local se tornou não apenas um ponto

de peregrinação, mas também um símbolo teológico da continuidade anglicana com a Igreja antiga, antes das rupturas da Reforma.

O santuário também foi um gesto pastoral ousado: num período em que a devoção a Maria era ainda marginalizada no Anglicanismo oficial, Patten assumiu o risco de confrontar normas litúrgicas para restaurar o que via como parte legítima da herança inglesa. Ele formou confrarias, criou rituais de bênção, escreveu orações, guias para sacerdotes e catequeses marianas, e o principal, organizou peregrinações anuais com grande participação popular.

A presença dos símbolos e da heráldica é marcante em Walsingham. O brasão de armas do Colégio dos Guardiões se baseia na imagem de um chapéu eclesiástico (o galero) presente na lápide do Rev. Alfred Hope Patten. Interessante que suas próprias armas não foram usadas. Segundo o Dr. Chad M. Krouse, especialista em heráldica, as armas do Priorado de Walsingham foram registradas por volta de 1510.

A Associação dos Padres da Santa Casa, fundada em 1931, reúne sacerdotes da Comunhão Anglicana que se comprometem a celebrar Missas votivas no Santuário, a recitação diária do *Angelus* e a propagação da devoção a Nossa Senhora de Walsingham. O Superior Geral da Associação é, *ex officio*, o Sacerdote Administrador. A adesão está aberta a sacerdotes do sexo masculino de qualquer Igreja em comunhão com a Sé de Cantuária, que foram ordenados por bispos em sucessão apostólica, e a diáconos e diaconisas dessas Igrejas. Como distintivos, é usado um crachá de membro, diferenciado por um fundo esmaltado azul escuro para os sacerdotes e azul claro para os diáconos. E na Santa Casa há uma lamparina acesa pelos sacerdotes associados.

A Sociedade de Nossa Senhora de Walsingham, cujos membros se reúnem em células locais ao redor do mundo e rezam pela vida do santuário. O Superior Geral da Sociedade é o Sacerdote Administrador do Santuário. Os seus membros comprometem-se à recitação diária do *Angelus*, como ato de memória do Santuário. Já a Ordem de Nossa Senhora de Walsingham, fundada em 1953, admite seus membros a partir dos serviços prestados ao Santuário. Eles têm privilégios especiais em Walsingham e se reúnem em capítulo anual. Desde 2000, tanto mulheres como homens, leigos ou ordenados, são simplesmente denominados “membros” da ordem. Seus trajes, anteriormente complexos, também foram substituídos por uma cruz e colarinho simples para todos os membros. E podem ser vistos durante os eventos e peregrinações que ocorrem em Walsingham.

O Colégio dos Guardiões do Santuário é o responsável pelo seu governo. É composto por vinte Guardiões, ordenados e leigos, sendo um deles eleito Mestre dos Guardiões. Eles têm trajes distintos, incluindo colarinho e uma estrela, sendo cobertos por um manto de veludo azul. Além dos vinte do corpo principal, há também um pequeno número de Guardiões honorários. Cada Guardião recebe um assento próprio nas estalas laterais do altar-mor da igreja do santuário e também um altar próprios no templo, e, em ocasiões litúrgicas como a Peregrinação Nacional⁴ ou durante celebrações no Santuário.



Brasão do Colégio de Guardiões do Santuário Anglicano.

Foto: Chad M. Krouse.

⁴ A Peregrinação Nacional ocorre sempre no mês de maio, que conta com milhares de pessoas. Também é organizada durante as férias a Peregrinação da Juventude, que sempre conta com a presença de vários sacerdotes e bispos de outras dioceses. Nos últimos anos, vem sendo conduzida pelo Bispo de Oswestry, Paul Thomas.

Com a restauração e expansão do Santuário na década de 1930, fez-se necessário a criação de símbolos e marcas distintas para o local, de modo que, naquela época, o Rev. Henry Joy Fynes-Clinton estava ativamente envolvido com o trabalho do Santuário e abordou o *College of Arms* em Londres para obter uma concessão para um brasão de armas. Ele pagou os honorários dos arautos pela doação em nome do Santuário. Fynes-Clinton escreveu um artigo para *Our Lady's Mirror* na primavera de 1945 intitulado *Armorial Bearings of Our Lady*, no qual descreve a nova concessão.

O antigo brasão do Priorado de Walsingham, que pode ser visto no vitral da Capela da Senhora na Igreja Paroquial e em outros lugares, quase pode ser considerado o Brasão de Nossa Senhora de Walsingham. O Colégio dos Guardiões da Santa Casa, como uma entidade corporativa proprietária de parte da antiga propriedade do Priorado e formada para continuar seu trabalho, pode reivindicar uma espécie de direito moral ao uso deste Brasão. Mas o uso de um Brasão e de um Brasão é limitado por regras rígidas e está sob a jurisdição do Colégio de Armas, com a autoridade do Conde Marechal e do Rei. "Sentindo, portanto, que seria apropriado que os Guardiões tivessem direito às suas próprias armas, um deles providenciou as taxas necessárias e obteve a concessão das antigas Armas do Priorado com uma 'diferença', a saber: uma representação, no canto do escudo, da Santa Casa. É um presente em homenagem à nossa Benfeitora e à nossa Rainha" (1945).

O Padre Fynes-Clinton salienta que as armas do Priorado de Walsingham, encontradas na janela da paróquia local, já existiam. Como tal, o Colégio dos Guardiões não poderia reivindicar legitimamente essas armas. Assim, as armas tiveram que ser diferenciadas para serem concedidas.

A Peregrinação Nacional ao Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham é o maior e mais expressivo evento de devoção mariana dentro do anglicanismo contemporâneo. Sua origem remonta à 1931, quando milhares de peregrinos passaram a reunir-se em Walsingham, no feriado de Whitsun. Em 1938, uma grande procissão partiu da igreja paroquial até o santuário, reunindo cerca de seis mil fiéis que atravessaram a Santa Casa em oração e louvor à Virgem Maria. A

partir de então, a peregrinação tornou-se um acontecimento anual, embora tenha sido interrompida durante a Segunda Guerra Mundial, sendo retomada em 1946 e oficializada, em 1959, com o nome de Peregrinação (*National Pilgrimage*). Desde então, ela ocorre todos os anos, no final do mês de maio, atraindo peregrinos de toda a Inglaterra e de outras partes do mundo anglicano.

Nos últimos anos, em contraste com a desaprovação episcopal inicial, os Arcebispos de Cantuária participaram da Peregrinação Nacional. A primeira vez foi em 1980, com a presença de Robert Runcie. Em seguida, Rowan Williams participou como Arcebispo em 2004. E por, fim, Justin Welby participou em 2019, sendo parte da agenda dos Arcebispos, como sinal de unidade da Igreja Anglicana.

A influência da devoção anglicana sobre os ortodoxos

Desde que o vigário anglicano de Walsingham em 1922, mandou construir uma estátua de Nossa Senhora de Walsingham, sacerdotes ortodoxos russos, gregos e sérvios expressaram seu desejo de que as peregrinações ali comesçassem de novo. O contexto primário diz respeito à Revolução Russa de 1917, quando exilados ou fugitivos de sua pátria, buscaram abrigo em outros países europeus, a exemplo da Inglaterra. Devido às fortes devoções marianas e os novos ventos do ecumenismo anglicano-ortodoxo, ambos incentivados na Inglaterra, logo, os peregrinos russos passaram a ser acolhidos em Walsingham, sendo incluídos no processo de renovação e ampliação do santuário.

O projeto original era que uma Igreja ortodoxa fosse construída ao lado do atual santuário, porém, isso nunca aconteceu. Todavia, o Arcebispo de Sawa de Grodno (ortodoxo polonês) estabeleceu uma capela para peregrinos ortodoxos, dentro do santuário anglicano, durante a Segunda Guerra mundial, uma vez que, estes, fugindo do conflito, muitas vezes buscaram asilo em terras britânicas. A pequena capela foi construída acima do altar-mor, contendo uma modéstia *Iconostasis* (a parede de ícones) que separa a nave do santuário, contendo imagens de vários santos da tradição ocidental e inglesa, como São Bento, São Miguel, da Dormição da Virgem, e eventos bíblicos como a Anunciação. Uma curiosidade, é que, devido ao tamanho compacto, a *Iconostasis* possui apenas uma porta central e apenas uma lateral, ao invés de duas, como é tradicionalmente construída.



Capela Ortodoxa no Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham.
Foto: Parish of the Kazan Icon of the Mother of God.

Esta capela ortodoxa foi consagrada na festa de Pentecostes, em 1945, sendo um marco para as relações anglo-ortodoxas. O próprio arcebispo ortodoxo Nestor Anisimov, bispo missionário na região de Kamchatka, no leste da Rússia, no início do século XX, celebrou a Divina Liturgia, no altar-mor do santuário. Este era o clima favorável entre anglicanos e ortodoxos. Tempos depois, após a guerra, um dos

peregrinos a visitar Walsingham foi o santo sérvio contemporâneo Nikolaj Velimirovic. As peregrinações ortodoxas regulares a Walsingham acontecem em Norfolk desde 1961. Na Igreja Ortodoxa, a comemoração de Nossa Senhora de Walsingham é realizada no dia 15 de outubro, no mesmo dia da festa da transladação da imagem para o novo santuário anglicano.

Do mesmo jeito, um antigo mosteiro de São Serafim – hoje mais um museu da presença dos cristãos orientais do que propriamente um eremitério –, desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da veneração dos santos ortodoxos na Grã-Bretanha, através dos trabalhos iconográficos do Arquimandrita David e do seu filho espiritual e sucessor, Leon Liddament. Na Paróquia do Ícone da Mãe de Deus de Kazan, da Igreja Ortodoxa Russa em Cardiff, encontra-se um ícone ortodoxo de Nossa Senhora de Walsingham, com a Virgem vestida, não com seu manto azul, mas segundo a tradição ortodoxa, vermelho (simbolizando a humanidade de Maria). Este ícone pode ser visto em algumas ocasiões, em que peregrinos carregam esta imagem em estilo grego-ortodoxo até o santuário anglicano.

É comum que até hoje os ortodoxos na Inglaterra visitem com frequência o santuário anglicano, devido ao histórico acolhimento que encontraram, e pela possibilidade de realizarem suas orações ou celebrarem a Divina Liturgia na capela do andar superior. Também participam das solenidades em honra à Virgem Maria, nas peregrinações nacionais que ocorrem em maio, ou nas festas em setembro e outubro.

Imagens em paróquias anglicanas e episcopais

Com o reavivamento teológico e litúrgico dos anglo-católicos, várias igrejas também passaram a ter uma cópia da imagem de Nossa Senhora de Walsingham. Uma das mais conhecidas se encontra na Igreja *St. Magnus the Martyr*, localizada em Lower Thames Street, próxima à Ponte de Londres. Ela é um dos marcos histórico e espiritual mais antigo da cidade, sendo conhecida desde o século XI, dedicada a St. Magnus Erlendsson, conde das Orkney, reconhecido por sua piedade. A igreja original medieval foi destruída no Grande Incêndio de Londres, em 1666, e sua reconstrução ocorreu entre 1671 e 1687 sob a direção do renomado arquiteto Sir Christopher Wren, resultando em um edifício barroco de grande riqueza artística.

A *St. Magnus the Martyr* mantém uma tradição anglo-católica, sendo também um ponto de peregrinação e vida paroquial. No seu interior, ao lado do altar, em estilo barroco-inglês, se ergue um pequeno santuário com a imagem de Nossa Senhora de Walsingham, cercado por várias velas, onde os peregrinos acendem em honra à Virgem-Mãe. Do mesmo modo, há uma vela perpétua acesa no santuário anglicano.

Fora da Inglaterra, temos a *Grace Episcopal Church*, em Sheboygan, Wisconsin, uma histórica paróquia de tradição anglo-católica. Ela pertence à histórica Diocese de Fond du Lac, na qual, em 1900, ocorreu a consagração episcopal de Reginald Heber Weller, que contou com a participação de bispos de outras Igrejas, incluindo a presença de prelados da Igreja Ortodoxa Russa e da Igreja Católica Nacional Polonesa. A origem desta congregação remonta a 1847, quando um pequeno terreno em Sheboygan foi adquirido e uma igreja de madeira construída; o primeiro culto ali foi celebrado no dia de Natal daquele ano. Dois anos mais tarde, em 1849, a igreja foi consagrada pelo bispo missionário Jackson Kemper. Em 1871, erguida no estilo *High Victorian Gothic*, a estrutura atual da Grace Episcopal substituiu a igreja de madeira anterior.

Um dos destaques espirituais da *Grace* é o Santuário de Nossa Senhora de Walsingham, localizado na *Lady Chapel*, no lado oeste do transepto da igreja. Construído em 1930 e consagrado em 1931, essa capela é considerada o primeiro santuário dedicado a Nossa Senhora de Walsingham em uma paróquia episcopal nos Estados Unidos. Nele se encontra uma réplica da estátua original de Walsingham, de Norfolk, Inglaterra. E desde 1980, realiza-se ali uma peregrinação anual.

A *Church of the Resurrection* é uma importante igreja episcopal localizada no Upper East Side de Manhattan, Nova York. Foi fundada em 1868 e seu edifício foi concluído em 1869, sendo projetado pelo arquiteto James Renwick Jr., conhecido por sua obra na Catedral Católica de São Patrício. Em sua Liturgia, a Igreja da Ressurreição segue uma linha altamente anglo-católica, mantendo ofícios com linguagem e música sacra tradicional. Uma de suas marcas é a celebração de missas diárias e de grandes festas dos santos. No templo, existe uma imagem da Virgem de Walsingham que é certificada pelo Santuário Anglicano. Ao seu lado, uma lamparina encontra-se acesa ligando os dois templos.

Já a *Good Shepherd Episcopal Church*, localizada em Rosemont, Pensilvânia, é uma das mais importantes expressões do Anglo-Catolicismo na Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Fundada em

1869, a paróquia foi concebida dentro da tradição litúrgica e estética do Movimento de Oxford, refletindo o esforço de restaurar elementos católicos na espiritualidade anglicana. Seu edifício, construído em estilo gótico inglês do século XIV, é um exemplo notável do revivalismo medieval que caracterizou muitas igrejas anglo-católicas da época, evidenciando o desejo de retomar a beleza, a sacralidade e o simbolismo arquitetônico herdado da Idade Média cristã. A paróquia consolidou-se como um centro de vida litúrgica intensa, marcada por missas solenes, canto coral e um forte senso de devoção eucarística e mariana.

Entre os aspectos que mais distinguem a Igreja do Bom Pastor está a presença de uma imagem de Nossa Senhora de Walsingham. O santuário, localizado dentro da igreja, possui uma capela dedicada à Virgem Maria, conhecida como *Lady Chapel*, e um altar votivo mariano em pedra Caen, instalado em 1923. Trata-se de um espaço reservado à oração, ao recolhimento e à contemplação, onde a imagem de Nossa Senhora de Walsingham. O santuário de Rosemont visa ser uma extensão espiritual daquele original inglês, oferecendo aos fiéis norte-americanos um local de peregrinação adequado para oração em honra à Mãe de Deus e a celebração de seus ofícios litúrgicos.

Outro exemplo da presença da representação da Virgem está na Igreja Episcopal de Todos os Santos, em Jensen Beach, Flórida. Esta é uma das comunidades episcopais americanas mais antigas do condado de Martin. Sua história remonta ao final do século XIX, quando a região ainda era pouco povoada e marcada pela presença de pequenos grupos de fazendeiros e pescadores. Fundada oficialmente em 1898, a igreja foi construída por missionários episcopais que buscavam levar o Evangelho às novas comunidades que se formavam na costa leste da Flórida. Construída em estilo *Carpenter Gothic* (madeira com formas góticas simples), seu interior possui paredes revestidas de madeira e lustres de latão oferecem ambiente de quietude e beleza. Em um dos vitrais, se encontra a imagem de Nossa Senhora de Walsingham, que inclusive está presente na capa desta obra.

Um exemplo de inculturação da devoção a Nossa Senhora de Walsingham se encontra na Diocese de Barbados, da Igreja Anglicana das Índias Ocidentais, no Caribe. Colonizada inicialmente por Portugal e posteriormente pelo Reino Unido, Barbados é uma das ilhas mais importantes do Caribe, cuja presença britânica existe desde 1625. No campo da religião, a Diocese Anglicana de Barbados foi criada em 1824, estabelecendo várias paróquias na região. É importante lembrar que o

movimento anglo-católico também floresceu na ilha, levando a práticas ritualistas e de devoção mariana, especialmente no contexto anglicano, a Nossa Senhora de Walsingham. Nesta imagem, temos o vitral da Igreja Anglicana St. David, cujos traços e a cor da pele da Virgem Maria e do Menino Jesus remetem à etnia da população de Barbados, que é predominantemente de ascendência africana. Este é um dos exemplos de inculturação da devoção a Nossa Senhora de Walsingham, quando aplicada a países caribenhos ou para além do eixo da Europa ou da América do Norte

Outra imagem em destaque de Nossa Senhora de Walsingham se encontra na *Nashotah House* (Casa Nashotah), seminário de orientação anglo-católica da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, localizado em Delafield, Wisconsin. Inaugurado em 1842, este seminário foi responsável por formar muitas gerações de clérigos da Comunhão Anglicana. Na parede externa de uma das capelas, está gravada em pedra um relevo da Virgem com o Menino, cuja inscrição abaixo: “Para a maior glória de Deus, para a honra de Nossa Senhora de Walsingham e em ação de graças pela presidência e decanato do Reverendíssimo Edmondson John Masters Nutter, 1925, AD”.

Ordens religiosas marianas no Anglicanismo

Em meados do século XIX, com o Movimento de Oxford teve início na Igreja da Inglaterra um resgate gradual da espiritualidade monástica e também de ordens religiosas, aos moldes daquelas fundadas á época da Dissolução dos Monastérios por Henrique VIII da Inglaterra. Uma das primeiras a ressurgir foi a Comunidade de Santa Maria Virgem (*Community of Saint Mary, The Virgin* – CSMV). Esta é uma ordem religiosa anglicana sediada em Wantage, Oxfordshire, fundada em 1848 pelo reverendo William John Butler, e é uma das mais antigas comunidades religiosas da Igreja da Inglaterra ainda existentes.

A comunidade foi fundada por William John Butler, o vigário de Wantage, em 1848. Ele e Madre Harriet, a primeira superiora, deixaram sua marca na comunidade. Desde o início, houve uma ênfase na simplicidade de vida. George Edmund Street projetou a Casa do Convento para a Comunidade de Santa Maria Virgem em 1850, em Wantage. Mary Ann Street tornou-se freira na comunidade por volta de 1853. A comunidade cresceu ao longo dos anos, com ministérios em escolas, casas missionárias e lares para idosos, mães e bebês. Outros

ministérios envolviam pessoas com dificuldades de aprendizagem, jovens infratores e a reabilitação de pessoas com dependência de álcool ou drogas. Filiais foram abertas em outras partes do Reino Unido, Índia e África do Sul, abrindo muitas novas oportunidades de ministério. Uma notável Madre Geral de 1940 a 1953 foi a escultora e artista Madre Maribel (1887-1970). Irmã Penelope Lawson, membro da CSMV, correspondeu-se com CS Lewis entre agosto de 1939 e setembro de 1963. Após décadas de estabilidade nas fileiras da Igreja da Inglaterra, em 1º de janeiro de 2013, onze das irmãs da comunidade, incluindo a madre superiora, deixaram o convento de Wantage para se juntarem ao Ordinariato Pessoal de Nossa Senhora de Walsingham, o ordinariato católico romano na Grã-Bretanha estabelecido para ex-anglicanos.

Na Igreja Episcopal dos Estados Unidos, a principal Ordem religiosa mariana é a Companheiros de Nossa Senhora de Walsingham (*Companions of Our Lady of Walsingham* – OLW), uma comunidade monástica mariana e beneditina moderna, herdeira da Tradição Anglicana e do Monasticismo Beneditino. A Regra de São Bento é uma fonte fundamental de inspiração e espiritualidade. Professamos os antigos votos monásticos de Estabilidade, Obediência e Conversão de Vida. A imitação de Nossa Senhora de Walsingham e dos Santos Bento e Escolástica, é um dos pilares para se viver o carisma de "Acolher a todos como Cristo". Os companheiros incluem mulheres e homens leigos e ordenados de diversas idades, status sociais e gênero. Os companheiros podem ser casados, em união estável, solteiros ou celibatários. O equilíbrio da Via Media anglicana é o princípio norteador da vivência na Ordem, seguindo a máxima: "Todos podem, alguns devem, ninguém deve ser obrigado".

O selo da Ordem é a imagem da Virgem de Walsingham com a inscrição em latim *Ave Maria Gratia Plena Dominus Tecum*. O hábito é uma túnica monástica branca com capuz e um escapulário azul, cingido com um cinto. Os membros professos também podem usar um solidéu azul, na cor do escapulário. As convocações da Ordem se concentram principalmente na Igreja Episcopal de São Bartolomeu (Nova York).

Outra Ordem religiosa é a Comunidade da Mãe de Jesus (*Community of the Mother of Jesus* – CMJ) foi fundada em 31 de maio de 2006, a partir do contato do fundador, o Irmão Stephen C. Wetmore, com o reverendo John David van Dooren, reitor desde 2017 da Igreja Episcopal da Transfiguração (Manhattan). O chamado para fundar a ordem foi amadurecido após três anos de oração e direção espiritual, o

que incluiu a redação das obras fundantes da Comunidade: a *Mensagem Mariana* do fundador e a redação do *Caminho de Discipulado de Maria*.

No verão de 2009, Stephen consultou muitas pessoas de diversas tradições religiosas sobre a sensatez de iniciar uma nova comunidade religiosa. No outono de 2009, um pequeno grupo de pessoas interessadas em ver a Comunidade da Mãe de Jesus nascer começou a se reunir como um Comitê de Nazaré para reunir os documentos e planos para a criação dessa fundação. Em maio de 2010, o Comitê de Nazaré escreveu ao Bispo Jeffrey Lee, da Diocese de Chicago, solicitando sua permissão para fundar a CMJ na Diocese de Chicago. O Bispo concedeu sua permissão e o Comitê de Nazaré elegeu William Gregg como Bispo Visitador desta nova comunidade. O Bispo visitou a Igreja Episcopal da Expição em 1º de abril de 2011 e celebrou a inauguração da Comunidade da Mãe de Jesus, quando ocorreu a profissão perpétua dos nossos quatro votos do fundador.

O hábito de profissão consiste em uma túnica cinza-claro, um escapulário azul-royal com um cinto de corda combinando, a cruz de profissão e um véu azul-zucchetto ou azul-cinza. Um rosário de hábito é usado por aqueles que professaram os votos perpétuos. Uma coroa azul ou cinza, chamada mozetta, também pode ser usada em ocasiões especiais ou para aquecimento extra. As noviças usam nossa túnica cinza com gola azul e uma medalha mariana, e um gorro azul-zucchetto ou véu azul.

A Sociedade de Nossa Senhora das Ilhas (SOLI) é uma pequena ordem religiosa anglicana feminina, fundada no final do século XX e pertencente à Igreja Episcopal Escocesa. Situada no arquipélago de Shetland, é considerada a comunidade mais remota de toda a Comunhão Anglicana. A Regra que orienta sua vida espiritual combina elementos franciscanos e cistercienses, profundamente marcados por uma espiritualidade de inspiração celta. Suas origens remontam a 1984, quando a Reverenda Madre Mary Agnes chegou à ilha de Fetlar com o propósito de levar uma vida de oração contemplativa e isolada. Instalando-se em uma casa simples com um pequeno celeiro que foi adaptado como capela, ela atraiu gradualmente visitantes e pessoas desejosas de partilhar dessa vocação. Em 1988, a Sociedade foi oficialmente nomeada e reconhecida como uma comunidade religiosa, deixando de ser a experiência solitária de uma única pessoa. A Igreja Episcopal Escocesa reconheceu formalmente Madre Mary Agnes como

Superiora da comunidade em 1993, consolidando a presença monástica anglicana nas ilhas do norte da Escócia.

Outras Ordens Anglicanas de espiritualidade mariana são a *Congregation of the Sisters of the Visitation of our Lady* (CVL), em Papua de Nova Guiné, e a *Community of the Blessed Lady Mary* (CBLM), Zimbábue. Essas Ordens desempenham um papel essencial na renovação espiritual da Igreja em todo o mundo, mantendo viva a tradição da oração contemplativa, da vida comunitária e do serviço pastoral. Essas comunidades vivem a dimensão social do Evangelho, engajando-se em obras de caridade, educação, acolhimento e assistência aos mais necessitados. Em muitos sentidos, representam a continuidade viva das teses do Movimento de Oxford e das convicções teológicas e crenças do Anglo-Catolicismo, que buscaram restaurar na Igreja Anglicana a espiritualidade, a disciplina e o senso sacramental herdados da tradição católica medieval e patrística.

PARTE III

A DEVOÇÃO CATÓLICA ROMANA

O restabelecimento do Catolicismo na Inglaterra

O restabelecimento do Catolicismo romano na Inglaterra constituiu um processo longo e gradual, marcado por desafios políticos, sociais e religiosos que atravessaram os séculos XVII, XVIII e XIX. Após a Revolução Gloriosa de 1688 e a deposição de Jaime II, a prática da fé católica permaneceu fortemente restringida e, muitas vezes, clandestina. Os católicos eram legalmente excluídos de cargos públicos, enfrentavam penalidades econômicas e sociais, e a abertura de igrejas católicas para culto público era proibida. Ainda assim, comunidades de cripto-católicos continuaram a preservar a fé, mantendo rituais privados, oratórios domésticos e uma devoção transmitida de geração em geração. Esse contexto de resistência silenciosa serviu como base para a recuperação gradual da presença católica no país.

No século XVIII, apesar do domínio anglicano, começaram a surgir sinais de tolerância limitada, com relaxamento de algumas restrições legais e o crescimento de colégios católicos no exterior, destinados a formar o clero inglês. Essas instituições, localizadas em países como França, Bélgica e Itália, permitiram que jovens católicos recebessem educação religiosa completa, garantindo a continuidade do ministério sacerdotal e a preservação da tradição litúrgica, incluindo a devoção mariana. Internamente, a prática católica ainda ocorria de forma discreta, mas o esforço de transmissão oral, a manutenção de capelas particulares e a memória de santuários antigos mantinham viva a identidade e a espiritualidade católica.

O século XIX representou o momento mais decisivo para o restabelecimento do catolicismo na Inglaterra. O Ato de Emancipação Católica de 1829 constituiu uma virada legal, concedendo direitos civis e políticos aos católicos e permitindo-lhes ocupar cargos públicos, adquirir propriedades e abrir templos para culto público. Esse marco legislativo abriu caminho para a construção de novas igrejas e santuários, a organização de dioceses e a retomada de práticas devocionais que haviam sido reprimidas por séculos, incluindo a peregrinação e a veneração da Virgem Maria. A presença física do catolicismo pôde, finalmente, tornar-se visível, consolidando o crescimento de comunidades antes forçadas à clandestinidade.

O restabelecimento também envolveu esforços de reorganização e renovação espiritual. Congregações e ordens religiosas,

algumas restauradas após a supressão, trabalharam para reintroduzir ritos litúrgicos, educação religiosa e caridade social, fortalecendo a identidade católica no país. A devoção mariana, especialmente, passou a ocupar um papel renovado: imagens, oratórios e festas antes celebradas apenas de forma privada retornaram à esfera pública.

Esse período de restabelecimento evidencia como a perseverança dos cripto-católicos, a transmissão intergeracional da fé e a manutenção das tradições devocionais prepararam o terreno para a recuperação plena da Igreja Católica na Inglaterra. O retorno do catolicismo não foi apenas legal, mas também espiritual e cultural, reconciliando séculos de resistência com novas oportunidades de expressão pública. A devoção mariana, que sobreviveu silenciosamente durante tempos de repressão, passou a se manifestar de forma renovada, reforçando a continuidade histórica da fé e conectando a Inglaterra moderna à tradição medieval que havia sido interrompida pela Reforma e pela Dissolução dos Mosteiros.

O Cardeal Manning e as devoções do povo inglês

A vida, a conversão e o legado deixado pelo Cardeal Henry Edward Manning para a Inglaterra, representou um marco na história religiosa da Era Vitoriana e do ressurgimento do Catolicismo nas Ilhas Britânicas. Junto com o Cardeal Newman, seus escritos e condução da Igreja Católica inglesa, impulsionou as devoções marianas no país e consolidou a identidade católica recém-restaurada, formando também as bases para o que seria posteriormente, a construção da relação ecumênica entre anglicanos e católicos, algo que continua até hoje a gerar bons frutos para ambas as Igrejas.

Nascido em 1808, educado em Harrow e em Oxford, Manning foi ordenado sacerdote anglicano em 1833 e logo se destacou como pregador eloquente e pastor zeloso, tornando-se uma das figuras mais respeitadas do clero anglicano da época. Contudo, à medida que aprofundava seus estudos teológicos e observava as tensões dentro da Igreja da Inglaterra em termos de posicionamentos doutrinários e políticos por conta do avanço das teses do Movimento de Oxford, passou a se afastar cada vez mais do ambiente eclesiástico anglicano e sentir o chamado para a plena comunhão com Roma. Em 1851, influenciado pelo exemplo de seu colega John Henry Newman – que

mais tarde também se tornaria cardeal como ele –, Manning abandonou suas posições anglicanas e foi recebido na Igreja Católica Romana, sendo ordenado sacerdote no mesmo ano.

Sua conversão não se deu apenas por razões intelectuais, mas também por uma profunda convicção espiritual. Para Manning, a unidade da fé e a continuidade apostólica da Igreja só podiam ser encontradas na comunhão com o sucessor de Pedro. Essa adesão, porém, trouxe-lhe não apenas uma nova filiação religiosa, mas também uma missão: reconstruir, em meio a um ambiente ainda hostil ao Catolicismo, a presença espiritual e pastoral da Igreja Católica na Inglaterra. Sua ascensão ao episcopado e, mais tarde, ao cardinalato – diferente de Newman que nunca foi ordenado bispo –, consolidou sua influência na reorganização da hierarquia católica inglesa e na promoção de uma piedade renovada, profundamente enraizada nas práticas devocionais que o Protestantismo reformado havia rejeitado nos séculos anteriores.

À frente da Arquidiocese de Westminster, o Cardeal Manning desempenhou um papel decisivo na consolidação do Catolicismo na Inglaterra após séculos de marginalização. Nomeado arcebispo em 1865, ele sucedeu o Cardeal Nicholas Wiseman e deu continuidade à reorganização pastoral e institucional da Igreja, fortalecendo a presença católica em meio à sociedade vitoriana ainda marcada pelo preconceito anticatólico. O novo prelado inglês foi um pastor enérgico e reformador: fundou escolas, promoveu a educação religiosa, incentivou a formação do clero e defendeu os direitos dos trabalhadores, destacando-se como mediador durante a greve dos estivadores de Londres em 1889. Sob seu governo, Westminster tornou-se o centro espiritual e administrativo do Catolicismo inglês restaurado, e sua ação pastoral ajudou a transformar a Igreja em força viva e respeitada na vida pública britânica. Manning morreu em 1892, lembrado como o grande arquiteto da consolidação católica na Inglaterra moderna e um dos principais promotores da piedade mariana e da justiça social no país.

Entre essas devoções, a da Virgem Maria ocupou um lugar central no pensamento e na ação do Cardeal Manning. Para ele, o retorno da Inglaterra à verdadeira fé deveria necessariamente passar pela redescoberta do papel da Virgem Maria na vida espiritual do povo cristão. Manning via em Maria a imagem perfeita da Igreja e o modelo de obediência e santidade que a Inglaterra, marcada pelas feridas da Reforma, precisava recuperar. Ao promover a devoção à Mãe de Deus,

o Cardeal não apenas reintroduzia um aspecto essencial da fé católica, mas também reconstruía pontes com a tradição espiritual que havia moldado a cristandade inglesa medieval.

Sob sua orientação, as paróquias católicas começaram a restaurar altares marianos, a promover procissões e a difundir o rosário como prática devocional popular, especialmente entre os pobres e os trabalhadores urbanos, que viam na figura de Maria uma presença consoladora em meio às adversidades da Revolução Industrial. O Cardeal Manning apoiou também a ereção de novos santuários e a celebração de festas marianas com grande solenidade, incentivando uma piedade que fosse ao mesmo tempo teologicamente profunda e pastoralmente acessível. Em seus sermões e escritos, insistia que a devoção a Maria não desviava a atenção de Cristo, mas conduzia a Ele, pois nela se contemplava o reflexo mais puro da graça divina.

A espiritualidade promovida por Manning teve influência direta na revalorização de Walsingham e de outras antigas devoções inglesas à Virgem. Ainda que o renascimento dos santuários só viesse a se consolidar algumas décadas depois de sua morte, seu trabalho preparou o terreno para essa redescoberta, cultivando nas novas gerações de católicos ingleses uma sensibilidade aberta à tradição pré-reformista e uma compreensão da devoção mariana como elemento constitutivo da identidade católica nacional. Ele via na restauração da piedade mariana não apenas um retorno ao passado, mas um sinal profético de reconciliação: Maria como figura da Igreja reconciliada e da Inglaterra reconciliada com sua herança espiritual.

O santuário católico de Nossa Senhora de Walsingham

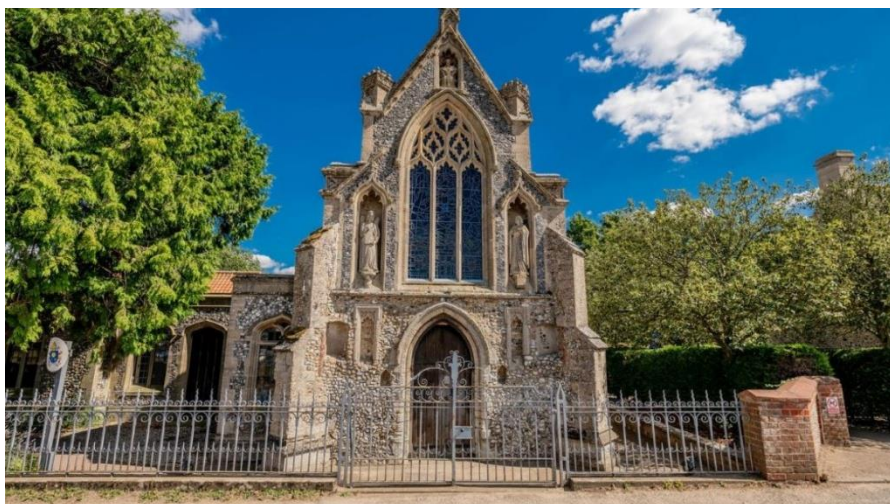
O santuário católico em Walsingham é um complexo que abarca o Santuário Nacional Católico e a Basílica de Nossa Senhora. Este local sagrado para os católicos na Inglaterra, está localizado em Houghton St. Giles, no condado de Norfolk, e remonta ao ano de 1340, possuindo um significado especial por ser o último ponto de parada na tradicional rota de peregrinação rumo ao santuário histórico. A atual Basílica de Nossa Senhora de Walsingham, também conhecida como *Slipper Chapel* (Capela dos Chinelos) – ou como era conhecida por seu título anterior, Igreja de Santa Catarina de Alexandria –, é o principal espaço sagrado e testemunha do renascimento da devoção.

A retomada das devoções e peregrinações marianas em Walsingham, especialmente em torno da Capela dos Chinelos, constitui um dos capítulos mais simbólicos e importantes da história da fé católica na Inglaterra. Após quase quatro séculos de esquecimento e ruína desde a Dissolução dos Mosteiros sob Henrique VIII, Walsingham começou a ser redescoberto no século XIX por católicos que viam na antiga vila um sinal vivo da continuidade espiritual do país com sua tradição pré-Reformada. A devoção mariana, que havia sobrevivido de forma subterrânea nas orações e nas lembranças populares, encontrou ali um espaço para se reerguer publicamente e, aos poucos, reassumir o lugar que possuía na piedade inglesa medieval.

A *Slipper Chapel* teve papel central nesse processo de renascimento. Localizada em Houghton St. Giles, a cerca de um quilômetro de Walsingham, essa pequena capela do século XIV, construída em pedra, era o ponto onde os peregrinos, antes de adentrar o Santuário da Virgem, descalçavam seus chinelos (*slippers*), em sinal de reverência e penitência, para percorrer o trecho final até a Santa Casa (*Holy House*). Durante o processo da Dissolução dos Mosteiros, esta capela caiu em ruínas, sendo profanada e usada como celeiro por várias gerações. Contudo, o edifício resistiu ao tempo, e sua estrutura permaneceu como um testemunho da antiga devoção na Inglaterra. Somente em 1896, Charlotte Boyd, uma católica convertida do Anglicanismo, adquiriu a propriedade em estado precário e dedicou-se pessoalmente à sua restauração, vendo ali um símbolo da reconciliação entre o passado católico da Inglaterra e a fé renascente de seu tempo. Após a restauração, a *Slipper Chapel* foi solenemente reconsagrada em 1897 pelo bispo católico romano de Northampton, Arthur Riddell, e, desde então, tornou-se o ponto focal do renascimento do santuário católico em Walsingham.

A primeira peregrinação oficial após a Reforma coincidiu com o Jubileu de Diamante da Rainha Vitória, sendo realizada em 1897, quando um pequeno grupo de fiéis católicos percorreu o antigo caminho (*Palmer's Way*), rezando o rosário e entoando cânticos marianos. Esse evento marcou simbolicamente o retorno da Virgem Maria a Walsingham, não como relíquia de um passado perdido, mas como sinal de continuidade viva entre o catolicismo medieval e o catolicismo restaurado. A partir daí, o local passou a receber peregrinações anuais, que cresceram gradualmente até se tornarem uma das maiores manifestações de fé mariana na Inglaterra contemporânea.

A Capela dos Chinelos é composta de uma pequena nave, com um altar *ad orientem* e um vitral tríplice, estilo negótico, acima dele. A igreja ainda conta com sacristia e um pequeno jardim anexo.



Fachada da Capela dos Chinelos, hoje Basílica de Nossa Senhora de Walsingham.

Foto: <https://fsspxnews.com>.



Capela dos Chinelos (*Slipper Chapel*), com a imagem de Nossa Senhora de Walsingham.

Foto: Basilica of Our Lady of Walsingham.

A primeira estátua de Nossa Senhora de Walsingham pós-Reforma foi projetada pelo Professor E. W. Tristram. Ele também extraiu os detalhes da imagem do antigo selo do priorado, do século XV. Ela foi entronizada em 1934, durante a peregrinação nacional mais memorável. A estátua atual venerada na capela hoje é diferente. Ela surgiu em 1954, quando o Bispo Parker de Northampton encomendou ao artista canadense Marcel Barbeau a escultura de uma nova estátua em pedra. Em 15 de agosto de 1954, esta estátua atual foi solenemente coroada perto do local do Santuário original em Walsingham, em nome do Papa Pio XII, por seu delegado apostólico, o Arcebispo O'Hara. A coroa foi feita pelo Sr. WF Knight de Welingtonborough, com joias de ouro doadas pelos fiéis. A coroa ainda é usada em ocasiões especiais. A estátua fica em um trono especial ao lado da Capela Slipper.

Apenas dois dias depois, uma marcante peregrinação nacional foi organizada, liderada pelo Cardeal Francis Bourne. Este evento reuniu todos os bispos católicos da Inglaterra e do País de Gales, além de mais de 10 mil fiéis que seguiram em peregrinação até o santuário. Nesse mesmo ano, as peregrinações atingiram um marco histórico, com milhares de fiéis reunidos em oração, reafirmando o papel de Walsingham como centro espiritual não apenas da devoção mariana, mas também da reconciliação entre fé e identidade nacional. Desde então, o santuário passou a abrigar celebrações litúrgicas, missas solenes, procissões e atos de consagração, tornando-se um elo entre o catolicismo inglês e sua herança europeia.

Após o aumento das peregrinações na segunda metade do século XX, foi necessário construir uma igreja maior para as missas. Assim, erigiu-se, ao lado da Capela dos Chinelos, outro templo, a Capela de Nossa Senhora da Reconciliação, concluída em 1982. A nova igreja do santuário foi construída em estilo contemporâneo, com um grande telhado, sendo revestida em tijolo aparente. A mobília interna é toda em madeira, e a igreja possui uma abertura para a área externa, em caso de se realizar uma missa campal.

Em 29 de maio de 1982, a estátua foi levada para Wembley para ser abençoada pelo Papa João Paulo II quando este visitou a Inglaterra. Todos os anos, no dia 8 de setembro, Festa do Nascimento de Nossa Senhora, a estátua de Nossa Senhora de Walsingham é transportada por vários quilômetros em uma procissão que começa na Capela. Tempos depois, o Papa Francisco elevou o santuário ao status de basílica menor, por meio de um decreto apostólico, em 27 de dezembro de 2015.

O Santuário Nacional Católico e a Basílica de Nossa Senhora teve como primeiro reitor o Padre Peter Harris, que exerceu o cargo de 1964 a 1968, sendo responsável pela organização inicial e pelo fortalecimento da vida pastoral do local após o restabelecimento do culto católico em Walsingham. Ele foi sucedido pelo Padre Roland Connelly, que permaneceu entre 1968 e 1978, período marcado pela consolidação do santuário como centro nacional de peregrinação. De 1979 a 1984, o reitor foi o Padre Clive Birch, conhecido por seu empenho em ampliar as estruturas de acolhimento aos peregrinos e intensificar a devoção mariana.

Entre 1984 e 1992, o santuário foi dirigido pelo Padre Peter Allen, cuja gestão buscou aprofundar a dimensão espiritual e ecumênica do lugar. Em seguida, Padre Alan Williams assumiu a reitoria de 1992 a 2000, conduzindo importantes reformas litúrgicas e estruturais; ele voltaria ao cargo mais tarde, entre 2008 e 2015, sendo um dos reitores de maior influência na história recente do santuário. Entre seus dois mandatos, esteve a frente os padres Padre Noel Wynn, de 2000 a 2008, e após a segunda gestão de Williams, o cargo foi ocupado pelo Padre John Armitage, de 2015 a 2020. Entre 2020 e 2023, o reitor foi o Padre Philip Moger, que deu continuidade às atividades devocionais e litúrgicas. Por fim, desde setembro de 2023, o reitor é o Padre Robert Billings, atual responsável pela administração do local.

Em 2018, o Reitor do Santuário Nacional Católico e o Sacerdote Administrador do Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham assinaram um Pacto Ecumênico se esforçando para trabalhar juntos como “guardiões compartilhados da Terra Santa de Walsingham” em “testemunho comum da vocação única da Bem-Aventurada Virgem Maria” e para orar pela unidade que é “a vontade de Cristo para sua Igreja”. Nas Peregrinações Nacionais, sempre é possível ver clérigos católicos e anglicanos caminhando juntos.

A simbologia do renascimento em Walsingham é profunda: a *Slipper Chapel* representa o último passo da peregrinação – o momento de despojar-se de tudo antes de entrar no sagrado –, e sua restauração traduz, espiritualmente, o ato de a Inglaterra “retirar os sapatos” diante de sua própria história religiosa, retomando o caminho da devoção mariana que fora interrompido pela Reforma. O renascimento de Walsingham, portanto, não se limita à reconstrução de um santuário (seja por católicos ou por anglicanos), mas expressa uma restauração da alma religiosa inglesa.

Imagens em paróquias católicas

Com a restauração do Santuário Católico e a instituição da Basílica em Walsingham, a devoção mariana floresceu em todo o país. Diversas igrejas católicas passaram a promover não apenas práticas como terço, procissões, mas também construíram pequenos santuários localizados em seus templos para abrigar imagens da Virgem. Um desses exemplos vem da Catedral de Westminster, em Londres, a principal igreja católica da Inglaterra e do País de Gales, e sede do Arcebispo de Westminster.

Construída entre 1895 e 1903 por John Francis Bentley em estilo neobizantino, destaca-se pelos tijolos vermelhos, mármore multicolorido e mosaicos de inspiração oriental, sendo um símbolo do renascimento do catolicismo britânico. O interior é grandioso, com um imponente baldaquino sobre o altar e obras como as Estações da Cruz de Eric Gill. Além de centro litúrgico e espiritual, é também referência musical, famosa por seu coro e pela excelência da música sacra clássica. A Catedral guarda uma relíquia do reavivamento católico na Inglaterra: A bela estátua da Senhora de Walsingham na Catedral de Westminster foi encomendada pelo Cardeal Bernard Griffin em 1954 e esculpida pelo artista Pio Dapre. Por muitos anos, permaneceu escondida e quase desconhecida na Cripta até ser recuperada.

Em 08 de dezembro de 2016, após a Missa da Solenidade da Imaculada Conceção, o Bispo John Sherrington abençoou a imagem restaurada de Nossa Senhora de Walsingham na Capela de São Jorge e dos Mártires Ingleses. A imagem foi levada do santuário para a capela pelos Cavaleiros de Malta. O pedestal no qual a estátua foi colocada é baseado nas medidas exatas do histórico altar pré-Reforma Inglesa, da Igreja da Santíssima Trindade, em Chipping Norton.

Outra imagem de destaque em uma Igreja Católica na Inglaterra está na Capela de Nossa Senhora de Walsingham, localizada na Igreja de Corpus Christi, em Covent Garden, Londres. Esta capela foi restaurada sob a reitoria do pároco, Padre Alan Robinson, inspirado na Santa Casa de Loreto, refletindo o desejo de unir a tradição inglesa de Walsingham à herança mariana italiana. Em 03 de setembro de 2015, o Bispo Alan Hopes, da Diocese de East Anglia, celebrou uma missa solene e abençoou a nova imagem de Nossa Senhora de Walsingham, esculpida especialmente para a capela pelo ateliê Stuflessner, na Itália. A

cerimônia solene contou com a presença de diversos fiéis e personalidades católicas, destacando-se o Reitor do Santuário Nacional de Nossa Senhora de Walsingham, Monsenhor John Armitage, que proferiu a primeira homilia na capela recém-restaurada. O evento marcou um momento significativo de renovação da devoção mariana e reafirmou a importância de Walsingham como expressão da fé católica no coração de Londres.

Na Igreja Católica nos Estados Unidos, a igreja mais importante dedicada à Virgem de Walsingham é o Santuário Nacional de Nossa Senhora de Walsingham (*National Shrine of Our Lady of Walsingham*). O santuário está localizado no complexo da Igreja Católica de Saint Bede, ao lado do campus do *College of William & Mary*. Esta foi a primeira igreja católica em Williamsburg, na Virgínia. Após uma visita a Walsingham, o pároco fundador da Saint Bede, Padre Thomas Walsh, encomendou uma estátua de Nossa Senhora de Walsingham a Lillian Dagless, que projetou e produziu a maior parte do mobiliário da Capela dos Chinelos (*Slipper Chapel*). Em 1942, a igreja foi dedicada a Nossa Senhora de Walsingham. Em 2016, a Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos reconheceu o Santuário de Nossa Senhora de Walsingham como o primeiro santuário nacional na Diocese Católica de Richmond. O altar dedicado à Virgem encontra-se em um nicho dourado bem trabalhado, tendo o seu fundo azul com dourado, dando destaque à imagem.

Outra importante igreja católica que propaga a devoção nos Estados Unidos é a Catedral de Nossa Senhora de Walsingham, localizada em Houston, no Texas, é a sede do Ordinariato Pessoal da Cátedra de São Pedro, criado pela Santa Sé em 2012 por meio da constituição apostólica *Anglicanorum Coetibus*. O Ordinariato foi instituído pelo Papa Bento XVI para acolher, dentro da plena comunhão com a Igreja Católica, comunidades e clérigos provenientes do Anglicanismo que desejavam conservar aspectos de sua herança espiritual, litúrgica e cultural. Essa iniciativa expressa uma forma de unidade eclesial que respeita a diversidade litúrgica e teológica legítima, permitindo que o patrimônio anglicano seja preservado e integrado na vida da Igreja Católica. Assim, a Catedral de Nossa Senhora de Walsingham é não apenas o centro administrativo e espiritual do Ordinariato nos Estados Unidos e Canadá, mas também um símbolo da reconciliação entre tradições e da continuidade histórica da fé cristã em sua expressão inglesa.

A paróquia foi fundada em 1984 por dois sacerdotes de origem anglicana, os padres James Moore e James Ramsey, que buscaram integrar-se à Arquidiocese de Galveston-Houston mantendo a espiritualidade e as práticas devocionais herdadas do Anglicanismo. Ao longo das décadas, a comunidade cresceu e consolidou-se como um espaço de profunda vida litúrgica e de fidelidade doutrinal, atraindo fiéis interessados em uma forma de culto que alia solenidade, beleza e tradição. O edifício atual da catedral foi concluído em 2003, em estilo neogótico, e tornou-se em 2016 a sede episcopal do primeiro bispo do Ordinariato, Steven J. Lopes, ocasião em que a igreja foi oficialmente elevada à dignidade de catedral. Desde então, tem sido o ponto de convergência para comunidades e clérigos do Ordinariato em todo o território norte-americano, servindo como referência para a formação de novos sacerdotes, o desenvolvimento litúrgico e o fortalecimento da identidade espiritual dessa porção da Igreja.

A liturgia celebrada na Catedral de Nossa Senhora de Walsingham segue o uso próprio do Ordinariato, conhecido como Culto Divino: O Missal (*Divine Worship: The Missal*), aprovado pela Santa Sé. Esse uso litúrgico, variante do rito romano, combina elementos do Livro de Oração Comum anglicano com a teologia e a estrutura eucarística católica romana. O resultado é uma liturgia rica em linguagem sacramental, música coral tradicional, orações devocionais e solenidade ritual, marcada pelo “inglês elisabetano”, próprio da linguagem do ritual anglicano.

A Catedral conta não apenas com uma Escola, mas também com uma área externa em que foi construído um altar ao ar livre, sendo este uma réplica das ruínas do arco do santuário original em Walsingham. O local, que antes foi projetado para ser a sé do Ordinariato dos Estados Unidos, acabou se tornando um local de devoção a Nossa Senhora de Walsingham, ligando a devoção mariana inglesa a Houston. Assim como no santuário anglicano original, o do Texas representa a continuidade entre o patrimônio espiritual inglês e a fé católica universal. Além disso, ele cumpre uma função pastoral significativa, servindo como local de peregrinação e devoção mariana tanto para membros do Ordinariato quanto para católicos de outras jurisdições e países.

Uma das paróquias que fazem parte do Ordinariato da Cátedra de São Pedro é a Paróquia de São João Evangelista, em Calgary, no Canadá. Por 106 anos, a igreja foi uma paróquia da Diocese Anglicana

de Calgary, até entrar em plena comunhão com a Igreja Católica, em 2011, através da estrutura criada pelo Papa Bento XVI. Esta paróquia possui uma imagem da Virgem de Walsingham, que foi adquirida durante a Pandemia do COVID-19. Esta estátua, esculpida à mão em Oberammergau, foi trazida na Alemanha. Para economizar dinheiro, o pároco, Padre Robert-Charles Bengry, e Deão do Ordinariato da Catedral de São Pedro no Canadá, optou por comprá-la sem pintura. Com a chegada do Ano Jubilar da Igreja Católica, em 2025, o mesmo decidiu pintá-la à mão. Como parte do Ordinariato, a Igreja de São João Evangelista foi designada pelo Bispo Steven Lopes como local de peregrinação em solo canadense.

Outra imagem que pode ser encontrada em igrejas católicas se encontra na Catedral de Santiago de Compostela, na Espanha. Em um dos altares laterais existe uma imagem da Virgem, disposta em um pequeno altar de madeira, para a veneração dos peregrinos que fazem o Caminho de Santiago e chegam à histórica igreja. Em 1954, esta de Nossa Senhora de Walsingham foi doada pelo Cardeal Bernard Griffin, Arcebispo de Westminster, à catedral, quando houve uma bela cerimônia de entronização da imagem, criando uma ponte entre o santuário espanhol e o santuário inglês.

O renascimento católico em Walsingham, centrado na restauração da *Slipper Chapel* e na retomada das peregrinações, foi mais do que uma simples recuperação patrimonial: tratou-se de um verdadeiro movimento espiritual que reaproximou a Inglaterra de sua própria alma cristã. À medida que o santuário católico florescia, tornava-se evidente que a memória de Walsingham jamais havia desaparecido do coração religioso do país.

O testemunho ecumênico

Mesmo entre os anglicanos, muitos começaram a redescobrir com admiração o antigo título de “Nazaré da Inglaterra” e a reconhecer que aquela tradição mariana, outrora rejeitada por causa das feridas da Reforma, fazia parte da identidade espiritual que unia o povo inglês antes das divisões confessionais. Essa redescoberta provocou um profundo despertar, inclusive, dentro do próprio Anglicanismo, especialmente entre os que buscavam restaurar a continuidade histórica e litúrgica da Igreja da Inglaterra com a cristandade antiga e universal.

A partir do final do século XIX e início do XX, os anglo-católicos, impulsionados pelo legado do Movimento de Oxford, começaram a olhar novamente para Walsingham como um símbolo da herança perdida e como um convite à reconciliação entre fé e tradição. O fervor dos católicos, juntamente com o dos anglicanos, que incentivavam as peregrinações aos seus respectivos santuários, aumentou o desejo de caminharem juntos nesta devoção comum. Essa reaproximação gradativa entre os dois ramos do Cristianismo inglês criou, em Walsingham, um espaço único de convivência espiritual, onde católicos e anglicanos, sem renunciar às suas respectivas tradições, podiam orar lado a lado, diante da mesma Mãe de Deus.

Nas procissões anuais de Walsingham, é comum ver um testemunho concreto da amizade e colaboração entre clérigos anglicanos e católicos. Durante a Peregrinação Nacional anglicana, por exemplo, sacerdotes católicos convidados, especialmente do Santuário Católico Nacional, costumam acompanhar parte do cortejo, oferecendo orações ou bênçãos em determinados pontos do percurso. Essa presença, embora discreta e respeitosa às diferenças litúrgicas, simboliza o reconhecimento mútuo da importância da devoção à Virgem Maria na vida cristã.

Um exemplo marcante ocorreu em 2011, quando, por ocasião do 950º aniversário da fundação do Santuário, o então Reitor anglicano Philip North convidou representantes do clero católico local para participar das cerimônias comemorativas, que incluíram procissões, pregações e bênçãos conjuntas. Em outro momento significativo, em 2017, durante a Peregrinação Ecumênica pela Unidade dos Cristãos, sacerdotes católicos e anglicanos caminharam lado a lado do Campo da Abadia (*Abbey Grounds*), onde se encontram as ruínas do santuário original, até a Capela dos Chinelos, rezando o Rosário e entoando hinos marianos como *Ave Maria* e *Hail, Queen of Heaven*.

Também é comum ver o diretor católico do Santuário Nacional de Nossa Senhora de Walsingham, como o padre John Armitage, participando de celebrações ecumênicas com o clero anglicano, inclusive em momentos de oração diante da imagem de Nossa Senhora na Santa Casa anglicana. Em reciprocidade, reitores anglicanos como o Padre Kevin Smith, frequentemente são recebidos no Santuário Católico para orações em conjunto, especialmente na festa da Anunciação e durante a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Esses gestos tornaram-se uma expressão viva da fé compartilhada.

O renascimento dos dois santuários transformou Walsingham, mais uma vez, em um lugar de peregrinação nacional e, de certo modo, em símbolo do reencontro espiritual da Inglaterra. A devoção à Virgem de Walsingham passou, então, a ser um ponto de convergência ecumênica, reunindo fies católicos, anglicanos e até ortodoxos em torno da figura da Mãe de Deus, que transcende fronteiras confessionais e recorda à Cristandade a vocação da unidade.

Foi a partir dessa caminhada comum, que a devoção a Nossa Senhora de Walsingham alcançou outros países – em grandes templos católicos ou pequenas paróquias anglicanas –, seja através dos Ordinariatos implantados pelo Papa Bento XVI, ou através de sua descoberta, divulgação e estabelecimento em países de forte tradição católica e de espiritualidade mariana, como foi o caso do Brasil. A ironia desse fenômeno, é que, no maior país católico do mundo, foi através dos anglicanos, que a devoção à Virgem de Walsingham chegou às terras brasileiras.

PARTE IV

A DEVOÇÃO NO BRASIL

A relação do Brasil com Nossa Senhora de Walsingham

Para o leitor que chegou a este ponto da obra, talvez você fique decepcionado, mas é importante deixar claro que, não há uma relação direta entre os brasileiros e a devoção a Nossa Senhora da Walsingham. Primeiro, porque no Brasil, este título mariano é bastante desconhecido. No meio católico – tradição que melhor acolheria a devoção –, é praticamente inexistente o conhecimento sobre a história da aparição da Virgem Maria a Lady Richeldis – mesmo que atualmente haja um *boom* de narrativas de aparições marianas a videntes no século XXI, alguns brasileiros, e também estrangeiros.

Ainda sobre o desconhecimento da história de Walsingham no Brasil, aqui destacamos uma obra publicada, no ano de 2003, intitulada, *Maria e seus títulos gloriosos*, a qual reconta a história, a devoção e a proclamação de 160 títulos atribuídos a Virgem Maria. Entre as aparições marianas ocorridas no século XI, tem-se no capítulo 27 da obra, a história de Nossa Senhora de Walsingham. Todavia, as informações estão misturadas, ora narrando os episódios relativos à Igreja Católica, e mais a frente, os ligados à Igreja Anglicana, como a restauração do santuário anglicano.

Mais ou menos trezentos anos depois da destruição da imagem milagrosa de Walsingham, começou o movimento de Oxford, que visava ao reflorescimento da fé católica na Ilha. Com esse movimento, foi renascendo pouco a pouco a veneração da Santíssima Virgem Maria; [...] Em 1921, resolveram mandar fazer uma cópia da antiga imagem, e, como a antiga capela estava ainda como a tinham deixado depois da pilhagem, colocaram a imagem na igreja paroquial. [...] Poucos anos depois a necessidade de aumentar a igreja fez reconstruírem a “Santa Casa” segundo o modelo e o tamanho da primitiva, encerrando-a, porém, numa construção maior. A obra teve início em 1931, e em 1937 foi consagrada a igreja, anexada ao antigo edifício (ADUCCI, 2003, p. 94).

Como visto nos capítulos anteriores, o Movimento de Oxford e o renascimento da fé católica, junto com a restauração do Santuário, fabricação da imagem e consagração da Santa Casa junto com o novo templo, foram frutos do trabalho do padre Alfred Patten, vigário

anglicano em Walsingham. Não me impressiona que em um dos livros mais importantes já publicados sobre as devoções marianas e seus títulos, o de Nossa Senhora de Walsingham traga tais informações.

Existem razões que podemos apontar – que seriam ou linguísticas ou culturais, ou até mesmo o processo histórico de formação do Catolicismo brasileiro, marcado pela influência ibérica e lusitana, para consolidar a religiosidade brasileira através de uma fusão de raízes culturais, fruto de um longo processo histórico que uniu matrizes indígenas, africanas e européias. Assim, a religiosidade brasileira – assim como o desenvolvimento das devoções marianas no país –, constitui um complexo fenômeno a ser analisado, e que ainda está em pleno desenvolvimento, chegando até os nossos dias.

Quando nos debruçamos sobre a história do Brasil, percebemos que o seu mosaico religioso – especialmente o cristão – foi tecido desde o período colonial através do Catolicismo ibérico, especialmente o português, marcando o imaginário brasileiro com devoções aos santos, práticas devocionais, procissões e festas patronais. A figura de Maria, mãe de Jesus, foi recebida pelo povo brasileiro não apenas como um modelo de virtude, mas como presença próxima, intercessora e protetora das comunidades, sejam aquelas localizadas nas grandes vilas ou estabelecidas de forma precária às margens dos rios. Sob diversas invocações – Nossa Senhora da Conceição, do Rosário, da Penha, das Dores, da Glória, da Boa Viagem, ou do Carmo –, a Virgem tornou-se foco espiritual e afetivo da religiosidade popular.

O Catolicismo brasileiro, impregnado da arte barroca e de um profundo senso familiar, traduziu-se em expressões concretas, desde as pequenas capelas ou grandes igrejas coloniais dedicadas aos diversos títulos de “Nossa Senhora”, passando pelas novenas em preparação e as festas de coroação de Maria, criando e difundindo cânticos devocionais que uniam a fé popular à vida cotidiana e, até mesmo ao culto público do país como um todo, uma invocação mariana própria da nação: Aparecida. O povo brasileiro aprendeu, desde cedo, a falar com Maria como quem fala com uma mãe – seja representada por imagens de tez branca, como uma antiga Senhora de Engenho, ou com pele negra e traços de uma africana, que traz alívio nos momentos de dor, e que quebra as correntes, trazendo libertação ao povo sofrido, cujo paradoxo é ela mesma ser intitulada como a Escrava do Senhor (*Ancila Domini*).

Essa relação da religiosidade colonial foi além da Casa Grande e da Senzala, cruzando a história do Brasil, passando inclusive por

processos de Independência, padroado, ascensão e queda de regimes monárquicos. Para além da Senhora do Rosário – dos brancos, dos pardos e dos pretos –, a intimidade com a figura de Maria, moldou o modo como o Catolicismo foi vivido em todas as regiões do Brasil. Diferente da formalidade religiosa do norte da Europa, a devoção mariana no Brasil ganhou tons de ternura materna, fundindo o sagrado e o doméstico, o litúrgico e o popular.

O processo de formação dessa religiosidade mariana tem raízes profundas na Península Ibérica, especialmente em Portugal, cuja tradição mariana foi transplantada para o Brasil desde os primeiros missionários. As ordens religiosas – jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos – foram responsáveis por difundir as festas e imagens de Nossa Senhora, associando-as aos ciclos da vida e do trabalho. Assim, Maria tornou-se a padroeira de vilas e cidades, de lavradores, pescadores e mineradores. As festas marianas uniam a religiosidade e o convívio social, sendo ocasiões de fé, de música e de partilha, em que o céu e a terra pareciam se encontrar na comunhão do povo com sua padroeira.

Com o passar dos séculos, essa presença mariana se consolidou de modo tão forte que o Brasil passou a ser conhecido como uma “terra de Maria”. A própria escolha de Nossa Senhora Aparecida como padroeira nacional, no século XX, apenas consagrou oficialmente o que já era verdade no coração do povo. A imagem encontrada nas águas do Rio Paraíba, humilde e escurecida, representou o encontro simbólico entre fé e identidade popular, entre a esperança dos pobres e o consolo materno de Deus. A devoção à Mãe Aparecida tornou-se o ponto culminante de uma espiritualidade popular, que enxerga Maria como companheira de caminho e sinal de ternura divina no meio das dores e alegrias da vida (a exemplo da música “Romaria”, de Renato Teixeira).

Entretanto, essa profunda devoção mariana brasileira, de matriz ibérica, é em grande parte desconhecida das expressões marianas originadas fora do eixo mediterrâneo. Por conta da distância geográfica, linguística e cultural, devoções surgidas em contextos nórdicos ou anglo-saxões, como a de Nossa Senhora de Walsingham, são praticamente desconhecidas e encontram dificuldade para se difundir no Brasil. Enquanto as devoções ibéricas, hispânicas e portuguesas chegaram através da colonização e das ordens missionárias, as devoções inglesas nativas foram praticamente suprimidas durante a Reforma e só mais tarde restauradas – num momento em que o Brasil já possuía uma

identidade religiosa consolidada e fortemente influenciada pelo Catolicismo lusitano.

A devoção a Nossa Senhora de Walsingham, nascida no século XI na Inglaterra, tem uma espiritualidade e um imaginário profundamente distintos do universo barroco e mediterrâneo. Seu simbolismo remete a uma “Santa Casa” de Nazaré, reconstruída em terras inglesas, e expressa uma piedade mais contemplativa, enraizada na tradição monástica e na sensibilidade anglo-saxônica. O foco dessa devoção está na encarnação do Verbo – o mistério de Deus habitando entre os homens –, e não tanto nas dores ou nos privilégios marianos, como nas devoções latinas. Essa dimensão teológica, embora riquíssima, é pouco familiar à mentalidade devocional brasileira, que privilegia o aspecto afetivo e protetor da Mãe de Deus.

Além disso, o Anglicanismo sempre teve presença discreta no Brasil, limitada a comunidades de imigrantes britânicos e, posteriormente, à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, de origem missionária norte-americana. Essa limitação contribuiu para que Walsingham permanecesse quase totalmente desconhecida entre os fiéis brasileiros. O nome e a história da Virgem de Walsingham raramente aparecem nas igrejas, nos altares ou nas ladainhas locais, contrastando com a familiaridade nacional de Fátima, Lourdes ou Aparecida.

Mesmo dentro da Igreja Católica, a circulação das devoções marianas inglesas foi restrita. O ressurgimento de Walsingham como santuário católico ocorreu apenas no século XX, já em um contexto de forte consolidação das devoções ibéricas no Brasil. Fátima, especialmente após as aparições de 1917, conquistou o coração do povo brasileiro com rapidez e intensidade, devido à afinidade linguística e cultural com Portugal. Assim, enquanto Fátima se tornou símbolo da piedade popular e Aparecida, expressão da fé nacional, Walsingham permaneceu um tesouro espiritual distante, conhecido apenas por estudiosos e por círculos mais ligados à tradição anglicana.

Essa distância, contudo, não significa desinteresse. Nos últimos anos, à medida que cresce no Brasil o interesse pelo diálogo ecumênico e pela redescoberta das raízes comuns da cristandade, tem surgido uma curiosidade maior sobre as devoções marianas de outras culturas. O estudo e a difusão da história de Walsingham têm despertado fascínio em muitos fiéis, especialmente por sua ligação com o tema da Encarnação e pela beleza da tradição inglesa em torno da Mãe de Deus. Alguns teólogos e liturgistas brasileiros já começam a perceber que

Walsingham pode enriquecer a espiritualidade nacional ao oferecer uma visão mais contemplativa e cristocêntrica da devoção mariana.

O contraste entre Walsingham e as devoções ibéricas não é de oposição, mas de falta de oportunidade para o seu conhecimento. Enquanto Fátima e Aparecida falam da intervenção divina na história humana e do cuidado materno de Maria pelos seus filhos, Walsingham recorda o mistério de Deus que se fez carne no silêncio do lar, na humildade da vida comum. Ambas as perspectivas se unem no amor e na fé, mostrando diferentes facetas do mesmo mistério da Mãe de Deus. Essa complementaridade pode ser uma ponte fecunda para o diálogo entre o catolicismo latino e o anglicanismo inglês, unindo duas tradições marianas que nasceram em contextos distintos, mas partilham o mesmo coração cristão.

É curioso observar que, enquanto o Catolicismo inglês renascia lentamente após a Emancipação Católica de 1829, o Brasil vivia um florescimento intenso de suas devoções marianas locais. A proclamação do dogma da Imaculada Conceção de Maria, em 1854, teve grande repercussão no país, e as festas marianas tornaram-se eventos nacionais. A religiosidade brasileira, de forte expressão pública, acolheu com entusiasmo qualquer celebração de Maria. Em contrapartida, a espiritualidade inglesa, marcada por séculos de reserva e contenção, voltou-se a uma devoção mais interior e discreta, como a de Walsingham, reconstruída com simplicidade e profundidade teológica.

Essa diferença cultural explica, em parte, a ausência de Walsingham na consciência religiosa brasileira. O imaginário inglês, com suas abadias de pedra, liturgias contidas e jardins silenciosos, é muito diverso do ambiente tropical, festivo e barroco do Brasil, onde Maria é cantada com cores, música e emoção – vide o complexo mosaico e celebrações litúrgicas no Santuário de Aparecida, principal centro de peregrinação mariano no Brasil. Contudo, essa diversidade não diminui o valor espiritual da devoção inglesa; ao contrário, revela a riqueza universal da fé cristã, que se expressa de modos diferentes conforme a cultura.

No campo acadêmico e teológico, o interesse por Walsingham tem crescido entre estudiosos brasileiros do anglicanismo e do ecumenismo. O santuário da Virgem inglesa é visto como símbolo de reconciliação entre católicos e anglicanos, e isso ressoa fortemente no contexto brasileiro, onde o diálogo intereclesial tem se intensificado nas últimas décadas. Maria aparece, assim, como figura de unidade — uma

ponte entre as tradições separadas, capaz de inspirar uma nova compreensão da catolicidade como comunhão na diversidade.

A devoção a Nossa Senhora de Walsingham, embora ainda pouco conhecida, pode oferecer ao Brasil uma oportunidade espiritual de ampliar seu horizonte mariano. Num país de intensa religiosidade popular, acostumado a invocar Maria em suas dores e alegrias, Walsingham pode introduzir uma dimensão mais contemplativa e encarnacional, convidando os fiéis a meditar sobre o mistério do Deus que habita o cotidiano. A “Casa de Nazaré” reconstruída em Norfolk torna-se, nesse sentido, um símbolo universal: o lar onde o divino e o humano se encontram, um espaço onde cada casa pode se tornar sagrada pela presença de Cristo.

O desafio para a difusão dessa devoção no Brasil está, portanto, menos na barreira cultural e mais no desconhecimento histórico. Através de publicações e pesquisas (como esta obra) e celebrações ecumênicas, é possível tornar Walsingham mais familiar aos brasileiros, sem que isso implique substituir as devoções tradicionais, mas enriquecê-las. O reconhecimento da Virgem de Walsingham como expressão autêntica do amor mariano é um passo importante para a maturidade espiritual de um país que, embora profundamente católico, começa a redescobrir a universalidade da fé cristã em suas diversas expressões culturais.

É preciso compreender que a religiosidade brasileira, com toda a sua riqueza, está em constante evolução. O mesmo Espírito que inspirou as aparições em Fátima, Lourdes e Aparecida, age também na redescoberta de tradições antigas, como Walsingham, que voltam a falar ao coração do povo de Deus. Essa ampliação do horizonte mariano não dilui a identidade do catolicismo brasileiro, mas o aprofunda, mostrando que Maria é verdadeiramente Mãe de todos os povos, e que cada cultura a contempla com suas próprias cores e sons.

Se a devoção a Nossa Senhora de Walsingham ainda é praticamente desconhecida no Brasil, isso se deve mais à distância histórica entre a “Terra de Santa Cruz” e “as montanhas verdes da Inglaterra onde caminhou o Cordeiro” do que à falta de afinidade espiritual com a figura de Maria. A Virgem Inglesa, com sua simplicidade e sua mensagem centrada na Encarnação, tem muito a dizer ao coração brasileiro, tão sensível ao amor de Deus.

O encontro equilibrado entre o fervor latino e a serenidade anglicana abriu novos caminhos para uma espiritualidade mais

profunda, onde todas as devoções convergem para a mesma realidade: a Mãe que acolheu o Verbo e o apresentou ao mundo. Foi dessa forma, através da espiritualidade mariana, tão característica do povo brasileiro, e do temperamento anglicano de acolher a diversidade de teologias, doutrinas e práticas litúrgicas, que as primeiras imagens, estandartes e ícones de Nossa Senhora de Walsingham chegaram ao Brasil.

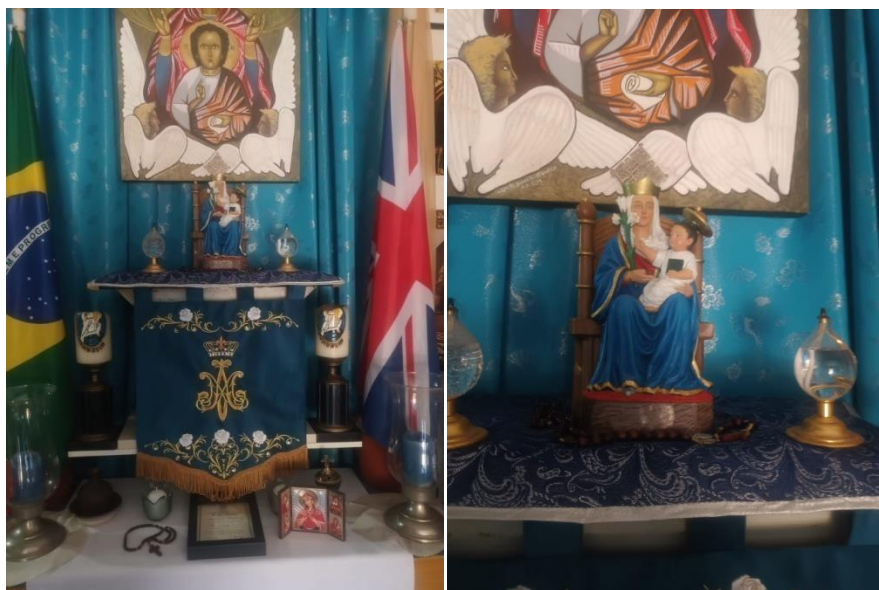
Imagens em Paróquias Anglicanas no Brasil

Mesmo sendo, em um país majoritariamente e culturalmente católico, foi através do Anglicanismo brasileiro que esta devoção chegou ao país. Ao que parece, todas as imagens e representações de Nossa Senhora de Walsingham que existem no Brasil, estão localizadas em igrejas anglicanas, de diferentes regiões do país. Todas elas, paróquias ou catedrais, seguem a corrente anglo-católica.

No decorrer deste capítulo, serão apresentadas algumas das principais paróquias anglicanas do Brasil e da Inglaterra que preservam a tradição litúrgica e a devoção mariana no contexto anglo-católico. Entre elas, destacam-se comunidades da IEAB, como a Capela Santa Maria Mãe de Deus, no Recife, ou comunidades de Igrejas Anglicanas Independentes, como a Paróquia Anglicana de São Jorge ou a Catedral da Diocese Anglicana de Votorantim, as quais mantêm viva a memória da devoção à Virgem de Walsingham, bem como, em alguns casos, mantêm algum tipo de ligação com santuário inglês.

É o caso da Paróquia Anglicana de São Jorge, na cidade de Rio Claro, São Paulo, a qual possui uma pequena imagem da Virgem, advinda da Inglaterra. Ela foi adquirida no próprio santuário, em Walsingham, pelo Reverendo Juliano Bernardino de Godoy, a qual contém um certificado de autenticidade. A mesma fica entronizada em um altar lateral, ladeada pelas bandeiras do Brasil e do Reino Unido, abaixo de um ícone da *Theotókos* e acima de um banner com as iniciais *Ave Maria*. Esta Paróquia no interior de São Paulo surgiu em 2012, sendo a primeira Igreja Anglicana em Rio Claro, de linha anglo-católica. Atualmente está ligada à Igreja Episcopal Anglicana do Chile⁵.

⁵ A Província da Comunhão Anglicana no Chile é a Igreja Anglicana do Chile. Já a Igreja Episcopal Anglicana do Chile (IEACH) surgiu em 2003, como uma divisão ocorrida na Igreja Anglicana do Chile, quando clérigos de linha anglo-católica não tiveram espaço na Província, majoritariamente evangélica. Em 1996 foi solicitada



Altar e imagem na Paróquia Anglicana de São Jorge (Rio Claro, SP).
Fotos: Rev. Pe. Juliano Bernardino de Godoy.

Outra imagem de nossa Senhora de Walsingham na região sudeste, se encontra na Catedral Anglicana da Santa Mãe de Deus, na cidade de Votorantim. Esta igreja pertence à Diocese Anglicana de Votorantim⁶. A pequena imagem, semelhante à da Paróquia de São Jorge, foi um presente do Bispo de Quincy, Juan Alberto Morales, da Igreja Anglicana da América do Norte (ACNA) para a Diocese de Votorantim. Esta imagem pertenceu à antiga Catedral de Quincy, que anos atrás sofreu um incêndio, o qual destruiu praticamente o templo por inteiro, porém, a imagem permaneceu intacta.

supervisão ao bispo William Godfrey, então diocesano do Uruguai ligado à Província do Cone Sul. Oferecendo apoio episcopal juntamente com o bispo David Hamid, colocou-os em contato com as jurisdições anglicanas católicas no resto do mundo.

⁶ A Diocese Anglicana de Votorantim é uma jurisdição anglicana independente, estabelecida em 09 de fevereiro de 2015, com a elevação da Igreja Santa Mãe de Deus à categoria de catedral. Sua sede está localizada na cidade de Votorantim, interior de São Paulo, sendo liderada por Dom James Tavares, cuja espiritualidade está enraizada na tradição anglo-católica. A Diocese mantém vínculos de plena comunhão com a Diocese de Quincy, nos Estados Unidos, com a Província Anglicana de Myanmar e com a Iglesia Jesucristo Nuestro Salvador, na Colômbia. A festa patronal da Diocese é celebrada em 15 de agosto, dia dedicado à Santa Mãe de Deus.



Altar e imagem na Catedral Anglicana Santa Mãe de Deus (Votorantim, SP).
Foto: Dom James Tavares.

Também foi erigido um altar com uma pequena imagem da Virgem na Paróquia Anglicana Santa Edwiges, em Cambé, Paraná. Esta Paróquia está ligada à Diocese Anglicana de Votorantim e tem como pároco o Reverendo Alexssandro. Abaixo da imagem de Santa Edwiges, encontra-se um nicho com uma pequena estátua de Nossa Senhora de Walsingham, voltada de frente para o altar. Tanto na Catedral Anglicana de Votorantim, quanto na Paróquia de Santa Edwiges, se observa a festa de Nossa Senhora de Walsingham, todo dia 24 de setembro.



Imagem na Paróquia Anglicana Santa Edwiges (Cambé, PR, 2019).
Foto: Dom James Tavares.

Um dos elementos arquitetônicos mais utilizados para a representação dos santos e que é distintivo das igrejas cristãs, especialmente aquelas construídas em estilo gótico, é o vitral. No Brasil, a única representação de Nossa Senhora de Walsingham feita em vitral, se encontra na Catedral Anglicana São Miguel Archanjo, em Paraisópolis. Esta igreja está ligada à Diocese Anglo-Católica de Minas Gerais, fundada e liderada pelo Bispo Rafael Mendes Martins. A representação da Mãe de Deus se localiza no altar, ao lado de outro vitral de Cristo Rei do Universo. O vitral da Virgem de Walsingham também pode ser iluminado, quando as luzes da igreja estão apagadas, formando um conjunto muito bonito e único em templos anglicanos brasileiros.



Altar e vitral na Catedral Anglicana São Miguel Arcanjo (Paraisópolis, MG, 2020).
Foto: Dom Rafael Mendes Martins.

É importante destacar que, no Brasil, a Comunhão Anglicana é representada por sua Província, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Em duas comunidades destacam-se ícones da Virgem de Walsingham. Uma delas é a Paróquia Cristo Rei, localizada no bairro de Cidade de Deus, Rio de Janeiro, ligada à Diocese Anglicana do Rio de Janeiro. Em seu auge como comunidade anglo-católica, foi feita a instalação de um pequeno altar próximo à porta de entrada, com um ícone da Virgem.

Também destacamos a Capela Nossa Senhora de Walsingham, na cidade de Andradas, Minas Gerais, também ligada à Diocese Anglicana do Rio de Janeiro. Esta comunidade é liderada pelo Reverendo Ismael Hurtado, sendo a primeira comunidade no Brasil a ter o título como capela. Embora não seja comum o uso de imagens esculpidas, existe uma Paróquia que passou a adotar não apenas a devoção à Nossa Senhora de Walsingham, mas também leva este título.

As imagens de Nossa Senhora de Walsingham no Recife

Antes de falar sobre a imagem do Recife, é preciso falar sobre duas comunidades que marcam e preservam a tradição anglo-católica no Anglicanismo brasileiro: A Paróquia Anglicana da Ascensão e a Capela Santa Maria Mãe de Deus. A Paróquia Anglicana da Ascensão é uma comunidade da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) que surgiu no contexto do desenvolvimento de um movimento anglo-católico no Brasil, através de um núcleo de clérigos da Diocese Anglicana do Recife – inicialmente liderados pelos Reverendos Rafael Vilaça, Bruno Costa e Elias Leôncio. Localizada no bairro da Várzea, no Recife, este templo, situado numa favela, se tornou rapidamente uma referência no meio anglicano, devido ao trabalho desenvolvido junto à comunidade local, junto com o resgate do alto cerimonial católico, através da tradição anglicana observada em paróquias da Inglaterra e dos Estados Unidos. Uma das marcas dessa comunidade foi a divulgação da devoção a Nossa Senhora de Walsingham.

Uma das motivações para a identidade da Paróquia da Ascensão foi a busca por reconstruir uma igreja que passou por momentos de esfriamento espiritual, e que renasceu através da implantação de uma liturgia alta, com características carismáticas – falando a língua do povo e da fé deste povo, segundo a identidade católica brasileira –, e desenvolvendo uma devoção mariana, segundo a tradição anglicana, a Nossa Senhora de Walsingham⁷.

A primeira imagem a estar presente na Paróquia da Ascensão foi um estandarte confeccionado pelo padre Rafael Vilaça, baseado em uma impressão em tecido, seguindo a representação clássica da Virgem e do Menino: ambos com as vestes tradicionais nas cores azul e vermelho, com o véu de Maria e a túnica de Jesus na cor branca. Na imagem, ambos estão representados com os motivos anglo-saxões, possuindo traços caucasianos e cabelos loiros. Este estandarte serviu por muito tempo como o ícone da histórica paróquia anglo-católica no Recife, em seus primeiros anos de atividade. Era levado em procissões, nas Festas de Nossa Senhora de Walsingham ou colocado em lugar de destaque, em festas ou em ordenações, como foi o caso das ordenações diaconal e presbiteral do Reverendo Bruno Costa.

⁷ A história completa da Paróquia Anglicana da Ascensão pode ser encontrada no último capítulo da obra do mesmo autor *Temas de Anglicanismo – Volume 1* (2025).



Estandarte na Paróquia Anglicana da Ascensão (Recife, PE, 2023).

Foto: Rev. Pe. Rafael Vilaça.

Por sua vez, a origem da Capela remonta ao Cemitério dos Ingleses, localizado no bairro de Santo Amaro, no Recife. Estabelecida em 1814, esta necrópole histórica foi construída para atender à comunidade britânica residente na cidade, que, por questões religiosas, não podia ser sepultada nos cemitérios católicos. A Capela, situada dentro do Cemitério, serviu como local de culto para os falecidos e seus familiares, constituindo-se no primeiro templo anglicano da cidade.

Embora tenha enfrentado períodos de inatividade, a Capela foi revitalizada por esta comunidade da Província da Comunhão Anglicana,

nomeando-a de Capela Santa Maria Mãe de Deus. Essa comunidade segue práticas litúrgicas do Anglo-Catolicismo, dando continuidade aos capelães anglicanos da cidade – cujos principais foram o Reverendo Charles Austin, apelidado de “Padre Inglês”; o Reverendo Alfredo Rocha da Fonseca, o primeiro capelão brasileiro; e outros de destaque, como os Reverendos americanos John Said e Philip Getchell.

No mês de maio de 2024, a equipe da Paróquia da Ascensão foi convidada pela administração do Cemitério dos Ingleses do Recife, para retomar as atividades em sua capela, o primeiro templo anglicano construído na cidade. Esta histórica capela, que esteve por tanto tempo sem celebrações, tornou-se agora o foco da continuidade do trabalho da Paróquia da Ascensão e da promoção da devoção mariana.

No mês de setembro do mesmo ano, durante a Festa de Nossa Senhora de Walsingham, foi apresentada a nova imagem da Virgem: uma peça em madeira maciça, com 60 cm de altura, que foi esculpida pelo artesão pernambucano e mestre santeiro Manoel, da cidade de Ibimirim, interior do estado. A imagem, atualmente localizada na Capela do Cemitério dos Ingleses do Recife, é uma peça original, não apenas pelo tamanho ou pelo valor do artista, mas porque possui uma estética única, marcada por traços coloniais, apontando diretamente para a religiosidade brasileira.

Até hoje, em várias casas de famílias brasileiras, vemos “aquela” imagem antiga de um santo em madeira, que está na família por gerações, desde os tempos dos avós ou bisavós. Essa imagem, embora tenha sido esculpida nos anos 2020, é única em suas características. Tanto Maria quanto Jesus possuem traços, ao mesmo tempo, europeus em sua pele, mas indígenas em seus olhares e formatos do rosto, constituindo-se em uma imagem com marcas nativas.

Do mesmo modo, os motivos floridos desenhados nas vestes apontam para a diversidade étnica do Brasil, que vem desde os tempos coloniais. Tal peça, única do gênero, não apenas no Brasil, mas em todo mundo, é uma representação original e inculturada, com fortes marcas da arte sacra pernambucana e brasileira, permitindo que, ao olharmos para a Senhora que segura o Senhor Jesus em seus braços, possamos chamá-los de “nossos”.

A imagem encontra-se ao lado direito do altar, representando a descrição do Salmo 44: “à vossa direita se assenta a rainha, com veste esplendente de ouro de ofir”. A disposição da imagem não foi pensada por acaso. Como as missas são celebradas com os clérigos voltados

para o altar (*ad orientem*), todas as vezes que o Credo Apostólico ou Niceno é recitado, na parte em que é mencionada a Encarnação, faz-se uma vênia voltando-se para o lado da imagem, onde também se dispõe o Evangelário, em referência aos Magos que se ajoelharam diante do Menino Jesus. A Teologia é Encarnada na Liturgia da Capela, de modo que, o resgate do cerimonial anglo-católico em pleno Nordeste brasileiro se trata de um resgate da própria tradição litúrgica anglicana. Os símbolos apontam para uma realidade transcendental, descrita pela Teologia, mas que vivida pelo povo em sua fé, ritos e imagens.



Imagem da Capela do Cemitério dos Ingleses (Recife, PE, 2024).

Foto: Rev. Pe. Rafael Vilça.

A retomada das celebrações no Cemitério dos Ingleses do Recife e a fundação da Capela Santa Maria Mãe de Deus, tem fortalecido a devoção a Nossa Senhora de Walsingham no Brasil, estabelecendo, inclusive, uma ligação com o Santuário Anglicano⁸. Hoje, a cidade do Recife é reconhecida como um berço da renovação anglo-católica no Brasil. Da capital pernambucana têm partido novas influências teológicas, litúrgicas e devocionais que já alcançaram paróquias e missões em diversas dioceses da IEAB.

Além das celebrações na *forma versus Deum*, da reintrodução da liturgia cantada e da divulgação mais enfática da arte sacra como expressão teológica, o uso de cores litúrgicas próprias na comunidade vêm marcando a identidade anglo-católica e mariana desta. Embora não esteja prescrito nas Normas do Ano Cristão do Livro de Oração Comum da IEAB, já se tornou comum o uso do azul celeste nos paramentos (casulas, estolas e dalmáticas) nas celebrações e festas da Bem-Aventurada Virgem Maria, na Capela. Esta cor mais aberta, contrasta com o Azul Royal (ou Sarum) utilizado comumente no Advento como substituto ao Roxo.

A nova guinada anglo-católica na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil a partir da cidade do Recife representa um dos movimentos mais marcantes de renovação litúrgica, espiritual e teológica no Anglicanismo brasileiro contemporâneo. Essa reorientação não surgiu de forma isolada, mas como fruto de um amadurecimento gradual de clérigos e comunidades que, nas últimas décadas, buscaram resgatar a herança sacramental, estética e devocional das origens católicas do anglicanismo. Recife, com sua tradição histórica, seu clero culto e seu ambiente religioso plural, tornou-se o centro irradiador dessa redescoberta da espiritualidade e das práticas anglo-católicas na Província Brasileira da Comunhão Anglicana.

⁸ Na véspera do lançamento deste livro, o seu autor se associou ao Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham, tornando-se um sacerdote associado. No Brasil, apenas dois sacerdotes anglicanos estão oficialmente vinculados ao santuário, o Reverendo Juliano Bernadino Godoy e o Reverendo Rafael Vilaça. Com isso, espera-se criar um maior vínculo entre a Capela Santa Maria Mãe de Deus, em Recife, e o Santuário na Inglaterra, ao passo em que se buscará um aprofundamento na espiritualidade mariana e uma maior divulgação da devoção no Brasil.

PARTE **V**

A REFLEXÃO TEOLÓGICA

A Teologia da Encarnação e a imagem de Walsingham

A teologia da Encarnação é um dos pilares centrais da fé cristã, pois afirma que o Deus eterno e transcendente se fez verdadeiramente humano em Jesus Cristo, sem deixar de ser Deus. Trata-se do mistério de um amor tão profundo que o Criador entra na história e assume a fragilidade de sua criatura, redimindo-a desde dentro. Essa doutrina, expressa de modo solene no Evangelho de João – “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14) –, revela que Deus não permanece distante do sofrimento humano, mas o assume, santificando a realidade material e a condição humana. Em Cristo, a divindade e a humanidade encontram-se inseparavelmente unidas em uma única Pessoa: o Verbo eterno do Pai.

A Encarnação é, portanto, o coração da economia da salvação. Ela mostra que a redenção não é uma obra realizada apenas por decreto divino, mas um processo que passa pela história e pela carne humana. O Filho de Deus torna-se homem para restaurar no ser humano a imagem e semelhança divina deformadas pelo pecado. Essa união hipostática, a união das duas naturezas, divina e humana, na única pessoa de Cristo. Este é o fundamento da vida cristã e da esperança escatológica: tudo o que é humano pode ser transfigurado pela graça. A salvação não consiste em fugir do mundo, mas em permitir que o mundo seja penetrado pela presença de Deus, que decidiu viver a divina experiência humana, para resgatar aqueles que haviam caído na sombra da morte.

Aqui, a Teologia da Encarnação encontra em Maria seu ponto de conexão mais íntimo: é ela quem, pelo sim da fé, permite que o Verbo divino se faça carne. Maria torna-se assim o elo entre o Céu e a humanidade, a colaboradora singular da Encarnação e modelo de obediência, humildade e entrega à vontade de Deus. A devoção a Maria nasce precisamente dessa centralidade que ela ocupa na Teologia da Encarnação. Ao aceitar ser Mãe do Verbo, ela se torna a primeira discípula do Cristo encarnado, modelo supremo de entrega e confiança em Deus. A piedade mariana não se limita a venerar a pessoa de Maria isoladamente, mas reconhece nela o papel vital de intercessora e guia espiritual para todos os cristãos, aquela que, estando intimamente unida a Cristo, nos conduz a Ele.

Ao longo dos séculos, a Igreja aprendeu a honrar Maria não apenas por sua maternidade física de Jesus, mas por sua participação

ativa no mistério da salvação. Orações, cânticos, ícones e peregrinações refletem a consciência de que Maria é o canal pelo qual a graça de Deus se manifesta de maneira especial no mundo. Sua devoção, portanto, é inseparável da contemplação da Encarnação: venerá-la é reconhecer a proximidade de Deus na história humana e a fecundidade da cooperação humana com a graça divina.

É preciso não apenas orar, mas também meditar nas palavras de nossos cânticos e orações. O melhor exemplo é, sem dúvida, o uso de cordões de oração, cujas práticas devocionais vão evoluir até Rosário. A sua função original era levar à meditação nos Mistérios da Vida de Cristo, desde a sua Encarnação, Nascimento, até a Ressurreição e Ascensão. Todavia, em muitos lugares, essa prática tornou-se distante, com uma mera repetição de orações ou a criação de outras devoções contemporâneas que tiram o foco da meditação nos mistérios.

As práticas devocionais, quando unidas à Teologia da Encarnação conduz à contemplação do mistério da união entre céu e terra. No Cristo encarnado, a eternidade penetra o tempo, e o tempo se abre para a eternidade. Essa é a chave de toda a espiritualidade cristã: a fé não é fuga do mundo, mas comunhão com Deus no mundo. Em cada gesto de amor, em cada obra de misericórdia, o cristão participa da mesma dinâmica da Encarnação – tornando presente o Verbo na história. É essa realidade que os Padres da Igreja expressaram ao dizer que “Deus se fez homem para que o homem se tornasse deus”, não por natureza, mas por graça.

A devoção a Maria como a Mãe do Cristo Encarnado enfatizou seu papel de trazer os humanos a Deus, reforçando assim o papel de Cristo como mediador. Como mãe de Cristo, Maria teve um papel especial no Cristianismo; com a gestação física e o nascimento de Cristo, Maria foi o vaso por meio do qual Deus se encarnou. [...] Longe de insistir que Maria era passiva, a devoção mariana na idade média apresentou uma forte figura feminina ao lado de Cristo, parte integrante da obra salvadora da Encarnação (DICKENS, 2009, p. 17).

Na iconografia, as representações da Virgem - e de modo especial -, de Nossa Senhora de Walsingham, geralmente retratam Maria segurando Menino nos braços, ou com ele sentado em seu colo. Quando olhamos a figura de Cristo, nos braços de Maria, percebemos

que ela sempre aponta para seu Menino, o Senhor da Criação, que nos eleva à condição de nova criatura, colocada em seu devido lugar de dignidade, diante da criação, com a autoridade que vem do Filho de Deus. Esta imagem, que retrata a Virgem, na realidade retrata também uma verdade revelada por Cristo para seus discípulos: “Jesus lhes disse: Em verdade lhes digo que, quando o Filho do homem se assentar no seu glorioso trono, na renovação de todas as coisas, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

É neste ponto que o ícone – a imagem do sagrado –, ocupa um lugar central e profundamente simbólico na oração cristã. Mais do que uma simples representação artística, o ícone é compreendido como uma “janela para o divino”, um meio pelo qual o fiel é conduzido à contemplação do mistério de Deus. Ele não é venerado por si mesmo, mas como sinal sacramental – visível e material – de uma realidade invisível e espiritual. Ao rezar diante de um ícone, o cristão não se dirige à madeira ou à tinta, mas à Pessoa representada, seja Cristo, a Virgem Maria, um santo ou um episódio sagrado.

A importância do ícone reside justamente na sua função pedagógica e espiritual: ele é uma teologia em cor e forma, que comunica a fé através da beleza. Os ícones não buscam realismo, mas transfiguração. Cada traço, cor e gesto é teologicamente intencional. Os rostos são serenos e iluminados, os olhos grandes e abertos para o mistério, as proporções alheias à lógica humana – tudo para indicar que ali se manifesta o mundo transfigurado, onde o tempo e o espaço se tornam eternos

Da mesma forma que existem diferentes maneiras de olhar o mundo, existem diferentes maneiras de “ler” um ícone e de interpretá-lo. Ao lado das leituras estéticas, teológicas, litúrgicas, tradicionais, uma leitura antropológica é possível, sendo cada ícone, para o coração desperto e para o olhar experimentado, uma revelação ou um desvelar o homem em sua profundidade e em seu vir a ser [...] O ícone não descreve uma história (a dos diferentes momentos da vida de Cristo e dos santos), mas relata tal história interpretando-a, simbolizando-a, transfigurando-a. Ele nos diz menos sobre o que realmente aconteceu do que sobre o que acontece realmente com aquele que se deixa informar, estruturar, habitar pela imagem que se lhe

apresenta. O ícone não é um quadro com tema religioso: é uma visão do mundo transfigurado, ou seja, habitado pelas "energias divinas" (energia) a respeito das quais Gregório Palamas e os teólogos ortodoxos tratam. O ícone é um anjo: mais que uma mensagem, é um mensageiro. Não é matéria, não são as cores, os símbolos representados que lhe conferem valor, mas a presença da Pessoa (ou hipóstase) que o ícone evoca. Ele é a obra de uma "imaginação criadora" (LELOUP, 2006, p. 16-17).

A veneração das imagens sacras é também uma confissão de fé na Encarnação do Cristo ressuscitado. Foi justamente este o ponto central das controvérsias iconoclastas dos séculos VIII e IX, quando a Igreja defendeu, com base na doutrina da Encarnação, que o invisível se tornou visível em Cristo. Assim, se colocar diante de um ícone sagrado e meditar na realidade vivida por aquele santo ou santa – a Mãe de Deus, ou até mesmo o próprio Cristo Jesus – é proclamar que o Filho de Deus assumiu nossa carne e, portanto, pode ser representado, assim como nós fomos moldados pelas mãos de Deus, feitos à sua imagem e semelhança. O ícone, acaba se tornando, por assim dizer, uma extensão do próprio mistério eucarístico: como o pão e o vinho tornam presente o Corpo e o Sangue de Cristo, a imagem sagrada torna presente a Pessoa de Cristo e dos santos na oração da Igreja.

Na prática espiritual, ele conduz à interioridade. Diante dele, o cristão aprende a permanecer em silêncio, a ouvir e a ver com os olhos da fé. Ele é um convite à conversão do olhar, pois ensina que a verdadeira beleza é a do amor divino refletido na humanidade santificada. Nas casas, nos templos e nas capelas, o ícone transforma o espaço comum em um lugar de encontro com o sagrado. É também um elemento de comunhão: o fiel não reza sozinho, mas na presença da “nuvem de testemunhas”, recordando que a oração cristã é sempre eclesial.

Teologicamente, a Encarnação é também a base de toda a sacramentalidade cristã. Porque Deus se fez visível em Cristo, o invisível pode ser experimentado através do visível. Assim, a matéria – a água do batismo, o pão e o vinho da Eucaristia, o óleo das unções – torna-se veículo da graça. Essa lógica encarnacional permeia a espiritualidade cristã e, em especial, o uso das imagens sagradas. Os ícones, as relíquias, as igrejas e os ritos são expressões materiais de uma fé que crê que Deus se comunica por meio do corpo e da história.

Negar a legitimidade do mundo sensível seria negar o próprio mistério da Encarnação.

Do ponto de vista antropológico, a teologia da Encarnação afirma a dignidade intrínseca da pessoa humana. Se Deus assumiu a nossa carne, então todo corpo é potencialmente lugar da manifestação divina. Por isso, a Encarnação funda a ética cristã da compaixão, da justiça e do amor: ver o Cristo encarnado no outro é reconhecer que cada ser humano é portador de uma presença sagrada. Essa dimensão social e comunitária da Encarnação faz com que o Cristianismo não seja apenas uma religião espiritualista, mas uma fé que se compromete com o mundo e suas feridas.

Neste ponto de intersecção, entre as influências teológicas, culturais e antropológicas, o leitor deve-se perguntar: mas onde entra a relação inicialmente comentada entre a nossa realidade enquanto brasileiros e a devoção, imagética e teologia por trás do título mariano de Nossa Senhora de Walsingham? Em primeira mão, não parece haver uma ligação com a realidade brasileira, uma vez que a mesma se origina de uma devoção inglesa e a própria Virgem é representada como uma rainha anglo-saxã. Todavia, da história que motivou a construção da Santa Casa, e sua ligação direta com a casa e a família de Nazaré, temos implicações em algumas reflexões teológicas, mas também sociais.

Atualmente, no Brasil, muitas famílias lutam pela bênção da casa própria. Nunca foi tão difícil sair do aluguel, ou até mesmo pagá-lo a cada mês. Em 2023, um quinto dos imóveis no Brasil eram alugados, onde 16% dos lares tinha apenas um morador. Este é o quadro atual de nosso país. É importante lembrar que a Sagrada Família de Nazaré não viveu apenas naquela casa na Judeia. Quando Jesus ainda era bebê, Maria precisou fugir para o Egito, escapando da violência do Rei Herodes. Anos depois, José faleceu, deixando a mãe junto com um filho, que bem cedo passou a assumir os ofícios do pai adotivo. Já idosa, Maria precisou ser acolhida na casa de João, na cidade de Éfeso, atual Turquia, onde terminou seu curso terreno. A mãe de Jesus experimentou todos esses desafios relativos à sua casa e ao seu lar.

Quantas famílias brasileiras não viveram e ainda vivem o mesmo drama da Família de Nazaré? Assim, o pedido em Walsingham, para a construção de uma Santa Casa, um lugar de refúgio e proteção, um santuário para abrigar os filhos e filhas de Deus, soa familiar a milhões de brasileiros que acorrem a Mãe de Deus. E da mesma forma, a devoção de Walsingham pode ser adaptada ao Brasil nesse contexto.

“Quem procura a minha ajuda, não vai embora de mãos vazias”. Essa foi a mensagem recebida por Richeldis. Maria torna-se modelo de fé, de esperança e de superação das dificuldades relacionadas à casa e ao lar. É na Providência Divina que depositamos nossa fé para continuarmos a caminhar, mesmo em meio às dificuldades da vida, e, com confiança em Deus, alcançarmos a vitória por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

A Mariologia Anglicana existe e ela deve ser estudada

Toda devoção mariana deve ter como centro o próprio Cristo. Mas muitos se perguntam: como isso é possível, se a maioria das orações das devoções marianas exaltam a figura de Maria? Primeiro, devemos ter em mente as palavras de Maria, que, cheia do Espírito Santo, proclama: “a minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque olhou para a humildade de sua serva. De hoje em diante, todas as gerações me chamarão de Bem-Aventurada. Porque o Todo-Poderoso realizou grandes obras em meu favor. Santo é o seu nome [...]” (Lucas 1:46-55).

Desde os primeiros séculos do cristianismo até os desenvolvimentos contemporâneos, a compreensão da pessoa e missão de Maria foi se transformando, ora enfatizando sua função no plano da salvação, ora relativizando sua importância para não ofuscar o papel central de Cristo. Nesse contexto, a Mariologia assume um papel ecumênico importante, principalmente após o desenvolvimento de séculos de pensamento teológico. O século XX e XXI retomou o papel de Maria na Igreja, como era desenvolvido e visto pelos teólogos da Patrística e os principais bispos do período. Ao recolocar Maria no centro da fé cristã, mas sem os excessos dogmáticos e devocionais que separaram os cristãos no passado, a nova Mariologia se torna ponte de diálogo com as tradições ortodoxas e até mesmo com os protestantes.

O destaque dado à Mariologia clássica favorece uma visão compartilhada de Maria como modelo de fé, discípula fiel e mãe espiritual da Igreja. Ao mesmo tempo, podemos considerar, sem dúvida, que a Tradição Cristã que mais se aprofundou neste campo de estudos teológicos foi a Igreja de Roma, de modo que a disciplina como campo de estudos tem seu ponto de partida do patrimônio católico romano. É importante lembrar que não existe na Ortodoxia uma Mariologia, apenas Cristologia. Tudo o que foi conservado a respeito da

Mãe de Deus, somente o foi, em função de seu Filho Divino. Logo, a própria Mariologia, como um campo de estudos especial voltado para a figura de Maria, deve apontar sempre para a figura de Cristo, como Senhor da Criação e Autor da Salvação da Humanidade. Pela própria vida devota a Deus por parte dela, devemos direcionar as devoções marianas sempre para Cristo e não tomá-la de forma isolada – por isso as representações medievais sempre apresentavam a Virgem com o Menino, e não isolada.

Assim como não há uma Mariologia Ortodoxa, apenas uma Cristologia consolidada pelos Concílios ecumênicos, do mesmo modo em outras confissões cristãs, como o Luteranismo, não há uma forma sistemática de se pensar a figura de Maria. Todavia, podemos sim falar de uma Mariologia Anglicana, dada a influência histórica de que a Virgem tem no Cristianismo inglês-insular. Ignorar este fato, diante da complexidade do Anglicanismo, e diante das mudanças na história da Teologia Cristã e na história da Igreja Anglicana, corre-se o risco de abrir espaço para a busca das ditas “novas perspectivas” – que muitas vezes partem do Liberalismo ou do Progressismo (para não dizer uma tentativa de *reinventar a roda* por parte de alguns teólogos). Isto é um desserviço aos pensadores cristãos que construíram milhares de milhares de linhas escritas à pena e, muitas vezes, a duras penas, quando não, como seus últimos registros (a exemplo dos santos mártires).

Para compreender melhor o papel de Maria na Igreja, é preciso abordar de forma histórica, as fases que marcam o pensamento doutrinário e dogmático do Cristianismo. Ao longo dos séculos, a figura de Maria foi integrada à Teologia, especialmente à luz das hermenêuticas bíblicas, eclesiológicas e, principalmente, cristológicas, consolidadas pelos Concílios Ecumênicos da Igreja.

No primeiro milênio da Teologia cristã, a reflexão sobre a figura da Virgem Maria se desenvolveu em íntima relação com a Doutrina Trinitária e a Cristologia. A Igreja estava centrada nos grandes concílios ecumênicos, como os de Éfeso (em 431) e Calcedônia (em 451), que tiveram como uma de suas principais preocupações a definição da natureza de Cristo. Nesse contexto, a devoção e a reflexão sobre Maria foram impulsionadas pela defesa da verdadeira humanidade e divindade de Jesus. O título de *Theotókos* (Mãe de Deus), conferido a Maria no Concílio de Éfeso, foi um marco inicial e decisivo que consolidou sua posição dentro da Fé cristã, mas sempre subordinada à compreensão correta de Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

A Mariologia do primeiro milênio, portanto, não era um campo autônomo da Teologia, mas profundamente integrado à Teologia Trinitária. Maria era vista como a Mãe do Verbo encarnado, o Filho Eterno do Pai, concebido pelo poder do Espírito Santo. A ênfase recaía sobre o papel de Maria como aquela que, por sua livre cooperação, tornou possível a encarnação do Verbo. Sua maternidade era entendida, não apenas em termos biológicos, mas em sua dimensão teológica e salvífica: Maria estava inserida no plano da Trindade como parte da economia da salvação, sem, contudo, substituir ou diminuir a centralidade de Cristo.

Outro ponto marcante nesse período foi o desenvolvimento de uma teologia da “Nova Eva”. Os Padres da Igreja, especialmente Irineu de Lyon, traçaram um paralelo entre Eva e Maria, destacando a segunda como aquela que, por sua obediência, desfez o nó da desobediência da primeira mulher. Essa leitura tipológica permitia ver Maria como figura cooperadora na redenção, sem jamais colocá-la em posição de igualdade com Cristo, o “Novo Adão”. Era uma Mariologia em chave bíblica e patrística, fundamentada na Sagrada Escritura e na tradição viva da Igreja, que refletia uma unidade profunda entre a Cristologia, a Pneumatologia nascente e a Eclesiologia, como áreas de pensamento e com métodos próprios de desenvolvimento de suas hermenêuticas.

Por outro lado, as práticas de veneração mariana eram expressas principalmente por meio da liturgia e da oração. Os hinos marianos, especialmente no Oriente, como o *Akathistos*, exaltavam a maternidade divina de Maria e sua santidade, mas sempre em perspectiva teológica trinitária. No Ocidente, figuras como Santo Agostinho contribuíram para o desenvolvimento da teologia mariana, ainda que de forma moderada e sempre subordinada à reflexão sobre Cristo. Assim, pode-se dizer que no primeiro milênio, a Mariologia floresceu como uma teologia integrativa, não autônoma, cuja missão era proteger o mistério de Cristo e da Trindade.

Ao entrar no segundo milênio, a Mariologia começou a ganhar contornos mais autônomos e devocionais, refletindo uma crescente separação entre Teologia e Espiritualidade. O desenvolvimento de práticas devocionais populares, como o rosário e as peregrinações marianas, fortaleceu o culto a Maria, muitas vezes de forma paralela ao culto cristocêntrico. A Teologia Escolástica, por sua vez, sistematizou as doutrinas marianas, buscando justificar racionalmente prerrogativas como a virgindade perpétua, a Imaculada Conceção e a Assunção.

Contudo, esse processo também levou, em certos momentos, a uma Mariologia desproporcional, centrada excessivamente na figura de Maria, quase eclipsando a centralidade de Cristo.

Durante esse período, especialmente na Idade Média, surgem grandes expoentes da Mariologia como São Bernardo de Claraval, que exaltava Maria como medianeira entre Deus e os homens, e Duns Scotus, que lançou as bases teológicas para a definição da Imaculada Conceção. A Mariologia medieval, embora rica em conteúdo teológico e espiritual, começou a perder sua integração trinitária original. Maria passou a ser vista em termos quase autônomos, como uma figura de salvação paralela, intercessora onipotente, Rainha do Céu e mãe de misericórdia. A linguagem mariana, tanto nos escritos quanto na arte, refletia essa tendência de superexaltação.

Essa exaltação mariana culminou na era barroca, marcada por uma devoção exuberante e popular, muitas vezes desprovida de rigor teológico. Maria era apresentada como corredentora de forma ambígua, o que suscitava tensões doutrinárias. A própria Reforma Protestante reagiu contra esse desenvolvimento, criticando a *mariolatria* e insistindo na suficiência de Cristo como único mediador. Em resposta, a Igreja Católica fortaleceu ainda mais a espiritualidade mariana, como forma de afirmar sua doutrina contra os reformadores. O Concílio de Trento, embora não tenha tratado diretamente da Mariologia, consolidou a base doutrinal sobre a qual se construíram as devoções marianas posteriores.

A proclamação dogmática da Imaculada Conceção, por Pio IX em 1854, e da Assunção de Maria, por Pio XII em 1950, são dois marcos que evidenciam a maturação (ou a hipertrofia, segundo alguns críticos) da Mariologia no segundo milênio. Esses dogmas expressam a fé da Igreja na singularidade da missão de Maria no plano da salvação, mas também levantaram debates sobre a oportunidade e fundamentação bíblica de tais definições. Ainda assim, Maria era vista como a mais perfeita das criaturas, modelo de santidade, intercessora por excelência e, para muitos teólogos e fiéis, corredentora e mediadora universal.

No entanto, essa fase mariológica também produziu consequências problemáticas. A excessiva centralidade de Maria em muitas espiritualidades, a multiplicação de títulos e festas, bem como a proliferação de aparições marianas, contribuíram para uma Mariologia muitas vezes desconectada do núcleo cristológico e trinitário da fé. Essa desconexão levou muitos teólogos do século XX a propor uma revisão

crítica da Mariologia, buscando reorientá-la para um fundamento mais sólido, centrado em Cristo e na Trindade, retomando as intuições do primeiro milênio.

Com o Concílio Vaticano II, iniciou-se uma nova fase dos estudos sobre Maria: a Mariologia cristocêntrica e trinitária, em resposta ao desequilíbrio anterior. A Constituição dogmática *Lumen Gentium*, especialmente em seu capítulo VIII, recoloca Maria dentro do mistério de Cristo e da Igreja, destacando sua função maternal no plano da salvação, mas de forma subordinada e integrada. O Concílio evitou proclamar novos dogmas marianos, optando por uma abordagem bíblica, teológica e pastoral que favorecesse o diálogo ecumênico e a unidade da fé centrada em Cristo.

Essa nova fase da Mariologia se caracteriza por uma reinterpretação do papel de Maria à luz da economia da salvação. Maria é vista como a primeira e mais perfeita discípula de Cristo, aquela que, por sua fé e obediência, cooperou livremente com o plano salvífico de Deus. Sua maternidade espiritual é entendida como um dom de Cristo crucificado à Igreja nascente, e sua mediação é sempre derivada e subordinada à única mediação de Cristo. A Mariologia, portanto, se redefine não como uma teologia isolada, mas como uma dimensão da teologia cristã integral.

Outro ponto importante dessa renovação é o retorno à base escriturística do pensar teológico. A exegese contemporânea busca compreender o papel de Maria a partir dos Evangelhos, especialmente os relatos da anunciação, visitação, crucifixão e Pentecostes. A figura de Maria é lida à luz do mistério pascal e do papel da Igreja como corpo de Cristo. Em vez de títulos triunfalistas e devocionais, acentua-se o testemunho de fé de Maria, sua escuta da Palavra, sua presença silenciosa e eficaz na comunidade cristã.

Na teologia cristã ortodoxa, Maria (*Theotókos*, ou Mãe/Portadora de Deus) ocupa lugar central, mas sempre em íntima relação com Cristo e com a Trindade. As doutrinas ortodoxas afirmam que chamar Maria de *Theotókos* não é dar-lhe divindade, mas garantir que reconhecemos corretamente que aquele que nasceu dela é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Isso protege a Cristologia, evitando que se entenda Cristo como alguém cuja divindade e humanidade estivessem separadas. A virgindade perpétua de Maria (antes, durante e depois do parto) é mantida pela Ortodoxia como um dogma da tradição, com base em concílios e nos Pais da Igreja. A Igreja Ortodoxa interpreta

passagens bíblicas sobre os irmãos de Jesus como parentes próximos ou irmãos espirituais, não irmãos biológicos.

Sobre o pecado original e sua relação com a inocência de Maria, a Ortodoxia tem uma posição diferente da doutrina católica romana da Imaculada Conceção. Maria é vista como “imaculada”, “pura”, “sem mancha” no sentido de que foi preservada de pecado pessoal e em toda a sua vida viveu em obediência, mas não se sustenta que ela tenha sido concebida sem a mancha do pecado original da maneira definida em Roma. Ou seja, a Ortodoxia rejeita formalmente a formulação da Conceção como dogma, segundo foi definido pela Igreja Católica.

Na Ortodoxia, Maria é igualmente venerada através de ícones, hinos, preces e festas. Mas sempre há a ênfase de que Maria aponta para Cristo. Apesar de atos de piedade como o constante beijo nos ícones (diferente do costume ocidental), isto não indica uma adoração (*latria*), que é reservada somente a Deus, ela recebe uma honra muito elevada (*dulia*), e, semelhante ao Catolicismo romano, também recebe muitos títulos de magnificência (*Panagia*). A teologia ortodoxa afirma que Maria exerce uma mediação indireta: ela ora pelos fiéis, intercede, participa de modo especial no plano da salvação porque foi chamada para cooperar livremente com Deus (na Anunciação). Essa mediação, porém, é entendida como derivada de Cristo, sempre subordinada a Ele, nunca como substituição ao sacrifício e obra de Cristo ou até mesmo competindo com Ele. A Ortodoxia também enfatiza profundamente a dimensão contemplativa e mística da presença de Maria: ela é modelo de fé, de obediência, de humildade. A imagem de Maria na liturgia ortodoxa reflete esse papel de “modelo” da Igreja.

Um dos pontos que distingue a abordagem católica romana da ortodoxa é que embora partilhem dogmas que envolvem a figura de Maria, mas que, na verdade dizem respeito à natureza de Cristo, como o título de *Theotókos* e o dogma da virgindade perpétua, a Ortodoxia oriental não definiu dogmaticamente a crença na Assunção de Maria da maneira como foi definida em Roma. Na Teologia ortodoxa não há dúvidas de que Maria entra no céu e assume um lugar “mais elevado que os serafins e mais glorioso que os querubins”, mas as formas teológicas de entendimento variam, e percebe-se cautela maior em proclamar como dogma aquilo que não se encontra claramente na Escritura ou na tradição dos primeiros séculos, preferindo os teólogos ortodoxos, até os dias atuais, ater aos termos definidos pelos Padres da Era Patrística.

No campo Protestante, o reformador alemão Martinho Lutero, sempre defendeu uma compreensão da figura de Maria de forma positiva, embora fortemente regulada pela sua ênfase na primazia da Escritura como autoridade final para definir qualquer proclamação teológica. Ele manteve crenças tradicionais como o título de *Theotókos* como fora definido no Concílio de Éfeso, bem como a virgindade perpétua de Maria (“antes, durante e depois do parto”). Lutero também expressou, em seu ministério e pregações, devoção por Maria, chamando-a de “a mãe mais abençoada”, exaltando seus dons, sua humildade, sua fé. Ele via Maria como exemplo para todos os crentes de fé, obedecer à Palavra de Deus.

O mesmo não pode ser dito de outros reformadores do período. Em uma carta de 27 de setembro de 1552, endereçada à Igreja Francesa em Londres, João Calvino critica o uso do termo *Theotókos*, tão caro à Cristologia dos primeiros séculos, e que foi mantida pelos reformadores luteranos.

Não posso esconder que esse título [mãe de Deus] comumente atribuído à Virgem em sermões é desaprovado e, de minha parte, não posso considerar tal linguagem correta, apropriada ou adequada (...) Pois chamar a Virgem Maria de 'mãe de Deus' só pode servir para confirmar os ignorantes em suas superstições. E aquele que tiver prazer nisso mostra claramente que não sabe o que é edificar a Igreja" (CALVINO, 27 set. 1552).

No entanto, Lutero foi cuidadoso em não elevar Maria a um nível que pudesse diluir a mediação exclusiva de Cristo. Ele rejeitou que Maria fosse mediadora de salvação ou que seus méritos participassem na redenção dos pecadores em paralelo ou adicional a Cristo. Quanto à Imaculada Conceção, embora Lutero tenha expressado em alguns momentos simpatia ou opinião favorável para com uma concepção imaculada de Maria, ele também afirmou que não era algo claramente estabelecido pela Escritura, de modo que não o considerava uma doutrina obrigatória. Seu posicionamento evoluiu, e em alguns escritos tardios ele parece menos seguro ou menos enfático sobre uma concepção sem pecado original.

Lutero também manteve que Maria viveu uma vida sem pecado atual (pecados cometidos), ou pelo menos evitou o pecado pessoal desde a Anunciação. Ele falava de Maria como “livre de pecado” no

sentido de que ela cooperou plenamente com a graça de Deus. Entretanto, ele nunca definiu formalmente ou dogmaticamente essa condição como parte central da fé luterana. E, sobre o dogma da Assunção de Maria, Lutero aceitava que Maria estivesse no céu, mas dizia que as Escrituras não afirmavam explicitamente como ou de que modo isso ocorreu (se foi elevada corporalmente, etc.), de sorte que considerava isso algo legítimo como crença devocional, mas não como dogma exigido.

Nos teólogos luteranos confessionais (como aqueles que subscreveram a Fórmula de Concórdia), Maria é reconhecida como digna de “grandes honras”, mas sempre com ressalvas de que tais honras não devem diminuir Cristo, nem dar lugar à superestimação de Maria em termos de mediação ou mérito. Teólogos luteranos posteriores variam bastante: em alguns círculos mais conservadores ou tradicionais, há mais espaço para devoção mariana mais rica; em outros, principalmente em comunidades luteranas evangélicas ou menos litúrgicas, Maria tende a ser lembrada mais como figura bíblica exemplar do que objeto de devoção popular. Também há diferenças culturais e regionais. Comunidades luteranas no Norte da Europa, ligadas à corrente “católica-evangélica”, mantiveram hinos, celebrações e festas marianas, como a Anunciação, Visitação, Dormição.

Ao chegarmos ao posicionamento teológico do Anglicanismo, primeiro precisamos pensar que não existe uma única linha de pensamento – seja por alguma Confissão local ou por um Magistério desenvolvido e reafirmado ao longo dos séculos. Uma vez que há diversas correntes dentro da Tradição Anglicana – seguindo, por exemplo, a tipologia de Thomas McKenzie na obra *The Anglican Way* (2013)⁹ –, juntamente com documentos de comissões ecumênicas que tentam articular um ponto de vista comum ou pelo menos identificar convergências e divergências entre as Igrejas, é possível traçar um norte.

O Anglicanismo historicamente manteve uma ambivalência: Como uma Tradição derivada da Igreja Católica e da tradição patristica, preservou alguns elementos de devoção e crença mariana, ao mesmo tempo em que, também influenciado pela Reforma, manteve reservas sobre práticas devocionais ou dogmáticas que não estivessem

⁹ As correntes atuais dessa tipologia anglicana, apontadas por McKenzie são oito: Católica; Evangélica; Carismática; Ortodoxa; Conservadora; Liberal; Ativista; e Mística. Uma explicação mais detalhada delas pode ser encontrada na obra do autor.

explicitamente baseadas nas Escrituras ou na Tradição comumente reconhecida. Essa ambivalência se expressa nos 39 Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra, que regulam o que se considera essencial.

Todavia, a visão de que a Reforma Inglesa rejeitou radicalmente toda a doutrina mariana ou litúrgica é uma simplificação totalmente errônea. O fato é que, mesmo após a Reforma, muitos anglicanos da cúpula da Igreja, mantiveram crenças marianas significativas, e práticas devocionais marianas (em formas compatíveis com a Teologia anglicana vigente). Eles não simplesmente “abandonaram tudo o que era católico”. As reformas litúrgicas do século XVI, por exemplo, eliminaram certas festas ou cerimônias consideradas “excessos” ou “suspeitas” pelos puritanos, mas não eliminaram Maria como figura de fé e devoção. A reintrodução (ou manutenção) dos cinco dias de festa mariana no calendário anglicano no século XVII é a prova disso.

Estas e outras características do Anglicanismo clássico podem ser rastreadas do século XVI até o Movimento de Oxford do século XIX. O que podemos afirmar é que, embora tenha sido suprimida do culto público, durante praticamente quatro séculos, as devoções à Virgem Maria sobreviveram ao tempo, seja através dos cripto-católicos ou pelos escritos das chamadas *Devoções Privadas* dos teólogos carolinos da *High Church* (Igreja Alta) anglicana.

Essas Devoções Privadas (*Private Devotions*) – obras publicadas por teólogos do período final da era Tudor e da era Stuart (comumente identificados adeptos do partido da *High Church*) – podem aqui, ter mais de um sentido. Este termo pode ser entendido como *devoções particulares*, por também podem ser entendidas por se tratarem de *devoções proibidas* de serem assumidas de modo oficial pela Igreja Estabelecida, a exemplo da veneração mariana nas Ilhas Britânicas, de séculos anteriores. Somente no século XX esta ganhará um caráter público, com a construção do santuário anglicano em Walsingham pelo Padre Patten.

O Bispo John Cosin foi um desses teólogos que enfrentou crítica dos puritanos por causa de sua *Collection of Private Devotions* – um manual de orações encomendado pelo Rei Carlos I, para uso das damas de honra da Rainha Henriqueta Maria. A obra e Cosin foram criticados por William Prynne e Henry Burton, sendo acusados de “papistas”. Mas o autor manteve os versos marianos, justificando-os como parte da herança antiga da Igreja, como expressões legítimas de devoção, não de adoração. Isso mostra que havia um esforço consciente de manter uma espiritualidade mariana dentro de limites considerados ortodoxos.

Do mesmo modo, Lancelot Andrewes – que serviu como Bispo de Chichester, de Ely e de Winchester, e supervisionou a tradução da Versão King James da Bíblia (1611) – também compôs a sua coleção de *Devoções Privadas* (intitulada *Preces Privatae*). O volume original das Devoções Privadas de Andrewes, que Richard Drake descreveu em 1648 como manchada pelo seu autor com “lágrimas e lamentos”, pelo seu constante uso, não sobreviveu até os nossos dias. Todavia, existe uma cópia presenteada pessoalmente por Andrewes a William Laud, antes deste se tornar Bispo de Bath and Wells. Os textos do Bispo Andrews tinham versos em latim, grego e hebraico. Vários acadêmicos traduziram e publicaram as *Devoções*, incluindo a tradução de John Henry Newman, durante o reavivamento pelo Movimento de Oxford.

O Arcebispo de Cantuária William Laud e os discípulos do Laudianismo (clérigos apoiadores das reformas litúrgicas e políticas de Laud e do Rei Carlos I) também foram promotores de ritos elaborados, com mais reverência, decoro litúrgico, e também festas, que incluíam em seus hinos, escritos e devoções privadas, a exemplo da figura de Maria como uma mulher santa, que é modelo de santidade. Essas posições elevadas não significavam conferirem a Maria poderes ou *status* divino, negando a necessidade de Cristo para a salvação.

Em geral, essa “devoção mariana” dos teólogos carolinos e dos partidários da *High Church* do século XVII reconhecia que Maria continua dependente da graça de Cristo, que sua intercessão é derivada e subordinada à autoridade de Cristo, e que, na Igreja como Corpo de Cristo, as Escrituras são a autoridade definitiva para a doutrina. Eles não simplesmente copiaram crenças e práticas do Catolicismo romano porque eram simpatizantes. Eles reafirmaram posições teológicas que foram firmadas nos primeiros séculos e escritas pelos principais pensadores patrísticos, reinterpretando e desenvolvendo uma teologia que dialogava com as questões próprias do seu tempo, sem se distanciar da rica herança preservada pela Igreja da Inglaterra.

Para desmistificar a ideia de que a Reforma Inglesa rompeu com a forma católica e práticas devocionais antigas, apresentamos, a seguir, um quadro geral da visão dos principais teólogos, poetas e pensadores do período. Parte desses textos e poemas está presente na obra do Reverendo John Barnes, publicada em 1973: *XV Devotions of Our Lady: From Anglican Writers of the XVII Century* (em livre tradução para o português: 15 Devoções de Nossa Senhora: De Escritores Anglicanos do Século XVII).

Muitos exemplos de devoções marianas desse período podem ser citados de fontes originais. Aqui serão apresentados alguns poemas, por serem inéditos em língua portuguesa. Por exemplo, o Bispo Thomas Ken, um dos mais importantes compositores da hinologia inglesa moderna, escreveu uma paráfrase do *Magnificat*, que, no mínimo, indica um interesse na devoção mariana (BARNES, 1973, p. 7):

*My Soul, my Spirit, with exalted Voice,
Praise God my Saviour, and in him rejoice;
Who on His Handmaid shines so bright, that all
The future World must Mary Blessed call.
The Mighty, me above my sex has raised;
His Name, which holy is, be ever praised.
His mercy on his votaries descends;
To endless generations it extends.
Strong is His arm, and scatters as a cloud
The vain imaginations of the proud.
He puts down mighty sinners from their seat;
He makes the meek, and humble spirit, great:
He fills the empty souls, who to Him pray;
And empty sends the gluttoned souls away.
He'll no propitious promises evade,
To Abram, or to our forefathers made.
He His preventing Mercy keeps in mind,
Which His dear Israel saves, and all mankind.*

*Minha alma, meu espírito, com voz exaltada,
Louvai a Deus, meu Salvador, e nele regozijai
Que em Sua Serva brilha tanto, que todo
O mundo futuro deve chamar Maria Santíssima.
O Poderoso, acima do meu sexo, me elevou;
Seu nome, que é santo, seja sempre louvado.
Sua misericórdia sobre seus devotos desce;
A gerações sem fim ela se estende.
Forte é Seu braço, e espalha como uma nuvem
As vãs imaginações dos orgulhosos.
Ele derruba pecadores poderosos de seus tronos;
Ele engrandece o espírito manso e humilde:
Ele preenche as almas vazias, que a Ele oram;
E vazia manda embora as almas fartas.
Ele não se esquivará de promessas propícias,
A Abrão, ou aos nossos antepassados.
Ele lembra de Sua misericórdia preventiva
Que Seu amado Israel salva, e toda a humanidade*

Ainda da pena do Bispo Thomas Ken, este ora, pedindo para alcançar uma graça de Deus, através da oração (intercessão) de Maria (BARNES, 1973, p. 8):

*O Jesu, who bless'd Mary didst revere,
Near Thee enthroned in the celestial Sphere,
Help me to sing the plenitude of Grace,
Exalting her above all female race,
The mighty Love Thou didst on her diffuse,
Whom Thou God-man didst
for Thy Mother choose.*

*Ó Jesus, a quem abençoaste a bendita Maria,
Perto de Ti entronizada na Esfera celestial,
Ajuda-me a cantar a plenitude da Graça,
Exaltando-a acima de toda a raça feminina,
O poderoso Amor que nela difundiste,
A quem Tu, Deus-homem,
escolheste para Tua Mãe.*

O famoso poeta e deão da Catedral de São Paulo em Londres, John Donne, também escreveu, por volta do ano de 1630, uma devoção privada em ação de graças pela participação da Virgem na redenção da humanidade e pelas suas orações (BARNES, 1973, p. 10):

*For that fair blessed Mother-maid,
Whose flesh redeem'd us; That she-Cherubin,
Which unlock'd Paradise, and made
One claim for innocence,
and disseiz'd sin,
Whose womb was a strange bear'n, for there
God cloath'd Himself, and grew,
Our zealous thanks we pour.
As her deeds were
Our helps, so are her prayers;
nor can she sue
In vain, who hath such titles unto you.*

*Por aquela bela e abençoada Virgem-Mãe
Cuja carne nos redimiu; Aquela Querubim,
Que abriu o Paraíso e fez
Uma reivindicação pela inocência
e pecado disseminado
Cujó ventre era um céu estranho, pois ali
Deus se vestiu e cresceu,
Nossos zelosos agradecimentos derramamos.
Assim como foram suas ações
Nossa ajuda, assim são suas orações;
nem ela pode processar
Em vão, quem tem tais títulos para você.*

Ainda nos textos poéticos, tem-se um caso interesse da escrita em forma de ladainha da pena Thomas Traherne¹⁰, clérigo anglicano e poeta, que exalta a Virgem pelas virtudes (BARNES, 1973, p. 10-11):

*O Lord I praise and magnify thy Name
For the Most Holy Virgin-Mother of God,
Who is the Highest of Thy Saints.
The most Glorious of all Thy Creatures.
The most Perfect of all Thy Works.
The nearest unto Thee, in the Throne of God.
Whom Thou didst please to make
Daughter of the Eternal Father.
Mother of the Eternal Son.
Spouse of the Eternal Spirit.
Tabernacle of the most Glorious Trinity.
Mother of Jesus.
Mother of the Messias.
Mother of Him
who was the Desire of all Nations.
Mother of the Prince of Peace.
Mother of the King of Heaven.
Mother of our Creator.
Mother and Virgin.
Mirror of Humility and Obedience.
Mirror of Wisdom and Devotion.
Mirror of Modesty and Chastity.
Mirror of sleetness and Resignation.
Mirror of Sanctity.
Mirror of all Virtues.*

*Ó Senhor, eu louvo e engrandeço o teu Nome
Pela Santíssima Virgem Mãe de Deus,
Que é a Altíssima dos Teus Santos.
A mais Gloriosa de todas as Tuas Criaturas.
A mais Perfeita de todas as Tuas Obras.
A mais próxima de Ti, no Trono de Deus.
A quem Tu quiseste fazer
Filha do Pai Eterno.
Mãe do Filho Eterno.
Esposa do Espírito Eterno.
Tabernáculo da Gloriosa Trindade.
Mãe de Jesus.
Mãe do Messias.
Mãe d'Aquele
que era o Desejado de todas as Nações.
Mãe do Príncipe da Paz.
Mãe do Rei do Céu.
Mãe do nosso Criador.
Mãe e Virgem.
Espelho de Humildade e Obediência.
Espelho de Sabedoria e Devoção.
Espelho de Modéstia e Castidade.
Espelho da inércia e da resignação.
Espelho da santidade.
Espelho de todas as virtudes.*

¹⁰ Sua obra mais famosa, *Centuries of Meditations*, só foi descoberta no século XX. Embora grande parte ainda seja inédita, tal descoberta é uma das maiores da literatura.

Joseph Beaumont, Bispo de Ely, escreveu várias obras¹¹. Em uma delas, honrava a Virgem Maria os títulos das “Antífonas do Ó”, apontando ela como um “Ninho de Bênçãos” (BARNES, 1973, p. 15):

*She, the transcendent Crown of Females, she
Great Jacob's Ladder,
Aarons Budding Rod,
The chrystal Princess of Virginity,
David's fair Tower, the Mother of her God,
Mary herself: O may that lovely Name
Be Blessings Nest,
and the dear Theme of Fame.*

*Ela, a transcendente Coroa das Mulheres, ela
A Grande Escada de Jacó,
a Vara de Aarão em Flor,
A Princesa de Cristal da Virgindade,
A bela Torre de Davi, a Mãe de seu Deus,
A própria Maria: Ó, que esse adorável Nome
Seja o Ninho das Bênçãos
e o querido Tema da Fama.*

Outros poemas que apontam para uma alta teologia, sobre o tema da purificação da Virgem, vêm dos escritos de Nathaniel Eaton, clérigo anglicano e primeiro diretor de Harvard (BARNES, 1973, p. 16):

*I apprehend, Bright Maid,
no reason for't,
So God-Like pure,
as we believe thou wert,
Why thou shouldst these mysterious Rites apply
Thy spotless self yet more to purify.
Unless perhaps, as some affirm, there be
A new found acme in Divinitie,
Like unto that, which, in another sense,
Grammariaris call
the more than perfect tense:
I know not how their dreams they can assure,
But this I know, thou'rt either more than pure,
Or these Mysterious Rites,
Bright Maid, to thee,
That wert so pure before, superfluous be.*

*Eu compreendo, Donzela Brilhante,
que não há razão para isso,
Tão pura como Deus,
como acreditamos que eras,
Por que deverias aplicar estes Ritos misteriosos
Ainda mais para purificar teu ser imaculado
A menos que talvez, como alguns afirmam, haja
Um novo ápice encontrado na Divindade,
Semelhante ao que, em outro sentido,
Os gramáticos chamam
de tempo mais que perfeito:
Não sei como seus sonhos podem assegurar,
Mas uma coisa eu sei: ou és mais que pura,
Ou estes Ritos Misteriosos,
Donzela Brilhante, para ti,
Que eras tão pura antes, são supérfluos.*

Por fim, um poema dedicado à Virgem Maria, escrito por Ben Jonson – um dramaturgo, poeta e ator inglês, contemporâneo de Shakespeare (BARNES, 1973, p. 18) –, demonstra esta ambivalência de correntes teológicas no período em que foram escritos os 39 Artigos. Utilizando títulos e louvores bastante avançado para a Virgem Maria.

¹¹ Beaumont escreveu *Psique*, publicado no início de 1648, cujo poema alegórico representava a alma conduzida pela graça divina e seu anjo da guarda através das várias tentações e agressões da vida em direção à sua felicidade eterna.

*Daughter, and Mother, and the Spouse of God,
Alike of kin, to that most blessed Trine
Of Persons,
yet in Union (One) divine.
How are thy gifts, and graces
blaz'd abroad!*

*Most holy, and pure Virgin,
blessed Maid,
Sweet Tree of Life,
King David's strength and Tower,
The House of Gold,
the Gate of Heaven's power,
The Morning-star,
whose light our Fall hath stayed*

*Great Queen of Queens,
most mild, most meek, most wise,
Most venerable.
Cause of all our joy.
Whose cheerful look our sadness doth destroy,
And art the spotless Mirror
to mans eyes.*

*The Seat of Sapience, the most lovely Mother,
And most to be admired of thy sex,
Who madst us happy all, in thy reflexe,
By bringing forth God's only Son, no other.
no other.*

*Thou Throne of glory, beauteous as the Moon,
The rosy Morning, or the rising Sun,
Who like a giant
hast his course to run,
Till he hath reach'd
his twofold point of Noon*

*Filha, e Mãe, e Esposa de Deus,
Parente semelhante a essa Santíssima Trindade
de Pessoas,
ainda que em União (Única) divina.
Como teus dons e graças
resplandecem por toda parte!*

*Santíssima e pura Virgem
bendita Donzela,
Doce Árvore da Vida
força e Torre do Rei Davi,
A Casa de Ouro,
o Portão do poder do Céu,
A Estrela da Manhã,
cuja luz nossa Queda contene*

*Grande Rainha das Rainhas,
a mais suave, a mais mansa, a mais sábia,
A mais venerável.
Causa de toda a nossa alegria.
Cujo olhar alegre nossa tristeza destrói,
E Espelho imaculado
para os olhos do homem*

*A Sede da Sapiência, a Mãe mais amável
E a mais admirável do teu sexo,
Que tornaste todos felizes, no teu reflexo,
Ao gerar o Filho único de Deus,
nenhum outro.*

*Tu, Trono de glória, belo como a Lua,
A Manhã rósea, ou o Sol nascente,
Que como um gigante,
Tem sua carreira a percorrer,
Até que ele tenha alcançado
seu ponto duplo de meio-dia*

Ainda sobre a questão, acerca de escritos de teólogos carolinos, o Bispo Lancelot Andrewes, escreveu em suas Devoções uma clara aceitação – pelo menos em termos, não dogmáticos – da Imaculada Conceção de Maria, a partir da celebração de sua memória festiva:

Comemorando a santíssima e imaculada Maria, mais que bendita, Mãe de Deus e sempre virgem, com todos os santos, recomendamos-nos, uns aos outros e toda a nossa

vida a Cristo, nosso Deus; pois a Ti, Senhor, pertencem a glória, a honra e o culto. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam comigo e com todos nós. Amém (BARNES, 1973, p. 19).

Diante do conjunto de devoções privadas de espiritualidade marianas surgidas entre estes escritores do século XVII, William Lahey em seu artigo *The Blessed Virgin Mary in the Theology and Devotion of the Seventeenth-Century Anglican Divines* aponta que, mesmo em um período em que as antigas práticas devocionais à Virgem Maria não figurava nos formulários litúrgicos oficiais da Igreja da Inglaterra, diversos teólogos, bispos e sacerdotes mantinham viva a veneração à Mãe de Deus por meio de orações, poemas e tratados devocionais. Esses textos, redigidos com sensibilidade teológica e literária, testemunham que a tradição mariana nunca esteve totalmente ausente do coração anglicano, mas continuou a florescer discretamente nos círculos de piedade pessoal e na meditação dos santos mistérios da Encarnação.

Todas essas devoções (retiradas de uma coleção de devoções a Nossa Senhora de escritores anglicanos do século XVII) indicam, ao que me parece, um conceito bastante profundo de Nossa Senhora, embora não fosse mencionada nos formulários oficiais da Igreja da Inglaterra naquela época. No entanto, os homens que foram escritores – que eram devotos, bispos e padres, ou doutores em religião – parecem ter fornecido, para aqueles que os utilizavam, muitos bons exemplos de devoção, e exemplos belamente escritos. Portanto, aqui novamente, vemos que a devoção e o pensamento anglicanos a respeito da Santíssima Mãe estavam longe de estar mortos, embora talvez fossem mantidos em lugares isolados (LAHEY, 1987, p. 168).

A partir desse conjunto de declarações e devoções privadas vindas desde os altos teólogos carolinos, poetas e escritores ingleses do século XVI e XVII, percebem-se duas realidades: a Tradição ainda é uma dimensão fortemente presente na teologia anglicana – respaldando a hermenêutica do Tripé de Richard Hooker (*Escritura, Tradição e Razão*).

A segunda é que, o princípio da Reforma Protestante do *Sola Scriptura* – como única fonte para a Fé professada, não se aplica ao Anglicanismo clássico desse período (pelo menos entre os partidários

da *High Church*). As afirmações e louvações à Virgem muitas vezes nos lembram textos dos santos católicos Afonso Maria de Ligório e Luís Grignon de Montfort. Todavia, pertencem aos bispos anglicanos Lancelot Andrews, Thomas Ken e Joseph Beaumont.

As preocupações nos primeiros anos do Movimento de Oxford, não eram doutrinas ou entendimentos teológicos ou litúrgicos acerca dos santos, mas sim sobre questões de política eclesiástica e de hermenêutica bíblica que a Igreja da Inglaterra fazia na época. A reserva dos tractarianos (como também eram chamados os Padres de Oxford), manteve a figura de Maria a uma distância (e em certo sentido, escondida ou “fora de vista” do culto público). Certa vez, John Keble foi encorajado por seu amigo, o juiz Sir John Taylor Coleridge e alguns outros colegas, a não publicar em um poema de 1845 sobre a Virgem.

Pusey temia que a vitória política conquistada pelos liberais em 1832 não apenas ameaçasse a estrutura da Igreja Anglicana, mas também incentivasse a disseminação da indiferença em relação ao cristianismo em geral. Na obra *A Regra da Fé*, Pusey reafirma a fé anglicana como uma fé ortodoxa, destacando a Teologia Patrística e dos seus respectivos teólogos como a base para a doutrina professada pela Igreja Anglicana. Sobre o tema da Maternidade Divina de Maria, Pusey é enfático ao defender o primeiro e mais importante título mariano: Mãe de Deus.

As próprias palavras adotadas não eram novas, mas palavras recebidas dos Padres. As palavras [homooúision], “de Uma Substância” e [Theotókos], “Mãe de Deus”, longe de serem termos recém-inventados, são tão antigas quanto quaisquer termos que não estejam nas Sagradas Escrituras. “Os Bispos”, diz Santo Atanásio sobre o primeiro, “não inventando as palavras para si mesmos, mas tendo o testemunho dos Padres, assim escreveram”. A palavra [Theotókos] foi recebida no tempo de Orígenes, e conhecida até mesmo pelo ainda pagão Constantino. Teodoreto, naturalmente desinteressado por ela, diz, “os arautos da fé ortodoxa, de antigamente, e aqueles mais velhos que eles, ensinaram a nomear e crer na Mãe do Senhor, [Theotókos], de acordo com a tradição Apostólica (PUSEY, 2024, p. 53-55)

Como o Movimento de Oxford enfatizava tão vigorosamente a catolicidade das crenças anglicanas, seus líderes eram frequentemente acusados de serem católicos romanos de coração, como atestam os ataques à visão de Pusey sobre a Eucaristia. Ao mesmo tempo em que Edward Pusey defendia uma visão Alta de Igreja, dando continuidade às teses e posições doutrinárias dos teólogos carolinos e laudianos, o mesmo não gostava da grande veneração que era dada à Virgem Maria no Catolicismo e a considerava um grande obstáculo à reunificação entre as Igrejas Romana e Anglicana.

Já John Henry Newman, ainda em sua fase anglicana, nutria uma devoção íntima e sincera à Virgem Maria, a quem via como a “Nova Eva” e a mais pura entre todos os santos. Embora essa devoção fosse constante, suas convicções teológicas amadureceram ao longo dos anos. Como anglicano, tinha uma alta Mariologia, mas também combinava sua reverência por Maria com algum tipo de cautela ou advertência de que tais noções poderiam levar a doutrinas e práticas que não eram sancionadas pela Igreja da Inglaterra. Nos primeiros anos de sua caminhada, Newman preferia limitar suas afirmações públicas ao que julgava encontrar respaldo explícito nas Escrituras, evitando adotar abertamente certas formulações doutrinárias para não ser identificado como “papista”. A evolução do método e dos posicionamentos dos sermões de Newman aponta para uma evolução do seu pensamento dogmático sobre diversos temas, demonstrando um claro afastamento dos Padres de Oxford, dos Evangelicais de seu tempo.

Ainda como anglicano, em um sermão na noite de Natal de 1925 (*Parochial and Plain Sermons*, Vol. VIII, p. 252), John Henry Newman declara o seguinte sobre a Virgem Maria: “Uma filha do homem se tornou a Mãe de Deus – para ela, de fato, um dom indizível de graça; mas nEle, que condescendência”. Um pouco antes do início do Movimento de Oxford, ocorrido em 1833, Newman se posicionou quanto a sua fé, se afastando do Evangelicalismo dominante naquele período na Inglaterra.

Seu sermão de 25 de março de 1832, “A Reverência devida à Santíssima Virgem Maria”, foi pregado logo após sua transição do evangelicalismo para o anglicanismo. Ele usou as Escrituras como confirmação de seus ensinamentos sobre como chegamos à verdade, em um sentido aplicado. Ao usar os princípios das Escrituras ao longo do sermão, ele contrastou o

caminho de santificação de Maria com o nosso. Sua impecabilidade a libertou da experiência da expiação. Essa conclusão é uma excelente confirmação do fato de que Newman havia substituído a Expiação de seu período evangélico pela Encarnação, a principal doutrina que dominaria seu período católico. Um uso raro das Escrituras neste sermão foi o contraste que ele fez da lectio divina com uma análise científica da passagem. Pela contemplação, a pessoa se encontra em um estado em que pode tentar captar o evento e seu significado como foi originalmente vivenciado (BRITT, 1995, p. 223).

Ao refletir sobre a santidade de Maria, Newman utiliza as Escrituras não como um instrumento de análise crítica ou dogmática, mas como via contemplativa de acesso à Verdade divina, evidenciando um movimento espiritual típico dos teólogos de Oxford, em oposição ao racionalismo e o liberalismo presentes na Inglaterra do século XIX. A forma como ele contrapõe o caminho de santificação de Maria ao do ser humano comum demonstra não apenas uma compreensão amadurecida da graça, mas também uma espiritualidade com alto teor de catolicidade, que começa a se abrir à figura de Maria no plano da Salvação, como reflexo da própria Encarnação de Cristo no mundo.

Uma abordagem cronológica dos sermões e obras como *Lectures on Justification* destaca esses pontos, enquanto um olhar mais atento às descobertas torna isso claro. Em seu sermão de 13 de abril de 1830 sobre o texto de 1 João 1:1-3, Newman questionou sua relação com a justiça ao abandonar o Evangelicalismo. Em seu sermão de 15 de novembro de 1835, ele pôde pregar sobre o “Batismo Regenerador” com ênfase no batismo, ao se separar dos evangélicos e do ritual judaico. Assim, em seu sermão de 16 de julho de 1837, ele usou as Escrituras para iluminar o caráter sacramental da realidade e da vida litúrgica da Igreja. Em 3 de abril de 1843, Newman utilizou uma coleção de referências do Novo e do Antigo Testamento ao Pastor como base para sua abordagem pastoral da Encarnação. Logo no início do sermão, ele contrastou João 1:14 e Gálatas 4:4 com o símbolo do Pastor, mostrando assim que a Escritura pode ser abstrata, bem como muito concreta. A primeira está além do alcance do público; a segunda está bem ao seu alcance. Esse uso se baseia em analogia. Por meio dela, ele pôde mostrar o

valor da economia no ensino, que a lacuna entre o que podemos compreender e o que não podemos compreender exige. Tanto a Escritura quanto Jesus falando nas Escrituras aceitam essa limitação; no entanto, com o simples e o concreto, eles misturam o profundo e o exaltado. Esse mesmo padrão revela quão inefável é o mistério (BRITT, 1995, p. 219).

O que se percebe, tanto em Newman quanto em Pusey (seguindo com os demais teólogos do Movimento de Oxford), é o uso constante das Escrituras para provar as suas posições. E foi a partir da hermenêutica bíblica – explicitada nos sermões paroquiais –, que se iniciou um verdadeiro debate sobre a interpretação das doutrinas na Igreja Anglicana e sua relação com a fé católica e ortodoxa do início do Cristianismo. O grande uso das Escrituras por Newman transparece na “conexão” de vários escritos menores sobre a Virgem Maria.

Embora “Um Ensaio sobre o Desenvolvimento da Doutrina Cristã” tenha revelado a posição de Newman sobre Maria pouco antes de se tornar católico, não utilizou as Escrituras em nenhuma extensão. No entanto, “A Teoria dos Desenvolvimentos na Doutrina Religiosa”, sermão 15 nos Sermões da Universidade de Oxford, apresentou sua posição ao final de seu período anglicano e utilizou versículos bíblicos importantes sobre Maria (Lucas 2:19 e 51), que reiteram o fato de que Maria guardava essas coisas em seu coração, como base para um sermão doutrinário. Newman utilizou as Escrituras como exemplo de um sentido mais profundo por meio do qual a implicação do ato de Maria seria compreendida e desenvolvida (BRITT, 1995, p. 221).

Porém, dentro do Movimento de Oxford, o posicionamento teológico de seus principais líderes, nem sempre foi uniforme. A exemplo disso temos as divergências entre John Henry Newman e Edward Bouverie Pusey. Após sua conversão ao Catolicismo romano, Newman *Certas Dificuldades Sentido pelos Anglicanos no Ensino Católico*. Nesta obra, temos uma *Carta endereçada ao Rev. EB Pusey*, por ocasião de seu *Eirenicon*¹² de 1864. Esta obra do Reverendo Edward Bouverie Pusey foi publicada em resposta a críticas sobre a apostolicidade da

¹² O termo *eirenicon* refere-se a uma declaração que busca conciliar doutrinas conflitantes, e Pusey usou este termo para seu esforço em unificar as duas igrejas.

Igreja da Inglaterra, pelo Cardeal Manning. Na sua obra, Pusey tenta harmonizar as doutrinas da Igreja Anglicana e da Igreja Católica.

Na quinta parte da Carta, analisa a irreal lacuna entre anglicanos e católicos romanos. Ele expressa certo desapontamento ao perceber que Pusey havia subestimado sua própria posição quanto à Virgem Maria, apresentando-a de modo mais restrito do que realmente era, ao mesmo tempo em que se detinham excessivamente nos exageros encontrados em alguns autores católicos. Newman argumenta que, se Pusey tivesse demonstrado o mesmo rigor e discernimento que aplicou ao examinar as respostas dos bispos à Santa Sé acerca da doutrina da Imaculada Conceição, ao avaliar de forma justa a devoção mariana dentro do Catolicismo, não haveria motivo para que tal distância – mais aparente que real – persistisse entre as duas tradições.

Do outro lado, no campo evangélico da Inglaterra, em janeiro de 1866, o pregador britânico Charles Spurgeon publicou numa edição da *Sword and Trowel* uma análise da obra de Edward Pusey sobre a adoração de Maria na Igreja de Roma, acusando os católicos de “mariolatria”. Esse debate, infelizmente permanece até os dias atuais, afastando católicos e evangélicos (e também anglicanos), da construção da unidade cristã, como o próprio Newman reconhece.

Newman admite que os católicos colocaram um obstáculo no caminho da devoção à Santíssima Virgem por sua falta de caridade, por suas atitudes decadentes, por sua falta de humildade e por sua maneira hostil de buscar a paz; mas os anglicanos também colocaram um obstáculo por seu espírito crítico, por sua abordagem farisaica. Um vínculo de confiança exigiria um novo espírito por parte de ambos, e esta é a esperança de Newman diante do *Eirenicon* de Pusey (BRITT, 1995p. 228).

No diálogo dentro da Comunhão Anglicana, há tensão entre manter a identidade distinta daquela de Roma e o desejo de convergência ecumênica com o Catolicismo. Isso se reflete nos textos da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC). Ambas buscam identificar o quanto possível convergências e onde estão as divergências justamente nas doutrinas marianas. Nos documentos da ARCIC, temos um destaque para as Devoções Privadas dos teólogos anglicanos da Alta Igreja.

No século XVII, escritores, como Lancelot Andrews, Jeremy Taylor e Thomas Ken re-apropriaram-se da tradição patrística de apreciação, mas completa do lugar de Maria das orações do crente e da Igreja. Por exemplo, Andrews, em seu *Preces Privatae*, fez uso das liturgias orientais ao mostrar calorosa devoção a Maria, ‘comemorando a toda santa, imaculada, mais que bem-aventurada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria. Essa reapropriação pode ser observada no século seguinte e no Movimento de Oxford, no século XIX (ARCIC, 2005, p. 37-38)

O entendimento dessa ponte entre os teólogos do século XVII e aqueles do século XIX, em Oxford, é crucial para compreender como a Igreja Anglicana se compreendia: a continuidade da Igreja Católica na Inglaterra e não uma denominação que romperia com Tradição milenar, através da Reforma Protestante. Diante disso, passamos para um próximo ponto importante: As Comissões ecumênicas têm contribuído bastante para articular uma reflexão teológica voltada para Mariologia. Nesse ínterim, a reflexão compartilhada entre católicos romanos e anglicanos exposta nos relatórios e documentos publicados pela própria ARCIC servem de norte teológico para as posições que podem ser assumidas (ou não).

Os documentos da ARCIC

A ARCIC (*Anglican–Roman Catholic International Commission*) é uma comissão internacional criada em 1967 com o objetivo de promover o diálogo teológico e a busca pela unidade entre a Comunhão Anglicana e a Igreja Católica Romana. Estabelecida após o encontro histórico entre o Papa Paulo VI e o Arcebispo de Cantuária, Michael Ramsey, a comissão tem se dedicado a identificar pontos de convergência doutrinária e a tratar, com espírito ecumênico, das diferenças que historicamente separaram as duas tradições. Ao longo de suas fases de trabalho, a ARCIC produziu documentos conjuntos sobre temas fundamentais, como Eucaristia, ministério e ordenação, autoridade na Igreja e Maria e a comunhão dos santos.

O documento do segundo encontro da ARCIC foi intitulado *Mary: Grace and Hope in Christ* (Maria: Graça e Esperança em Cristo,

publicado no Brasil em 2004), é central. Nesse documento, há afirmações de convergência: por exemplo, que é fiel às Escrituras dar atenção à pessoa de Maria. O documento afirma que “é impossível ser fiel às Escrituras sem dar devida atenção à pessoa de Maria”.

No mesmo documento, há uma afirmação comum de que Anglicanos e Católicos podem afirmar juntos que Deus levou a Virgem Maria “na plenitude de sua pessoa” à glória, algo consonante com as Escrituras – uma referência implícita à Assunção, embora sem definir exatamente o modo ou dogma como na Igreja Católica.

Quanto à Imaculada Conceição, o documento ARCIC observa que há dificuldade para muitos anglicanos aceitarem o modo pelo qual a Igreja Católica definiu esse dogma em 1854 como algo vinculativo, pois muitos anglicanos vêem que não há clara base bíblica ou consenso patrístico suficiente para definir dogmas tão tardios sem reservas.

Os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção suscitam um problema especial para os anglicanos, que não consideram que as definições precisas dadas por esses dogmas sejam suficientemente apoiadas pela Escritura (ARCIC, 2005, p.10).

No entanto, há reconhecimento de que a crença de Maria como “cheia de graça” ou “abençoada entre as mulheres” em Lucas, já abre espaço para considerações piedosas acerca da pureza de Maria.

Nós concordamos que só pode haver um mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo, e rejeitamos qualquer interpretação do papel de Maria que obscureça essa afirmação. Nós concordamos em reconhecer que a compreensão cristã sobre Maria está inseparavelmente ligada à doutrina de Cristo e da Igreja. Nós concordamos em reconhecer a graça e a vocação única de Maria, Mãe de Deus encarnado (*Theotókos*), em observar suas festas e assentirmos com sua honra na comunhão dos santos. Nós concordamos que ela foi preparada pela graça divina para ser a mãe de nosso Redentor, por quem ela mesma foi redimida e recebida na glória. Nós concordamos ainda em reconhecer Maria como um modelo de santidade, obediência e fé para todos os cristãos. Aceitamos que é possível tê-la como uma figura profética da Igreja de Deus tanto antes como depois da Encarnação (ARCIC, 2005, p. 10).

A iniciativa divina na história da humanidade é proclamada na Boa Nova da concepção virginal por meio da ação do Espírito Santo (Mt 1, 20-23; Lc 1,34-35). A concepção virginal pode aparecer primeiramente como uma ausência, isto é a falta de um pai humano. Na verdade, no entanto, é um sinal da presença da ação do Espírito (ARCIC, 2005, p.18)

As festas e devoções marianas no Anglicanismo variam muito conforme província, tradição local (seja ela *High Church*/Anglo-católico ou *Low Church*/evangélico). Algumas Províncias celebram até mesmo a Assunção, outras só aquelas festas estritamente bíblicas e no calendário do Livro de Oração Comum. O uso de ícones ou estátuas de Maria, devoções particulares (orações, hinos) também variam. A liturgia anglicana permite espaço para devoções privadas ou comunitárias, desde que não entrem em conflito com a doutrina local.

O documento *Maria: Graça e Esperança em Cristo* serve como um documento articulador de esperança e convergência: que Maria é exemplar, que sua ação de *fiat* é paradigmaticamente cristológica, que ela participa no plano da salvação ao dar sua cooperação. Mas o documento também ressalta que, embora Anglicanos possam aceitar os dogmas católicos como compatíveis com Escritura, não é exigido que todos os anglicanos os aceitem como dogmas obrigatórios.

Outro aspecto da Mariologia Anglicana é a prática da oração e devoção mariana: algumas províncias ou igrejas locais adotam orações como “Ave Maria”, ou hinos marianos, ou rosários, ou festas marianas, enquanto outras vêem essas práticas como opcionais ou não centrais. A prática depende bastante da tradição local (anglo-católico *vs* evangélico).

A exemplo de Lutero, os anglicanos acreditam que Maria deve ser saudada, elogiada, honrada, mas nunca “invocada”, como afirma o documento:

Nós concordamos que só pode haver um mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo, e rejeitamos qualquer interpretação do papel de Maria que obscureça essa afirmação. Nós concordamos em reconhecer que a compreensão cristã sobre Maria está inseparavelmente ligada à doutrina de Cristo e da Igreja. Nós concordamos em reconhecer a graça e a vocação única de Maria, Mãe de Deus encarnado (*Theotókos*), em observar suas festas e em assentirmos com sua honra na comunhão dos santos (...). (ARCIC, 2005, p.10).

Nos extremos das possibilidades da teologia anglicana atual, há também o uso da pessoa e da vida de Maria como figura tipológica que podem ser desenvolvida e aprofundada a partir de temas específicos na teologia. Por exemplo, Maria como nova Eva, Maria como modelo de oração e fé, Maria como cumprimento de promessas dadas ao povo de Deus, Maria no *Magnificat* como símbolo da ação de Deus e da justiça de Deus para os pobres e oprimidos.

Dentro da cultura anglicana há reconhecimento de que aspectos da devoção mariana ajudam à espiritualidade, à oração contemplativa, hinos, arte sacra, literatura cristã, e que Maria pode ser “porta de adoração de Cristo” – ou seja, Maria serve para dirigir a fé dos crentes para Cristo, não para si mesma. Essa é uma ênfase constante: Maria como modelo, como figura que aponta para Cristo. Na declaração conjunta da ARCIC, *Crescer Juntos na Unidade e na Missão*, a prática de pedir a intercessão ou a oração dos santos ou da Virgem diante de Deus é apresentado como um lembrete de que a Igreja é uma comunhão (*koinonia*) entre os céus e a terra.

Embora se reconheça que alguns anglicanos fazem isso, e se diga que isso não é um fator de divisão na comunhão, nenhuma explicação positiva de tal prática é apresentada. Os anglicanos que podem a intercessão de Maria e dos santos fazem isso porque acreditam que a Igreja é uma comunhão que engloba os vivos e os mortos. Deus quer que oremos uns pelos outros e peçamos a outros que orem por nós porque esse é um modo de nos unir no amor. Isso é parte do mistério da prece de intercessão. Não pedimos as preces de Maria e dos santos porque tememos ir diretamente a Deus da mesma forma que não é por isso que pedimos aos amigos que orem por nós. Pedimos a eles que orem porque isso nos une em companheirismo e comunhão. Deus quer nos ajudar através das petições de outras pessoas. Maria e os santos são exemplos, modelos de vida, fontes de inspiração e encorajamento. São também amigos que se colocam ao nosso lado, companheiros discípulos que nos sustentam em nossa peregrinação. Nenhum cristão está obrigado a solicitar as preces de Maria e dos santos, mas esse costume é um poderoso meio de lembrar a natureza da Igreja como comunhão (ARCIC, 2010, p. 146).

Por outro lado, alguns teólogos anglicanos contemporâneos – geralmente da corrente Liberal e Ativista – têm refletido sobre Maria do ponto de vista feminista, ou eco-teológico, ou teologia contextual, questionando como Maria pode inspirar teologias contemporâneas (identidade, gênero, maternidade, obediência, etc.). Isso é visível em clérigos e teólogos da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, como a Reverenda Lizzie McManus-Dail. O problema destas posições reside no tensionamento entre a liberdade de expressão teológica e a fidelidade à tradição, levando a interpretações divergentes da fé e a fragilidade da unidade doutrinária e eclesial dentro e fora da Comunhão Anglicana.

No diálogo ecumênico com católicos romanos, anglicanos frequentemente expressam que embora haja diferenças nos modos de formulação e entendimento, há grande respeito e reconhecimento das mesmas Escrituras, dos mesmos primeiros concílios, dos Padres da Igreja, e um desejo de unidade. Os documentos ARCIC procuram destacar o “consenso mariológico” sem forçar uniformidade em crenças que para muitos anglicanos seriam consciência individual ou tradição provincial.

Algumas províncias anglicanas têm promovido aparições ou práticas devocionais marianas particulares – como Walsingham na maior parte da Comunhão Anglicana, mas também Guadalupe, entre os latinos nos Estados Unidos e Caribe –, enquanto outras rejeitam ou consideram irrelevantes essas práticas. Geralmente elas não têm status doutrinário, mas podem ter status litúrgico ou devocional local.

Outras comissões, como a Comissão Internacional Anglicana-Ortodoxa Oriental (*Anglican–Oriental Orthodox International Commission*), também contribuem para os debates. A AOOIC foi criada em 2001 e iniciou seu trabalho abordando questões de Cristologia. Com base nos diálogos entre as Igrejas Ortodoxa Oriental e Católica Romana, a Comissão rapidamente produziu um rascunho de um acordo com um sobre Cristologia, que está atualmente sendo analisado pelas Igrejas da Comunhão Anglicana. Após uma longa suspensão desde 2003, o Diálogo foi retomado, com uma reunião no Reino Unido em 2013 e no Cairo em 2014. A reunião do Cairo viu a assinatura da *Declaração Acordada sobre Cristologia*. Em 2017, a Comissão publicou uma Declaração Acordada “A Processão e a Obra do Espírito Santo”. Esse documento se tornou uma ponte entre os anglicanos e ortodoxos, reconhecendo que o texto e uso da fórmula original do Credo Niceno,

não possuía a “cláusula do *Filioque*” (que declara que o Espírito Santo ‘procede do Pai e do Filho’), ainda em uso por Roma.

Sobre questões marianas, a única citação apontada sobre Maria, diz respeito ao reconhecimento do Concílio de Éfeso pelas duas Comunhões de Igrejas. Vale lembrar que as Igrejas Ortodoxas Orientais aceitam apenas três Concílios Ecumênicos: Nicéia (325 d.C.), Constantinopla (381 d.C.) e Éfeso (431 d.C.). Elas não reconhecem nenhum concílio realizado após este como ecumênico. O Ato de Supremacia Elisabetano de 1559 faz referência à autoridade dos quatro primeiros concílios, e isso é replicado em obras teológicas do período e posteriores. No entanto, a visão não é uniforme, e os formulários anglicanos frequentemente se referem à autoridade dos concílios sem especificar um número específico e, às vezes, fazem referência a concílios além dos quatro primeiros.

Em Éfeso, a questão em disputa era sobre a pessoa de Cristo (divina e humana), em que, Nestório defendia que o nascimento pela Virgem Maria fazia dela apenas “Mãe de Cristo”, não “Mãe de Deus”.¹³ Assim, os principais documentos da AOOIC que abordam a questão são *A Herança dos Concílios Ecumênicos na Igreja* (2022) e a *Declaração sobre Cristologia* (2002), que citamos a seguir, os trechos correspondentes.

Em 431 d.C., o Concílio de Éfeso foi convocado pelo imperador romano Teodósio II (408-50 d.C.) em um esforço para alcançar consenso na Igreja, que foi novamente ameaçada por divisões sobre Cristologia. O Concílio confirmou o Credo Niceno-Constantinopolitano e condenou os ensinamentos de Nestório, Patriarca de Constantinopla, que dividiu em duas a pessoa de Cristo e sustentou que apenas a humanidade de Cristo (e não o Verbo Encarnado) nasceu da Virgem Maria, que, portanto, seria chamada de *Christotokos*, “portadora de Cristo”, mas não de *Theotókos*, “portadora de Deus”. O Concílio de Éfeso só obteve reconhecimento como ecumênico quando sua fé foi posteriormente aceita pela Igreja de Antioquia em 433, por meio da Fórmula da Reunião (AOOIC, 2002).

¹³ Inclusive, é um erro teológico que em textos litúrgicos – como a Oração Eucarística G, do Livro de Oração Comum da IEAB (2015-2021), faça referência à Virgem Maria como “mãe de nosso Senhor Jesus Cristo”, e não como “Mãe de Deus”. Utilizar o termo *Theotókos*, é reafirmar que Cristo é Deus (João 1:1; João 1:14).

De acordo com este sentido da união inconfundível, confessamos que a Santíssima Virgem é a *Theotókos*, porque Deus, o Verbo, encarnou-se e fez-se homem, e desde a própria concepção uniu a si aquela humanidade perfeita, sem pecado, que ele tomou dela (AOOIC, 2010).

Como se percebe, não são muitos os documentos publicados e comentados pela Comissão Internacional Anglicana-Ortodoxa Oriental, quando comparados com aqueles produzidos pela ARCIC. Porém, todos eles reafirmam a fé ortodoxa, partilhada pelas duas Comunhões. Isso faz com que, a doutrina anglicana seja uma doutrina ortodoxa, inclusive no que tange a figura da Virgem Maria e seu papel no plano de Salvação, pela Encarnação do Filho de Deus.

Ao final do documento da ARCIC de 2005, no tópico 73, com o título *O ministério de Maria*, a Comissão aborda a questão das aparições marianas, de modo muito sábio, apontando também algumas questões que estão ligadas a devoções populares marianas e os santuários que surgiram e cresceram em torno delas, a exemplo de Walsingham, que se trata de uma revelação privada dada a Lady Richeldis.

Muitos cristãos acham que dar expressão devocional à apreciação do Ministério de Maria enriquece sua adoração a Deus. A autêntica devoção popular a Maria, a qual por sua natureza exibe uma diversidade amplamente individual, regional e cultural, deve ser respeitada. As multidões, que se reúnem em alguns lugares onde se acredita que Maria apareceu, sugerem que tais aparições são uma importante parte dessa devoção e proporcionam conforto espiritual. Há a necessidade de um discernimento cuidadoso ao avaliar o valor espiritual de uma suposta aparição (ARCIC, 2005, p. 57-58).

Do mesmo jeito, em 26 de junho de 2000, a Congregação para Doutrina da Fé, publicou o Comentário teológico da mensagem de Fátima, diante da virada do milênio e as celebrações que se seguiram.

Revelação privada [...] pode ser uma ajuda genuína na compreensão do Evangelho e na melhor vivência de um momento particular no tempo; por essa razão, não deve ser desprezada. É uma ajuda oferecida, mas ninguém é obrigado a usá-la [...]. O critério para a veracidade e valor de uma revelação privada é, assim, sua orientação ao

próprio Cristo. Quando nos leva para longe dele, quando se torna independente dele ou se apresenta como outro e melhor plano de salvação, mais importante que o Evangelho, então certamente não vem do Espírito Santo (In: ARCIC, 2010).

As revelações privadas, compreendidas como experiências espirituais nas quais indivíduos afirmam receber mensagens ou visões divinas, sempre suscitaram na Igreja uma postura de discernimento e prudência. Desde a Idade Média, quando figuras como Hildegarda de Bingen, Catarina de Sena e Brígida da Suécia relataram visões que influenciaram a teologia e a espiritualidade cristãs, a Igreja reconheceu nelas possíveis sinais da ação de Deus, mas jamais as colocou acima da Revelação pública encerrada nos tempos apostólicos.

A tradição católica, especialmente após o Concílio de Trento, distinguiu claramente a Revelação, definitiva e vinculante, das revelações privadas, que podem edificar os fiéis, mas não obrigam à fé. Por isso, mesmo quando aprovou aparições como as de Lourdes ou Fátima, o fez após rigorosos processos teológicos, sempre advertindo que tais experiências devem ser julgadas à luz das Escrituras, da doutrina e dos frutos espirituais que produzem.

Entre os anglicanos, a atitude diante das revelações privadas seguiu linha semelhante, ainda com muito mais cautela, diante dos excessos observados desde a Idade Média. Durante a Reforma, a Igreja da Inglaterra valorizou a autoridade das Escrituras e a Tradição apostólica como critérios supremos de fé, tratando com reserva qualquer forma de Misticismo que pudesse ameaçar a unidade doutrinária. Contudo, o Anglicanismo nunca rejeitou totalmente a dimensão mística da experiência cristã. Teólogos como Lancelot Andrewes e, mais tarde, os membros do Movimento de Oxford reconheceram que Deus continua a agir e a inspirar os crentes de formas misteriosas, desde que essas manifestações conduzam à adoração e à santidade de vida. A partir do século XIX, com o florescimento do Anglo-Catolicismo, essa abertura espiritual encontrou expressão em renovadas formas de piedade, entre as quais se destaca o renascimento da devoção mariana.

É nesse contexto que surge o Santuário de Nossa Senhora de Walsingham, restaurado em 1931 por Alfred Hope Patten, que afirmou ter recebido uma inspiração interior para reconstruir a antiga “Santa Casa” em solo inglês. Embora não seja considerada uma revelação no

sentido estrito, essa experiência simboliza a compreensão anglicana de que o Espírito Santo continua a agir na história, despertando a fé e a devoção. Assim como no Catolicismo a Igreja examina e discerne as revelações privadas, o Anglicanismo acolhe tais experiências com reverência e sobriedade, vendo nelas possíveis “graças privadas”, que podem ser compreendidos como sinais do cuidado divino que chamam à conversão e à contemplação do próprio Deus. Tanto em Roma quanto em Cantuária, a verdadeira Revelação permanece a mesma: Cristo é o centro, e todas as manifestações autênticas do Espírito conduzem, pela intercessão de Maria, à adoração do Verbo feito carne.

Em todos os documentos ecumênicos das comissões aqui apresentadas, seus signatários procuram deixar explícito o desejo de construir pontes tornando suas reuniões e produções teológicas referências importantes no campo do diálogo, evidenciando que, apesar das divergências ainda existentes, há uma base substancial de fé compartilhada que aproxima católicos e anglicanos no testemunho cristão comum.

Em conclusão, tanto no magistério católico quanto na teologia anglicana, toda reflexão sobre a figura de Maria (Mariologia) deve ser sempre compreendida de modo cristocêntrico, ou seja, deve sempre apontar para o mistério da Encarnação de Cristo, seu Filho e Redentor. A figura de Maria não deve ser tomada de forma isolada – a exemplo da imagem de Walsingham em que a Virgem carrega o Menino em seu colo –, mas situada dentro do plano da salvação e em íntima relação com a Igreja. Por isso, tanto a reflexão católica quanto a anglicana possui também uma dimensão eclesiológica, apresentando Maria como imagem da Igreja e também Mãe da Igreja¹⁴, exemplo perfeito de obediência, santidade e de fé.

¹⁴ Em 2023, o tema da Peregrinação Nacional ao Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham, foi “Maria, Mãe da Igreja”.

CONCLUSÃO

Quem são todas as mulheres, servos, senhores, príncipes, reis, monarcas da Terra comparados com a Virgem Maria que, nascida de descendência real (descendente do rei Davi) é, além disso, Mãe de Deus, a mulher mais sublime da Terra? Ela é, na cristandade inteira, o mais nobre tesouro depois de Cristo, a quem nunca poderemos exaltar bastante (nunca poderemos exaltar o suficiente), a mais nobre imperatriz e rainha, exaltada e bendita acima de toda a nobreza, com sabedoria e santidade. (Martinho Lutero, no *Magnificat*)

Os louvores a Maria, Mãe de Deus, atravessam os séculos. Desde o início da Igreja no Oriente, no século VI, surgiram hinos de rara beleza, como o *Akathistos*, em que o povo aclamava: “Salve, ó tu por quem resplandece a alegria; salve, ó tu que destróis o império das trevas!”. Este antigo poema mariano, recitado de pé em vigílias e festas, é um testemunho da veneração profunda que o cristianismo oriental devotou à Mãe de Deus. No Ocidente, a piedade mariana floresceu a partir da Idade Média, com os monges entoando cântico *Salve Regina*: “Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve!”. Este hino, composto por volta do século XI, tornou-se um dos mais conhecidos da Cristandade. Outro cântico, o *Ave Maris Stella* (Ave, Estrela do Mar), cantado desde o século VIII, pedia sua intercessão com humildade e confiança: “Mostra que és Mãe, fazendo que, por ti, receba nossas preces Aquele que, nascido por nós, quis ser teu Filho”.

Durante os séculos XII e XIII, poetas e teólogos, como São Bernardo de Claraval, derramaram ternura em palavras dedicadas à Virgem. Em um de seus sermões, ele escreve: “Ao lembrar o nome de Maria, não se pode deixar de sentir doçura no coração, nem de brilhar luz nos olhos”. Surgiram cânticos, como o *Ave Maria*, *Virgo Serena*, que, repetido em rosários e procissões, unia o povo simples à meditação sobre os Mistérios da Vida de Cristo. Os trovadores medievais também celebraram Maria em seus versos, chamando-a de “Flor das flores” e “Rosa sem espinhos”, símbolos da pureza e da beleza divina.

Com o Renascimento e o Barroco europeu, os louvores marianos se tornaram também expressão da arte sacra. São Luís Maria Grignon de Montfort, em seus textos, vai afirmar de forma poética:

“Deus ajuntou todas as águas e deu nome de mar; ajuntou todas as graças e deu nome de Maria”. Grandes compositores criaram obras em sua honra, como o *Magnificat* de Monteverdi, o *Ave Maria* de Gounod sobre a melodia de Bach e as harmonias celestes de Palestrina e Schubert, que transformaram em música a veneração à Mãe de Jesus. No mesmo período, a poesia religiosa enriqueceu o imaginário devocional, com versos como os do Padre Anchieta, escrito em meio às praias do Brasil, em seu *Poema à Virgem Maria*: “Ó Virgem Mãe, Senhora soberana, Do Sol nascente ao poente és louvada; Em ti refugia o pecador aflito, Em ti a alma cansada é consolada. Tu, Mãe de Deus, és Mãe de piedade, Tu és do Céu a mais bela flor, Rainha do mundo, esperança dos homens, Luz dos mortais, espelho do amor”.

Nos séculos XIX e XX, com as aparições reconhecidas em Lourdes, Fátima e Walsingham, os louvores a Maria renovaram-se como cânticos de fé e esperança diante das dores da humanidade. Os dogmas da Imaculada Conceção (1854) e da Assunção de Maria (1950) inspiraram novas expressões de devoção, reafirmando o papel singular da Virgem na história da salvação. Em muitas línguas, continuam a nascer hinos e poemas que exaltam sua ternura materna e intercessão.

Hoje, a Igreja espalhada pelo mundo continua a cantar: *Magnificat anima mea Dominum* (“A minha alma engrandece o Senhor”). Do Oriente ao Ocidente, dos mosteiros silenciosos às grandes catedrais, das pequenas capelas aos grandes santuários, a Virgem Maria é louvada como a Estrela do Mar, a Porta do Céu, a Mãe da Igreja, sendo modelo de santidade para a humanidade redimida por seu filho Jesus. Seus louvores, seja em canto gregoriano, poesia barroca ou simples oração popular, revelam o amor perene dos cristãos por aquela que, ao dizer “sim” a Deus, tornou-se o eco mais puro do Verbo eterno.

Mas, sem dúvida a oração que melhor retrata a centralidade de Cristo no plano de Salvação da humanidade e o papel da Virgem Maria, como aquela escolhida por Deus para dar a luz a seu Filho Unigênito, é a oração conclusiva da Ladainha de Nossa Senhora de Walsingham: “Única dentre todas as mulheres, Mãe e virgem, Mãe bem-aventurada, Virgem pura, agora nós, impuros como somos, viemos dizer que sois toda pura. Nós vos saudamos; nós vos veneramos e a vós apresentamos nossas vidas. Que vosso Filho nos conceda que, imitando sua santíssima vida, pela graça do Espírito Santo, possamos nós, também merecer espiritualmente conceber nosso Senhor Jesus Cristo no íntimo de nossa alma e, uma vez concebido, nunca mais perdê-lo. Amém.”

REFERÊNCIAS

ADUCCI, Edésia. *Maria e seus títulos gloriosos*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

AOOIC. Anglican–Oriental Orthodox International Commission. *The Inheritance of Ecumenical Councils in the Church*. England: Braintree, 2022.

ARCIC. Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana. *Maria: graça e esperança em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

ARCIC. Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana. *Crescer Juntos na Unidade na Missão: Uma declaração conjunta da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

BARNES, John. *XV Devotions of Our Lady: From Anglican Writers of the XVII Century*. London: Society of S. Peter & S. Paul, 1973.

BRITT, John F. Newman's Use of Sacred Scripture in Texts on the Incarnation and Mary (Excerpts), *Marian Library Studies*: Vol. 24, Article 3, 1995, p. 197-264.

CHURCH TIMES. “Nazareth Of England” – *Opening of Our Lady's Shrine at Walsingham*. By a Special Correspondent. 23 out. 1931.

DICKENS, Andrea J. *The Female Mystic: Great Women Thinkers of the Middle Ages*. London: I. B. Tauris, 2009.

FYNES-CLINTON, H.J. *The armorial bearings of Our Lady. The Guardian's Grant of Arms*. The Archives of the Anglican Shrine of Our Lady of Walsingham, 1945. Disponível em: <https://walsinghamanglicanarchives.org.uk/grantofarms.htm>. Acesso em: 24 set. 2025.

HAWKES, John. *Methodism in Walsingham in the 19th Century*. Walsingham Centenary Publication S. No. 3.

LAHEY, William L. The Blessed Virgin Mary in the Theology and Devotion of the Seventeenth Century Anglican Divines, *Marian Studies*: Vol. 38, Article 14. 1987.

LELOUP, Jean-Yves. *O Ícone: uma escola do olhar*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MICHAEL, Mark. *Original Our Lady of Walsingham Statue May Be in London's V & A*. The Living Church, 09 ago. 2019. Disponível em: <https://livingchurch.org/news/news-anglican-communion/original-our-lady-of-walsingham-statue-may-be-in-londons-v-a/>. Acesso em: 24 set. 2025.

PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THE *Pynson Ballad*. Walsingham Anglican Medieval. Disponível em: <https://www.walsinghamanglicanmedieval.org.uk/pynson.htm>. Acesso em: 24 set. 2025.

WESLEY, John. *The Works of the Rev. John Wesley*. Volume IV. Containing, The Doctrine of Original Sin, and Tracts on Various Subjects of Polemical Divinity. New York: J.&J. Harper, 1827.

ANEXO

A imagem perdida foi encontrada?

Fonte: Mark Michael, publicado no site *The Living Church*, em 09 de agosto de 2019.

Com essa pergunta iniciamos o final desta parte. Em 2019, uma notícia deixou todos os ingleses e devotos da Senhora de Walsingham atentos, na expectativa de que uma peculiar imagem da Virgem Maria poderia ser a imagem que acreditava-se ter sido destruída, mas que poderia estar guardada em um museu em Londres. Trata-se da Madonna de Langham. Esta “descoberta” foi abordada em um artigo publicado no site *The Living Church*, o qual reproduzimos na íntegra abaixo, dada a profundidade do estudo realizado e a matéria publicada à época.

A estátua original de Nossa Senhora de Walsingham pode estar no Museu Victoria and Albert de Londres



A Madonna Langham (à esquerda) e a estátua moderna em Walsingham
Fotos: ©Victoria and Albert Museum, Londres; walsingham.org.uk

Os detalhes se espalham como os elementos do enredo de uma clássica história britânica de detetive: uma estátua imbuída de poder sagrado; um agente real empenhado em sua destruição, frustrado por uma família de conspiradores tradicionalistas. Transmitida ao longo de gerações, foi vendida por uma ninharia, apenas para ser redescoberta por dois historiadores de arte nos corredores de uma das galerias mais famosas do mundo. Adicione um armazém de discos bombardeado na Blitz, um campo tão bucólico quanto St. Mary Mead de Miss Marple e uma lenda piedosa e persistente de que, como o Rei Arthur adormecido, a verdadeira imagem espera pelo momento certo para ressurgir e trazer um renascimento espiritual à terra outrora chamada de “Dote de Nossa Senhora”.

Os historiadores da arte ingleses Padre Michael Rear e Frances Young propõem exatamente essa história num artigo publicado recentemente no *The Catholic Herald*. A Madonna Langham, uma estátua inglesa desgastada do século XIII no Victoria and Albert Museum de Londres, afirmam, é na verdade a estátua original de Nossa Senhora de Walsingham, a imagem mais sagrada da Inglaterra medieval.

Os historiadores há muito presumem que a simples estátua de madeira da Madonna com o Menino que ficava ao lado do altar principal do santuário foi retirada e destruída em 1539, quando a Igreja do Priorado em Walsingham foi demolida e a sua comunidade religiosa dispersada por ordem do rei Henrique VIII. Os relatos contemporâneos sobre o destino da estátua, porém, são notavelmente vagos. Eles listam dois locais diferentes para a queima da estátua – na pira dos hereges em Smithfield e no tribunal da casa de Thomas Cromwell em Chelsea. Não há relatos de testemunhas oculares do evento.

Rear e Young propõem, em vez disso, que a estátua, amplamente conhecida pelos seus poderes milagrosos, foi escondida por fiéis católicos locais (um fenômeno amplamente documentado na obra de Eamon Duffy). Eles até descobriram um potencial mentor, o Rev. John Grigby, vigário de Langham, Norfolk, uma pequena aldeia a seis milhas de Walsingham. Grigby foi preso em 1537 como parte da “Conspiração de Walsingham”, uma conspiração frustrada para defender com armas a iminente destruição do santuário, que foi idealizada entre os camponeses das aldeias vizinhas por Ralph Rogerson, um fazendeiro que também trabalhava como corista leigo da igreja do priorado. Ao contrário dos principais conspiradores, que

foram enforcados, arrastados e esquartejados, Grigby foi autorizado a regressar ao seu ministério.

Os paroquianos mais proeminentes de Grigby em Langham foram os Calthorpes de Langham Hall, que resistiram à pressão para aceitar a nova fé anglicana, permanecendo recusantes ou católicos secretos. Outra família recusante, os Rookwoods de Euston, Suffolk, herdou Langham Hall alguns anos depois, em 1555.

Sabe-se que a família tentou esconder pelo menos uma outra imagem de Nossa Senhora nas décadas após a Reforma Inglesa. Em 1578, durante a visita da Rainha Elizabeth, Edward Rookwood foi preso quando uma imagem de Nossa Senhora de Euston foi encontrada em sua posse, escondida em um palheiro. A estátua foi queimada e Rookwood foi preso. Mas talvez as autoridades não tenham notado uma imagem ainda mais famosa, também escondida em Langham Hall.

A semelhança entre a Madonna de Langham e as imagens modernas de Nossa Senhora de Walsingham tem sido notada há muito tempo pelos perspicazes patronos do V&A. A primeira estátua moderna foi encomendada em 1922 pelo Padre Alfred Hope Patten, o vigário anglo-católico de Little Walsingham, como parte de seu projeto para fundar novamente o santuário em ruínas. Hope Patten instruiu os entalhadores bávaros que construíram a estátua a trabalhar a partir do modelo do selo do priorado medieval, a única representação sobrevivente da estátua.

Mas a ideia de que a Madonna de Langham poderia ser a verdadeira estátua do santuário do século XIII raramente foi considerada. Rear e Young propõem que isso se deve a um erro no registro de proveniência repassado ao museu quando a estátua foi comprada em 23 de dezembro de 1925, por apenas £ 2.10 em um salão de Londres.

Como bem sabem os viajantes ingleses, aldeias em regiões muito diferentes do país às vezes levam o mesmo nome. Existem, na verdade, três aldeias na Inglaterra chamadas Langham, em Norfolk, Essex e Rutland. O salão de vendas de Londres alegava que a Madonna viera de Langham Hall, Essex, perto de Colchester, um lugar que não tinha qualquer associação com o clero conspirador e com a nobreza recusante que escondia estátuas.

Uma conexão com Langham, perto de Walsingham, foi sugerida em 1931 pelo famoso vigário anglo-católico de São Magno, o Mártir, Henry Fynes-Clinton. Em uma carta ao *The Tablet* em 1931, Fynes-

Clinton, que também foi um dos Guardiões originais do santuário fundado novamente, observou: “Recentemente foi descoberta numa antiga casa perto de Walsingham, e vendida, uma antiga figura esculpida em madeira aparentemente do século XII que quase sem dúvida é uma cópia da Imagem de Walsingham, ou mesmo, podemos pensar, a original.”

Rear e Young admitem que a Madonna de Langham pode ser apenas uma cópia posterior (cópias devocionais eram comuns na época como são agora). A suposta origem da Madonna de Langham no século 13 poderia ser confirmada através da datação por carbono. Mas os registros do salão de Londres foram destruídos durante a Segunda Guerra Mundial, quando o armazém onde estavam armazenados foi atingido por uma bomba nazista.

Mas os historiadores da arte apontam para detalhes incomuns, evidências circunstanciais que tornam mais provável que a estátua seja na verdade a Nossa Senhora de Walsingham original. A Madonna de Langham tem um entalhe bem cinzelado em sua base que pode indicar a remoção de um sapo observado por Erasmo durante sua visita ao Santuário em 1512. Uma faixa ao redor de sua cabeça poderia ter sido projetada para prender a grande coroa doada pelo rei Henrique III em 1246. Uma série de orifícios para cavilhas na parte de trás da imagem poderia ter sido usada para prendê-la ao trono mostrado no selo do priorado medieval.

O reverendo Kevin Smith, o atual sacerdote administrador do Santuário de Nossa Senhora de Walsingham, disse que está intrigado com a possibilidade de que a Madonna Langham possa ser a original, mas há muitas incertezas no caso de Rear and Young para convencê-lo. “É um motivo de interesse, mas nada está provado e provavelmente nada será provado”, disse ele ao *The Living Church*. “A imagem teria sido queimada, mas havia esperança de que ela aparecesse novamente. Até agora, não houve nenhuma evidência disso. Mas sempre dissemos: não seria maravilhoso se aparecesse no jardim de alguém.”

Ainda assim, ele está entusiasmado com a forma como as reivindicações estão trazendo a história de Walsingham à vida novamente. “Acho que é uma oportunidade maravilhosa para fazer as pessoas falarem sobre Nossa Senhora de Walsingham. Se for a estátua original, maravilhoso. Caso contrário, ainda é maravilhoso visitar algo que aconteceu há mil anos e celebrar Nossa Senhora, que influenciou a vida de tantas pessoas.”

Smith disse que visitou recentemente a Madonna Langham no V&A depois de saber das afirmações dos historiadores. “É uma estátua muito bonita, mas está em péssimo estado de conservação. Parece muito diferente estar em uma caixa de vidro com uma etiqueta.”

Ele disse que mesmo que se prove que a estátua de Langham é a imagem original do santuário, ele se contenta em manter aquela que o Padre Hope Patten projetou para a Santa Casa em 1922, especialmente desde que a estátua de 1922 foi recentemente restaurada, a um custo considerável. “Vamos manter as coisas como estão”, disse Smith. Ele observou que um Festival de Walsingham foi realizado pela primeira vez na Abadia de Westminster em maio passado, e a estátua restaurada foi levada em procissão e colocada no local onde os reis e rainhas ingleses são coroados. Uma primeira visita semelhante ao Norte de Inglaterra está planeada para o futuro.

Em qualquer caso, admitiu Smith, é improvável que as autoridades do V&A algum dia permitam que a estátua de Langham seja levada para Walsingham (ou a vendam de volta pelo preço de compra de 1925). “Mesmo que fosse provado que é verdade, é muito improvável que o V&A permitisse que fosse retirado do museu ou usado de forma devocional. Se fosse verdade, não há muito que possamos fazer com isso.”

O Rev. Jeff Queen, reitor da Igreja Episcopal de St. Andrew em Fort Thomas, Ky., recentemente fundou novamente os Amigos dos Estados Unidos de Nossa Senhora de Walsingham, uma organização que promove e apoia o trabalho do santuário. Ele concorda com Smith que faz pouco sentido propor um caso semelhante ao dos mármore de Elgin para a repatriação da estátua para Walsingham. “Eu imagino que deveria permanecer no V&A”, disse ele ao The Living Church, “para que não apenas os fiéis que vão a Walsingham possam vê-lo, [mas] para que todo o mundo que vem [para Londres] tenha a oportunidade para ver isso.”

Ele acrescentou que está grato pelo novo interesse pela estátua. Mas a aparição original de Maria, no século XI, à Lady Richeldis e o edifício da Santa Casa, uma cópia da casa de infância de Jesus em Nazaré, são realmente mais importantes para a piedade de Walsingham do que a estátua. “Para mim, a aparição é o que importa. As outras coisas são lembretes visíveis e tangíveis disso. Acho o ícone dela aqui na minha paróquia tão profundamente comovente quanto estar na Santa Casa”.

Queen está intrigado, porém, com a possibilidade de a estátua original ter ficado escondida durante séculos. Ele comparou a história narrada por Rear and Young a uma pintura de Cristo na igreja de sua infância, que foi misteriosamente preservada do perigo quando um incêndio começou dentro do prédio.

Se a história fabulosa for verdadeira, ele disse que traria uma lição espiritual: “Em meio ao caos, Deus ainda nos protege e supre nossas necessidades. Havia pessoas fiéis que, embora a cultura tivesse mudado e parecesse ter virado de cabeça para baixo, ainda se apegavam à fé que lhes tinha sido dada e tentavam salvaguardar e protegê-la para aqueles que viriam depois deles.”